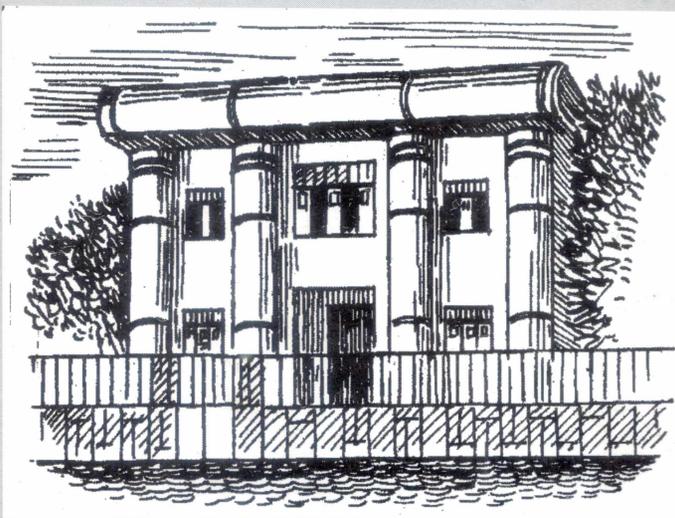


# REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS



ISSN 0567 - 5995

N. 33 - Vol. 45 - Janeiro/Junho de 2002



**REVISTA DA ACADEMIA  
NORTE-RIO-GRANDENSE  
DE LETRAS**

**Número 33 – Volume 45  
Janeiro / Junho – 2002**

**Digitação:** Cláudia Franco

**Revisão:** Pelos autores

**Capa:** Olavo Oliva

**Editoração eletrônica:** Erinaldo Silva de Sousa

Catálogo da Publicação na Fonte. UFRN / Biblioteca Central Zila Mamede  
Divisão de Serviços Técnicos

Revista da Acadfemia Norte-rio-grandense de Letras. – vol.1, n. 1 (1951).  
– . – Natal(RN): a Academia, 1951 –

Descrição baseada em: vol.45, n. 33 (jan./Jun. 2002)

Periodicidade semestral a partir do n. 31, v. 43

Publicada pela EDUFRN a partir do n. 31, v. 43

ISSN 0567-5995

1. Leitura brasileira – Periódicos. 2. Poesia Norte-rio-grandense – Periódicos. 3. Cultura – Rio Grande do Norte – Periódicos. 4. ensaios – Periódicos. 5. Ficção Norte-rio-gandense – Peródicos – I. Título.

RN/UF/BCZM

14/02

CDD 869 B

CDU 821.134.3(81)(05)

# DIRETORIA DA ACADEMIA

## **Presidente**

Diógenes da Cunha Lima

## **Vice-Presidente**

Paulo Macêdo

## **1º Secretário**

Nilson Patriota

## **2º Secretário**

João Batista Pinheiro Cabral

## **Tesoureiro**

Enélio Lima Petrovich

## **Diretor da Biblioteca**

João Wilson Mendes Melo

## **Diretor da Revista**

Manoel Onofre Jr.

## **Comissão de Contas**

Sanderson Negreiros, Gilberto Avelino e  
Maria Eugênia Montenegro

## **Comissão de Sindicância**

Jurandyr Navarro, Olavo de Medeiros Filho e  
José de Anchieta Ferreira



ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

PATRONOS E ACADÊMICOS

Situação em junho de 2002

Cadeira	Patrono	Primeiro Ocupante	Sucessores
01	Padre Miguelinho	Adauto Câmara	Raimundo Nonato da Silva; Sylvio Pedroza - falecido
02	Nísia Floresta	Henrique Castriciano	Hélio Galvão; Grácio Barbalho
03	Cons. Brito Guerra	Otto Guerra	José de Anchieta Ferreira
04	Lourival Açucena	Virgílio Trindade	Enélio Lima Petrovich
05	Moreira Brandão	Edgar Barbosa	Ascendino de Almeida; Manoel Onofre Jr.
06	Luís Carlos Wanderley	Carolina Wanderley	Gumercindo Saraiva; João Batista Pinheiro Cabral
07	Ferreira Nobre	Antônio Soares	Mariano Coelho; Nestor dos Santos Lima
08	Isabel Gondim	Matias Maciel	Walter Wanderley; Nilson Patriota
09	Almino Afonso	Nestor Lima	Cristóvão Dantas; Humberto Dantas; Peregrino Júnior; Dorian Gray Caldas
10	Elias Souto	Bruno Pereira	Paulo Macêdo
11	Padre João Maria	Januário Cicco	Onofre Lopes da Silva; Miguel Seabra Fagundes; Fagundes de Menezes; Paulo de Tarso Correia de Melo - eleito
12	Amaro Cavalcanti	Juvenal Lamartine	Veríssimo Pinheiro de Melo; Oswaldo Lamartine de Faria
13	Luís Fernandes	Luís da Câmara Casculo	Oriano de Almeida
14	Joaquim Fagundes	Antônio Fagundes	Raul Fernandes; Armando Negreiros - eleito
15	Pedro Velho	Sebastião Fernandes	Eloy de Souza; Antônio Pinto; Umberto Peregrino
16	Segundo Wanderley	Francisco Palma	Rômulo Chaves Wanderley; Maria Eugênia Montenegro
17	Ribeiro Dantas	Dioclécio Duarte	Aluizio Alves
18	Augusto Severo	Waldemar de Almeida	Dom Nivaldo Monte
19	Ferreira Itajubá	Clementino Câmara	Nilo Pereira; Murilo Melo Filho
20	Auta de Souza	Palmira Wanderley	Mário Moacir Porto; Dorian Jorge Freire
21	Antônio Marinho	Florianio Cavalcanti	Luís Rabelo; Valério Mesquita
22	Cônego Leão Fernandes	Cônego Luis Monte	Dom José Adelino; Cônego Jorge O'Grady de Paiva; Cônego José Mário Medeiros - eleito
23	Antônio Glicério	Bezerra Júnior	Othoniel Menezes; Jaime dos Guimarães Wanderley; Iaperi Soares de Araújo - eleito
24	Gothardo Neto	Francisco Ivo Cavalcante	Antídio Azevedo; Antônio Soares Filho; Tarcisio da Natividade Medeiros

25	Ponciano Barbosa	Aderbal de França	Inácio Meira Pires; João Wilson Mendes Melo
26	Manoel Dantas	José Augusto Bezerra de Medeiros	Diógenes da Cunha Lima
27	Aurélio Pinheiro	Américo de Oliveira Costa	Vicente Serejo
28	Padre João Manoel	Paulo Viveiros	Jurandyr Navarro
29	Armando Seabra	Esmeraldo Siqueira	Itamar de Souza
30	Mons. Augusto Franklin	Manoel Rodrigues de Melo	Aluísio Azevedo
31	Padre Brito Guerra	José Melquiades – falecido	
32	Francisco Fausto	Tércio Rosado	João Batista Cascudo Rodrigues
33	Tonha Dantas	Oswaldo de Souza	Hypérides Lamartine
34	José da Penha	Alvamar Furtado – falecido	
35	Juvenal Antunes	Edinor Avelino	Gilberto Avelino
36	Benício Filho	João Medeiros Filho	Olavo de Medeiros Filho
37	Jorge Fernandes	Newton Navarro	Luis Carlos Guimarães; Elder Heronildes – eleito
38	Luis Antônio	José Tavares	Jerônimo Vingt-un Rosado Maia
39	Damasceno Bezerra	Raimundo Nonato Fernandes	
40	Afonso Bezerra	Sanderson Negreiros	

# SUMÁRIO

- Machado, Nabuco e Rui – Murilo Melo Filho, 9  
A Lei: Os Dez Mandamentos – Diógenes da Cunha Lima, 12  
Um Poeta na Crise: Anderson Braga Horta – Nestor dos Santos Lima, 14  
A Arte Superior de Pigmalião – João Wilson Mendes Melo, 19  
Árvores – Maria Eugênia, 22  
Cronologia Brasileira – Aluisio Azevedo, 25  
Encontro Musical com Veríssimo de Melo – Grácio Barbalho, 29  
O Carroceiro da Turma – José de Anchieta Ferreira, 31  
O Meu Encontro com o “Motim das Mulheres” – Vingt-un Rosado, 33  
A Igreja Matriz do Assu – Século XVIII – Olavo de Medeiros Filho, 42

## **Novos Acadêmicos**

- Discurso de Posse do Acadêmico Tarcísio Medeiros, 47  
Discurso de Posse do Acadêmico Oswaldo Lamartine de Faria, 56  
Saudação a Oswaldo Lamartine de Faria – Vicente Serejo, 60

## **Galeria Acadêmica**

- Cônego Jorge O'Grady de Paiva – Jurandyr Navarro, 79  
Raul Fernandes – Jurandyr Navarro, 82  
Sylvio Pedroza – Murilo Melo Filho, 85  
Alvamar Furtado de Mendonça – Murilo Melo Filho, 105

## **Um Depoimento Inédito de Newton Navarro**

- Transcrição da entrevista do artista plástico e escritor Newton Navarro, concedida no Museu da Imagem e do Som, São Paulo, em 25/06/1982  
Apresentação – Marcos Silva, 127

## **Ficção**

- O Azul da Montanha – Enéas Athanázio, 167  
O Velho Zé Barroca – Mário Cavalcanti, 171

## **Poesia**

- O Náufrago – Aricy Curvello, 175  
Os Ciganos – Gilberto Avelino, 176  
Três Poemas de Nilson Patriota, 177  
Casa da Metáfora – Paulo de Tarso Correia de Melo, 181



# MACHADO, NABUCO E RUI

*Murilo Melo Filho \**

Por Machado de Assis, bem cedo começou a minha vida.

Lembro bem dos meus tempos de infância, em Natal, quando, certo dia, ouvi de Edgar Barbosa, meu Professor de Português e um dos maiores jornalistas de nossa terra, a seguinte opinião:

– Meu filho, se você pretende algum dia ser jornalista ou escritor, aceite um conselho: leia e releia Machado de Assis.

Na Biblioteca Municipal da minha cidade, eu tinha o direito de retirar um livro de cada vez, assinar um recibo e assumir o compromisso de devolvê-lo em sete dias, num inteligente sistema de rodízio, que me permitiu ler e reler todos os livros de Machado, lá existentes: os nove romances “Ressurreição” e “A Mão e a Luva”, passando por “Helena”, “Iaiá Garcia”, “Memórias Póstumas de Braz Cubas”, “Quincas Borba”, “Dom Casmurro”, “Esaú e Jacob”, até “Memorial de Aires”.

Essa leitura só fez crescer em mim uma provocante indagação:

– Como é que uma pessoa de origem tão humilde, filho de um operário, Francisco José e de uma lavadeira, Leopoldina, criado no morro do Livramento, coroinha na Igreja da Lampadosa, sem dinheiro para pagar seus estudos, aprendiz de tipógrafo na Imprensa Nacional, modesto funcionário do Ministério de Obras Públicas, mestiço, gago e epiléptico – pergunto: como é que um homem em condições tão adversas – conseguiu ser, ao mesmo tempo, um poeta, um contista, um crítico, um cronista, um teatrólogo, um jornalista, mas sobretudo um maravilhoso romancista e o maior escritor brasileiro de todos os tempos?

Ele é o melhor exemplo da ascensão de um pobre na escala da ascensão social.

Nas “Memórias Póstumas de Braz Cubas”, explodiu todo o seu talento de ficcionista, meio desiludido da vida, com ironia cética, – um pouco no molde e ao estilo britânicos – perplexo em face da presença e da destinação humanas, introduzindo a

instigante técnica de capítulos breves, e uma psicologia de alternativas, reticências, dúvidas e reservas, ao lado de uma inteligente tessitura dos seus atores e protagonistas.

Com “Dom Casmurro”, além de analisar psicologicamente o adultério em conotações metafísicas, ele construiu um grande mistério e um indevassável enigma, que subsistem até agora, um século depois de sua publicação: Capitu traiu ou não traiu Bentinho?

Julgamentos e júris simulados, em Nova York e em São Paulo, têm trazido a heroína machadiana ao banco dos réus.

E lá do seu túmulo, o Acadêmico Machado de Assis deve estar sorrindo com sua fleuma, diante da Esfinge e do segredo que deixou e que até hoje estão para ser decifrados e descobertos.

Seu estilo tem sido equiparado ao de Lawrence Sterne, Jonathan Swift, Michel Montaigne e Chateaubriand. E até, com certo exagero, a Miguel de Cervantes e William Shakespeare.

Viveu em dois regimes, o parlamentarista monárquico e o presidencialista republicano, assistindo à mutação de um para o outro. E retratou-os admiravelmente, com o seu pincel de grande artista, como se fosse um Lautrec ou um Rembrandt e estivesse fazendo uma denúncia panorâmica sobre os costumes sociais de sua época. Nessa missão, foi um gênio, hoje mítico.

Por isto mesmo, até agora, não surgiu nenhum escritor como proprietário da obra machadiana. Ela pertence à sua e a toda a nossa atual geração, que dele muito se orgulha.

Juntamente com Rui Barbosa e Joaquim Nabuco, Joaquim Maria Machado de Assis compôs o trio que Graça Aranha chamou de “A Santíssima Trindade da inteligência brasileira”.

Eles três, membros da Academia Brasileira de Letras, viveram da palavra e para a palavra, como autênticos esgrimistas do vernáculo e exímios maestros, regentes e orquestradores no emprego dos termos exatos e precisos do nosso idioma.

Eram três fascinados pela palavra, que manejavam como mágicos: os dois primeiros = Nabuco e Rui = nas missões diplomáticas, nos comícios, conferências, entrevistas, debates, na Embaixada em Washington, na tribuna do Senado, na campanha da Abolição e na Conferência de Haia, extrovertidos e elegantes, falando e pregando sempre, com seus estilos rebuscados e contundentes.

E o terceiro – Machado – introvertido e recluso, no seu refúgio do Cosme Velho, escrevendo e redigindo sem cessar, com um texto enxuto e perfeito, nos romances, crônicas, críticas, contos, nas peças teatrais e nos poemas.

Falando em nome da Academia Brasileira de Letras, no seu famoso discurso “Adeus a Machado de Assis”, pronunciado no dia 29 de setembro de 1908, o Acadêmico Rui Barbosa, que o sucederia durante dez anos na Presidência da ABL, disse, entre outras coisas, o seguinte:

– Até hoje, nunca havia erguido a minha voz sobre um túmulo, parecendo-me sempre que o silêncio era a melhor linguagem de nos entendermos com o mistério dos mortos. Mas, chegou a hora do grande adeus, que não se pronuncia sem ter o coração pesado da dor mais funda e sem remédio.

Mestre. Disse eu que nos íamos despedir. Mas a morte não extingue, transforma. Não aniquila, renova. Não divorcia, aproxima.

Para os eleitos, como tu, a miséria está na decadência e não na morte.

A nobreza de uma nos preserva das ruínas da outra.

À onipotência divina devemos a criação do Universo e a tua, companheiro e mestre, sobre cuja transformação na eternidade e na glória recaiam as suas bênçãos, como as da Pátria, que te reclina ao seio.

Venho fazer o louvor de quem soube viver intensamente da arte. Sem deixar de ser bom. Modelo foste de pureza e correção. De temperança e doçura.

\* Jornalista e escritor, membro das Academias Norte-rio-grandense e Brasileira de Letras.

# A LEI: OS DEZ MANDAMENTOS

*Diógenes da Cunha Lima \**

A lei é uma promessa de Direito. A doutrina, uma iluminação da lei. A jurisprudência deve ser o iluminado cumprimento dessa promessa.

Tenho dito aos meus amigos que, para cumprir a lei, basta cumprir os Dez Mandamentos. Afinal de contas, é a lei de Deus, resiste ao tempo, é perfeição. A lei dos homens é imperfeita como quem as faz. É homem de bem o que cumpre, ao mesmo tempo, cada um dos Dez Mandamentos.

Os Dez Mandamentos são a primeira Constituição escrita; cerca de 2.500 antes da famosa Magna Carta inglesa, considerada pelos juristas historiadores sempre a primeira. Até hoje Israel não tem outra constituição escrita. Tem o judaísmo como a religião do Estado. A Bíblia é manancial jurídico, assim nos fala o jurista, potiguar de coração, Adalberto Nóbrega.

A Constituição Brasileira tem 333 artigos: o Decálogo “dez palavras”, dez artigos. O dez é o mais sagrado dos números, representa a totalidade, o um de único e de universo, e o zero que toma a forma dos astros. Dez é a soma dos quatro primeiros números (1 + 2 + 3 + 4). É mais fácil seguir uma Constituição que tem uma dezena de artigos do que uma com mais de três centenas...

Tenho dito aos meus colegas que é fácil seguir e interpretar o direito público. A boa interpretação faz ao administrador uma estrada de asfalto, com ida e vinda, quatro faixas de rolamento. Você deve se conduzir nas faixas, mas, por interesse da administração, você pode ir até o acostamento. É o que se chama discricionariedade. Depois do acostamento é o abismo. Em época de política, o acostamento desaparece ou fica muito estreito.

Os Dez Mandamentos não são aqueles do filme de Cecil B. de Mille, lembranças de Yul Brynner, Charlton Heston. São os verdadeiros, os dados por Deus a Moisés no Monte Sinai.

Há muitas versões do Decálogo, todas boas. Só no começo, houve três edições: na primeira, indignado, Moisés quebrou as tábuas da lei; a segunda foi escrita por Deus na pedra; a última

foi refeita por Moisés. Eu prefiro a versão familiar, a do catecismo que aprendi com Dona Júlia, irmã de Dom Adelino Dantas, na Cruzada Eucarística de Nova Cruz. Creio que a fita amarela com a cruz azul usada no peito ajudava a compreensão.

A segunda edição nas tábuas da lei foi guardada na **arca da aliança** e transportada por uma carroça puxada por dois bois brancos. Significa mais do que ordem, é aliança, promessa. É promessa de Deus, orientação de vida, ensinamento. O Decálogo é uma receita dada por Deus para o seu povo, em aproximadamente 1.300 a.C.

Não era uma lei revolucionariamente nova. Aliás, nenhuma lei é totalmente nova. Toda lei repousa sobre costumes, concorda com o passado para estabelecer o futuro. Assim ocorreu com os Dez Mandamentos com o sábio legislador, Moisés, ao estabelecer a norma suprema de conduta do seu povo. Esta regra de conduta foi traduzida em todas as línguas, desde a primeira edição, e haverá novas edições, enquanto humanidade houver. E isto é bom. *A Suma Teológica*, de São Tomás de Aquino explica: “pertence à providência coordenar as coisas ao fim. Ora, o fim de cada coisa é sua perfeição, seu bem.”

Jesus Cristo não revogou os dez mandamentos, ampliou-os. Fez um mandamento superior, resumo de todos os outros: o amor ao próximo, incluindo no próximo até os inimigos. São Paulo considera um único preceito: amar. Amar é um verbo, quer dizer, ação, pôr em atividade o amor.

O problema é que ótimos talentos da humanidade não acreditam no andar reto dos homens. Jorge Luís Borges diz que não é próprio do homem não pecar. Jó afirma que “Deus não se fia nem mesmo nos seus santos”. E Osvaldo Lamartine lamenta não ter uma “fé granítica”.

Se a humanidade toda se amasse, não haveria necessidade de juizes, promotores e advogados. Ninguém se omitiria de cumprir os Dez Mandamentos porque há também o pecado da omissão “um pecado que se faz não fazendo” como ensinou o padre Vieira. O direito existe porque não existe amor suficiente. É verdadeira a lição de F. Carnelutti: “o direito é um triste substituto do amor”.

\* Poeta, escritor e advogado, Presidente da Academia Norte-rio-grandense de Letras

# UM POETA NA CRISE: ANDERSON BRAGA HORTA

*Nestor dos Santos Lima \**

A devastação do centro comercial da ilha de Manhattan em 11 de setembro de 2001, desatada com engenho e arte pelos “talibans” de Osama Beni Ladem, inscreveu-se na história da humanidade como primeiro sinal de que a ordem liberal e mercantilista dos atuais senhores do mundo não conquistou ainda, e provavelmente não conquistará, os corações e mentes dos seis bilhões de habitantes atuais da terra, nestes inícios do século XXI da era cristã. O argumento central dessa oposição de grande parte da humanidade resulta do desenho do projeto liberal e mercantilista que se revela, na verdade, tratar-se de um ambicioso plano de apropriação e livre utilização de todos os recursos do universo pelas grandes entidades multinacionais de caráter econômico e financeiro, predominantemente pertencentes aos países altamente industrializados ao abrigo da Organização Internacional de Comercio e dos documentos multilaterais formulados por delegados governamentais não eleitos, exclusivamente dos países do G7.

Está ficando incomodamente claro que além de vagas alusões simpáticas aos problemas econômicos e financeiros dos países em desenvolvimento, nada tem sido acenado para a superação do problema da dívida, crescente e para muitos impagável, entre ricos e pobres, como se o surgimento da afluência das economias dos atuais países industrializados não resultasse também do aproveitamento dos mecanismos financeiros, econômicos e do simples uso da força bruta a partir do século XVI quando foi desatada pelos portugueses a vaga de globalização mercantil no mundo renascentista e a subsequente repartição das áreas descobertas, em favor daqueles que melhor souberam tirar proveito da sua superioridade tecnológica sobre a inermidade dos povos por eles atacados. Assim, nos primeiros anos do século XXI, foi arrasada a área central da ilha de Manhattan, em Nova York, como forma de protesto dos rancores

mulçumanos contra o Ocidente e da angústia das massas em todo o mundo pelo progressivo sufoco de suas expectativas de protagonismo diante do poderio desmesurado e total concentrado nos Estados Unidos da América e de seus aliados do ocidente.

Depois da tragédia imensa do dia 11 de setembro de 2001, pressionado pela opinião pública dos Estados Unidos da América, o Presidente Bush, sentindo-se ditador do mundo, exigiu que, “urbi et orbi” os países dessem provas de solidariedades aos Estados Unidos da América pelo infausto evento, mas sugeriu que essas provas fossem concretas, inequívocas e determinantes para identificar quais nações se solidarizavam com o curso de ações em planejamento contra as tropas de Osama Benin Ladem e as que reagiam apenas formalmente ao pedido de Bush, o que permitiria classificar os reais amigos dos Estados Unidos da América ou os que estariam ao lado dos terroristas que haviam esfarelado os arranha-céus do World Trade Center em Manhattan. A exigência de Bush provocou as mais diferenciadas reações pelo seu caráter de inusitado ultimatum o qual evidentemente implicava uma infringência pura de poder, sobre todos os compromissos assinados no quadro da Carta das Nações Unidas, que vem regendo há mais de 50 anos a “pax americana” estabelecida naquele documento.

Pode-se imaginar o trabalho que tomou para nós respondermos satisfatoriamente ao “ultimatum” do Governo norte americano sem prejudicar radicalmente o relacionamento atual e futuro do Brasil com os países muçulmanos com os quais nos une um frutífero intercâmbio econômico, cultural que não cessa de crescer, ademais da presença no Brasil de uma extensa comunidade de povos de diferentes raízes árabes que observam com inquietação o perigo de se desatar um movimento de hostilidade tipo “cruzada” entre mulçumanos e cristãos que deixou tanta hostilidade entre as duas culturas pelos eventos sangrentos dos séculos XI até o Século XIII (1095 a 1290) AD.

A habilidade do Presidente FHC em lidar com esta questão que envolveu o orgulho do povo norte-americano, não teve muita repercussão junto ao povo brasileiro nem a imprensa discutiu a solução dada ao mesmo, mas a opinião pública brasileira emocionada pela destruição do World Trade Center de Nova York não perdeu de vista a romântica solidariedade dos brasileiros e

dos norte-americanos pelo cachorro de baixo, o perdedor das lutas, o que se estende facilmente a um certo sentimento de simpatia e apreço pelos pobres na luta por assumir uma parcela justa de protagonismo contra a esmagadora predominância de meios e de armamento ostentada particularmente pelo nosso aliado do hemisfério norte. Mas essa tendência não foi, por prudência, sequer suscitada pelo menos na imprensa maior do país, ao que eu saiba. Foi no outro dia, 12 de setembro, que apareceu no Correio Brasiliense esse belíssimo poema de Anderson Braga Horta, o premiado poeta brasiliense, que no melhor estilo “waltwitmaniano” ousou navegar entre agudas pedras com profundo sentimento de responsabilidade, domínio absoluto das palavras e extraordinário poder de síntese para abarcar, sem perder sua identidade poética, os vastos horizontes em que se vem desenrolando as fases da venturosa carreira dos Estados Unidos da América espriando a sombra do seu poder pelo universo. Foi isto que o poeta Anderson Braga Horta conseguiu sintetizar em seu poema “FORÇA JOVEM DA AMÉRICA” que tomo a liberdade de reproduzir abaixo, com a devida autorização do seu autor que certamente se sentirá muito honrado em figurar nas páginas da REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS, com o estudo introdutório que me senti obrigado a escrever, pois não posso disfarçar o meu entusiasmo e minha emoção pelo talento do único poeta brasileiro que se aventurou a navegar nas águas procelosas do conflito contido no incômodo “stand by” ora vivido entre os Estados Unidos da América e a pátria dos “talibans”. Porém chamo a atenção dos leitores da revista da nossa Academia que tiverem a sorte de conhecer o texto abaixo, do grande poeta brasiliense. Peço-lhes deterem-se diante do texto e apreciarem como o poeta soube evitar que a emoção o levasse ao discurso político ou à tomada de oposições intransponíveis. Nem recorreu ao emocionalismo nem ao partidarismo de entrar num jogo político perigosíssimo. Porque, permito-me pensar, ao decidir-se escrevê-lo, cercado de um silêncio profundo dos órgãos das classes intelectuais brasileiras, o poeta Anderson Braga Horta deve ter-se sentido na obrigação de interpretar o pensamento latino americano, fazendo-o estritamente dentro das normas da

expressão poética, e conseguindo fazer uma peça inteira, terminada pelo final apelo insuperável:

*Aprende, América! Tu, que és cabeça e nervos,  
tu, que és a força,  
Aprende a ser o coração do mundo!*

Mas façam-me o obséquio de ler toda a peça, em voz alta, interpretando-a para que ela ganhe toda a força de que vem embutida. Lê-la, em voz alta, como se deve ler a poesia e a prosa de Shakespeare. E você compreenderá a mensagem contundente de Anderson Braga Horta, o poeta de Brasília no meio da crise do século.

## FORÇA JOVEM DA AMÉRICA

Anderson Braga Horta.  
Correio Brasiliense – Brasília, 12/01/02

Nascestes, América, / filha diletta de modernos deuses. / Construístes do crepúsculo belicoso de um mundo / um novo Olimpo / e o repovoas de tua própria semente. /

Crescestes, América, / robusta, feérica, impaciente, / águia ciosa de seus ares, / puma soberano em suas extensões. /

Crescestes muito, América, / e já não podias conter-te em teus quintais imensos / e as águas de dois oceanos se fizeram poucas / para tuas abluções.

Puma e águia, ensinaste ao mundo / os músculos e os vôos da liberdade, / a força e a leveza da liberdade, / as febres e as delícias da liberdade. / Sempre o mundo te será grato por isso. /

Mas precisaste expandir os teus prados / para a corrida, / precisaste alargar os teus céus / para mais vôo, / precisaste de mais oceanos / para o mergulho. /

E te fizeste incontrastável, / única, / e tomaste, arrogante, a túnica de teu irmão, / e espezinhaste, orgulhosa, o relvado de teu vizinho, / e voltaste a cara, sobranceira, / às dores impotentes de teu próximo, / e a todos impuseste a tua pax.

Ontem, América, / forte e bela mulher, / descuidada e feliz em teus

campos lavrados,/ picou-te as plantas a serpente do ódio./  
Das sombras faiscou o bote terrível / e voltou para as sombras./  
O golpe foi vil, / peçonhento / e covarde./ É justa a tua dor,/ a tua  
indignação/ e a tua ânsia de vingança./ Mas não respondas às  
sombrias/ como os seres das sombras.

Gigante mordido por répteis que se ocultam,/ não te debates na  
cegueira da fúria./ Olha que um golpe cego pode atingir teu irmão,/  
vê que teus golpes cegos podem destruir o mundo em redor,/ e  
na queda o mundo te arrasta./

Tu que no vigor sem peias da adolescência / rasamente  
entendeste de solidariedade,/ aprende que, por menos que o  
queiras,/ o mundo é solidário contigo / e tu és solidária com o  
mundo.

Cresceste, América,/ tens responsabilidades adultas./ Tens sido  
a força motriz do mundo./ Tens sido a Meca das raças e das  
religiões,/ das ciências e das artes / e te sentiste, de súbito,/ o  
cérebro do mundo,/ a vontade do mundo./ América, sê agora / o  
coração do mundo!/  
Agasalha teu irmão/ com um abraço fraterno./ Ajuda teu vizinho  
a regar sua relva./ Estende a mão amiga ao que a teu lado  
míngua./ Estende a todos,/ em vez da pax das águias,/ a paz do  
cordeiro./ Aprende que a verdadeira inteligência,/ a inteligência  
que é a sabedoria/ não é apenas coisa mental,/ não é uma coisa  
fria./

Aprende, América! Tu, que és cabeça e nervos,/ tu, que és a  
força,/ aprende a ser o coração do mundo!

\* Embaixador e escritor, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

# A ARTE SUPERIOR DE PIGMALIÃO

*João Wilson Mendes Melo \**

A arte superior do lendário escultor Pigmalião, complementada pelo dramaturgo irlandês George Bernard Shaw, é muito melhor do que a clonagem humana.

Deixemos a Deus o que é de Deus e ao homem o que é do homem. O episódio da moeda com a efígie de César e as palavras determinantes de Cristo; eis aí uma lição que não tem férias: é de todos os dias e de todos os tempos. O próprio Senhor cumpre fielmente a sua parte e engrandece as criaturas delegando a elas a liberdade de cumprirem ou não sua tarefa colaboradora da criação.

O poder sobre a vida, no entanto, é Dele somente. Respeitar essa vida, na sua origem e no seu fim, é o que nos compete como consequência daquela liberdade.

Não é demais afirmar que já basta, em grandeza, a colaboração concedida no "crescei-vos e multiplicai-vos", pois ela é sem par na natureza divina e humana, aperfeiçoada pela concepção da paternidade responsável, que traduz a transcendência daquela ordem e as exigências do bem-estar humano no nosso tempo.

O denominado "homem novo" é produto do modelo estabelecido pelo Cristianismo para os que recebem e adotam mandamentos de igualdade, fraternidade, solidariedade que, por sua vez, necessitam de pré-requisitos de aperfeiçoamento na índole, nas tendências, no proceder enfim.

Mais vale, pois, o aperfeiçoamento do homem do que criá-lo fora dos meios naturais, nos laboratórios de última geração científica, o que pode desencadear uma geração humana de comportamento imprevisível.

Fugindo às indagações, que são apanágio da Filosofia, encontro na literatura exemplo humano de convivência social, eloqüente na criação da figura do homem novo pelo aprimoramento do velho homem, sempre livre e responsável em sua forma de viver.

Um exemplo vem na língua inglesa, simples entre tantos de mais substância. O autor, o irlandês Bernard Shaw; a obra é a peça teatral "Pigmalião", há algum tempo levada às telas em magnífica adaptação e montagem cinematográfica.

O escritor partiu do texto da lenda de Pigmalião, o lendário escultor da ilha de Chipre que apaixonou-se pela estátua de Galatéia, por ele própria esculpida. Conseguiu, por meio da deusa Afrodite, dotá-la de vida e com ela teve um filho, Palos, fundador da cidade consagrada ao amor.

Esta lenda inspirou Bernard Shaw a escrever a belíssima história em que uma simples e rude mulher, vendedora de flores e possuidora de uma natural beleza física, despertou a paixão de um senhor que, pelo amor, acolhimento e educação, conseguiu transformá-la em uma mulher de alta classe na requintada sociedade em que vivia, através dos dotes humanos que nasceram do seu trabalho e dedicação, pacientes e constantes, como o que exercera o Pigmalião escultor.

No desejo do seu impulso criador, quis e conseguiu o dramaturgo demonstrar que a perfeição – levada ao extremo numa obra de escultura e concluída numa vida que só encontrou caminhos de realização no sonho, na fixação e na lenda – poderia muito bem chegar à realidade. Dar uma outra vida a criaturas imperfeitas, cinzelando-as com a vontade, a inspiração e o denodo inspirados pelo artista.

Ele encontrou uma mulher que, além da beleza feminina, possuía, como todas, os atributos da alma às vezes adormecidos, como a matéria rude da pedra desafiando os instrumentos mentais de esculpir. Quis fazê-la subir ao nível do pedestal das criaturas perfeitas, exterior e sobretudo interiormente, e realizou seu propósito de escritor genial.

Esta peça teatral, escrita inicialmente também como crítica à sociedade do tempo, tem agora a atualidade de lembrar, pela literatura, a prioridade dos valores esquecidos, formulando um não à reprodução gêmea do homem velho, co-possuidor ou não do espírito que o engrandece.

Que a conquista formidável da ciência seja aplicada; isso sim, e já é grande feito, somente, para reparar no homem de Deus o que as doenças e o tempo destruíram.

Nota do autor – A peça teatral Pigmalião está sendo traduzida do original inglês pelo professor Protásio Melo e será publicada brevemente por uma editora nacional.

\* Professor e escritor, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras

# ÁRVORES

*“Qualquer mortal como eu sabe fazer um poema, mas quem pode fazer uma árvore? Só Deus.”*

*Maria Eugênia\**

Para se falar de árvores, convém recordar o nome primeiro da nossa terra, extraído de uma árvore: o pau-brasil. Nome sugestivo, oportuno e feliz, a lembrar a era dos descobridores que se encantaram com a pujança das nossas matas, de árvores frondosas e altaneiras, de variedades mil, atapetando de verde o chão da nossa amada Pátria.

O pau-brasil, madeira valorosa, de folhas aromáticas e flores amarelas, pertence à família das leguminosas e é também conhecida como mirapiranga, pau-rosado, pau-de-pernambuco, sapão, ibirapitanga, nomes usados pelos aborígenes.

O pau-brasil teve o seu ciclo glorioso no século XVI, como um dos primeiros artigos de exportação na era do Brasil-colônia. Esta árvore continua viva em nossas matas e na nossa história.

Árvores há que se unem a ela de forma especial e feliz.

Como árvore-símbolo do Brasil, temos o decantado ipê ou pau-d'arco, de flores brancas, rosas e amarelas, que pincelam de poesia as nossas matas, numa pintura telúrica, de raro esplendor.

Se o pau-brasil deu nome oficial à nossa Pátria, poeticamente os nativos a batizarem de Pindorama, que significa terra das palmeiras.

Se essas árvores estão impregnadas de brasilidade com suas lendas e história, outras há que decantam a terra brasileira em várias regiões onde têm o seu “habitat”.

No nordeste, a falar deste solo árido e fértil, amargo e sofredor, temos os verdejantes juazeiros, já perpetuados na música e na poesia popular.

Quando o sol quadreja a terra, o juazeiro permanece verde, a lembrar que a esperança é a última ilusão que morre. Árvore rija e forte, enfrenta as intempéries e desafia o tempo. A seu lado, as imponentes oiticicas, dando frondosas sombras e frutos

que servem de vela para o pobre. Margeando rios e lagoas, num agregado majestoso, a “copernicia cerifera”, a carnaubeira, “a árvore da vida”, tão útil se torna ao homem em seu meio-ambiente. Seus leques entreabertos, abanando ao vento, dão uma nota nostálgica nas tardes crepusculares.

São árvores heróicas do nosso sertão, filhas verdes da natureza, que contam estórias de ventos, de chuvas e de secas. À sua sombra o sertanejo encontra alívio para a canícula do dia.

Na Bahia, os famosos jacarandás, a cabiúna e o preto fornecem a madeira palissandro, aproveitada no fabrico de móveis e pianos. Há ainda cedros-rosa e branco, jequitibás, perobas, paus-cetins etc.

Em Minas e São Paulo existem imensas plantações de eucaliptos, de grande utilidade industrial, fonte energética, de rápido crescimento, purificadores do ar. Nas extensas savanas crescem os jacarandás, os óleos-de-copaíba, os pau-santos.

No sul, os imensos pinheirais, que constituem um dos fatores de exportação da indústria nacional. O pinheiro-do-paraná é uma planta nativa, de grande valor econômico. Os índios a chamavam de curi, dando desta forma, a origem do nome da capital: Curitiba.

Para marcar uma região, nenhuma árvore é mais importante do que a seringueira, conhecida como a rainha da Amazônia. É a “havea brasiliense”, responsável pelo precioso látex, do qual se prepara a borracha. Outra a falar da hiléia amazônica é a famosa castanheira-do-pará. Tem sido a maior riqueza da região amazônica. Ao lado, agregadas, milhares de milhões de árvores belas, como muiratinga, a espadeira, a sumaúma, imponente palmeira, etc.etc.

Ainda a falar de árvores regionais, temos no Maranhão e Piauí, os cocais imensos de babaçus e buritis.

Se essas árvores marcam a paisagem típica de suas regiões, com sua importância econômica e social, outras há em várias zonas do Brasil, que contam estórias de homens que amavam a natureza e a preservaram, que as decantaram na prosa e no verso. No Jardim Botânico do Rio de Janeiro tivemos a famosa palmeira plantada por D. João VI e que recentemente foi fulminada por um raio.

Nas páginas da literatura nacional, temos o cajueiro de Humberto de Campos; nesta cidade do Natal, à rua São José, existe um bellissimo baobá, infelizmente desprezado pelas autoridades; no Açú, há frondosas mugumbeiras, plantadas na mesma época das que existem na rua Jundiáí, desta capital; em Lavras-MG existe uma árvore rara – a tipuana – plantada por meu pai em 1908, que foi amante da natureza e um ecologista nato. A semente foi-lhe enviada da Europa por um amigo. Hoje é ponto de turismo da nossa cidade.

Olavo Bilac, Augusto dos Anjos, Menotti del Picchia e centenas de poetas as imortalizaram em belíssimos versos.

Falar de árvores é um nunca terminar, não apenas das que dão sombra e flores, das que enfeitam parques e jardins, mas daquelas que falam de uma infância feliz, à sombra das mangueiras, dos laranjais em flor.

Árvores! Componente universal dos mais belos e úteis ao homem, desde o seu nascimento até a morte. É a sombra da nossa existência. É nosso dever preservá-las.

\* Escritora e poetisa pertencente à Academia Norte-rio-grandense de Letras.

# CRONOLOGIA BRASILEIRA

## Compêndio de Datas Históricas

*Aluisio Azevedo \**

Aproveito o espaço desta Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, para divulgar o meu último trabalho, que se intitula, “Cronologia Brasileira”, obra que reúne cerca de doze mil eventos brasileiros, que apesar de concluída há quase dois anos, ainda não foi editada, por motivo da falta de uma entidade patrocinadora.

Muito embora tenhamos, no nosso Estado, um programa de incentivo à cultura, com o nome de Lei Câmara Cascudo, do qual obtive a aprovação do meu pleito, que resultou a expedição do Certificado de Enquadramento nº 01, datado de 17/08/2000, infelizmente, entraves burocráticos da própria lei dificultaram a concretização do ato.

Esta Cronologia apresenta-se em forma de calendário, que vai de 1º de janeiro a 31 de dezembro e o seu texto ocupa 500 páginas do tamanho 28 x 20 cm.

O prefácio é de autoria do Dr. e Acadêmico, Diógenes da Cunha Lima, digno Presidente da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, de cujo texto constam as seguintes palavras: “Esta Cronologia Brasileira, feita de breves registros, faz indicação precisa do dia, mês, ano em que o fato importante ocorreu.” Mais adiante ele escreve: “Cronologia Brasileira, de Aluisio Azevedo, trabalho intenso e fecundo, é obra oportuna para quem se dispõe a (re) descobrir o país, e descobrir-se como parte dele. É reafirmar o desafio de libertar-se da lei da Morte”.

A contracapa tem um texto do Dr. e Acadêmico, Enélio Lima Petrovich, digno Presidente do nosso Instituto Histórico e Geográfico, no qual ele registrou estas palavras: “Aluisio Azevedo escreve esta valiosa “Cronologia Brasileira”, consagrando-o, em amplitude e dimensões nacionais. Com efeito, é trabalho de fôlego, fruto de uma obstinação sem par. Pesquisa séria, minuciosa, abrangente.”

O jornalista Murilo Melo Filho, que integra os quadros das Academias Brasileira e Norte-Rio-Grandense de Letras, registrou, no texto das orelhas, as seguintes expressões: “Trata-se de um livro importante e digno de uma paciência oriental, em que o autor vasculhou bibliotecas, compulsou almanaques, consultou dicionários, desvendou jornais, compilou enciclopédias, embrenhou-se em serviços de documentação, navegando em todo este vasto mundo de dados e informações, com um atilado espírito de pioneiro e desbravador.” No final do seu texto, ele diz: “Nós, escritores, historiadores e jornalistas, temos a obrigação de ser profundamente gratos, por este inestimável serviço que Aluísio Azevedo, com esta sua “Cronologia Brasileira”, presta à cultura, à história, à imprensa e à inteligência do nosso País.”

Movido pelo desejo de esclarecer os detalhes mais importantes desta obra, citarei, a seguir, os títulos dos assuntos que foram focalizados:

- a) Todos os Estados da Federação Brasileira;
- b) Cerca de 2.200 Municípios Brasileiros, de cujos verbetes constam: data de criação do município ou a fundação da cidade, área da superfície, população em 1996, gentílico, existência de Universidades, Dioceses Católicas, Organizações Militares das Forças Armadas, jornais, emissoras de rádio e televisão, aeroportos, portos marítimos e fluviais, clubes de futebol, estádios esportivos, entidades culturais e econômicas, outros eventos importantes, curiosidades e personalidades;
- c) Cerca de 120 Universidades Brasileiras, bem como algumas primitivas Faculdades;
- d) Cerca de 250 Dioceses Católicas, em todos os Estados do Brasil;
- e) Cerca de 500 Organizações Militares das Forças Armadas;
- f) Cerca de 300 jornais em circulação no país, além de outros que já deixaram de circular;
- g) Cerca de 500 Clubes de Futebol, espalhados por todo o Brasil;

- h) Registro parcial de emissoras de televisão e de rádio;
- i) Academias de letras de quase todos os Estados do Brasil;
- j) Academia Brasileira de Letras, seus acadêmicos e patronos;
- k) Institutos Históricos e Geográficos dos Estados e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro;
- l) Todos os Presidentes da República, de Deodoro da Fonseca a Fernando Henrique Cardoso;
- m) Governadores Gerais e Vice-Reis;
- n) Regentes do Império;
- o) Ministérios da época da Monarquia;
- p) Títulos de nobreza, durante o Império;
- q) Políticos e personalidades da vida brasileira;
- r) Aeroportos e portos;
- s) Curiosidades;
- t) Eventos mais importantes de cada localidade;
- u) Poderia, ainda, relacionar outros eventos da vida brasileira, como por exemplo: Capitânias Hereditárias, Cardeais católicos, Colégios, Escolas, Estradas de Ferro e Rodovias, Hospitais, Igrejas, Libertação de escravos, Lojas Maçônicas, Museus, Parques, Partidos Políticos, Reservas Biológicas e Ecológicas, Revoluções, Teatros, Territórios, Tratados, Tribunais e Usinas.

A Bibliografia, que se encontra inserida na parte final da obra, constituída de mais de 60 fontes de pesquisas, dela foi possível destacar as seguintes, por motivo das mesmas oferecerem um considerável volume de informações: Efemérides Acadêmicas da ABL e Efemérides Brasileiras, do Barão do Rio Branco; Almanaque Abril; Anuários Católico e da Imprensa; Catálogos do MEC e da AERJ; Centro de Documentação do Exército; Cronologia Almanaque Lisa Mundial; Dicionários: de Datas Históricas – Editora Itatiaia, da Língua Portuguesa de Aurélio e de Curiosidades do Rio de Janeiro; Enciclopédias: Barsa, Delta

Larousse e dos Municípios Brasileiros – IBGE; Guia Postal Brasileiro; Histórias: da FAB e da Maçonaria; Livro dos Recordes; Revistas: Veja, Isto é e Placar e o Serviço de Documentação da Marinha.

A amplitude deste trabalho poderá ser constatada nas 93 páginas de seu índice remissivo, onde seus títulos se encontram registrados, em ordem alfabética. Além do mais, devo ressaltar que, após o longo período de pesquisas, elaboração do texto e a conseqüente organização da obra, tive um cuidado todo especial na tarefa de revisão do texto, com a eliminação das chamadas controvérsias, tão comuns num trabalho desta natureza.

A crítica literária deste Estado, representada pela Comissão Gerenciadora da Lei Câmara Cascudo, aprovou o projeto para a publicação desta obra, fato que, por si só, atesta a sua importância literária.

Devo ressaltar, a bem da verdade, que logo após o lançamento da minha Cronologia do Rio Grande do Norte – Cinco Séculos de História, fato que ocorreu em 1996, passei a trabalhar, dias e noites, na elaboração desta nova Cronologia, com a convicção de que iria contribuir, de maneira considerável, para um maior e melhor conhecimento da História do Brasil, através de suas datas históricas.

Acredito que, apesar das dificuldades encontradas anteriormente, neste ano 2002, esta tão esperada obra, Cronologia Brasileira, possa ser editada, para o conhecimento de todos. Esta, é a minha expectativa, para a qual estou contando com a valiosa colaboração de um grande número de amigos

\* Professor e escritor, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

# ENCONTRO MUSICAL COM VERÍSSIMO DE MELO

*Grácio Barbalho \**

Não tenho intenção de polemizar com o Prof. Veríssimo de Melo. Isto já foi objeto de nossos cuidados, faz uns bons 15 anos. Era a época em que pontificava o movimento bossa-nova, criando outras formulações para, justamente “salvar” a inspiração dos compositores tradicionais, em franco processo de exaustão.

Sei que Veríssimo, em termos de música popular, nunca seria um saudosista. Para ele, a música da semana que passou já está superada: “busquemos o sucesso do dia”.

Entretanto, tenho o dever de voltar ao tema, no propósito de desfazer um equívoco. Efetivamente, por mais conservador ou retrógrado que eu pudesse ser em MPB, jamais incorreria na tolice de afirmar que as letras de hoje são vazias ou “sem originalidade”, em comparação com as de antigamente. Pois, na verdade ocorre, justamente, o contrário.

O que afirmei – inclusive perante o COMSEPE, com a presença do Magnífico Reitor é que as composições de hoje perderam o contingente melódico, o que é atribuído a um simples processo de evolução. O mesmo aconteceu com as músicas de carnaval, hoje valorizadas só pelo ritmo e consumidas nas cinzas da 4ª feira.

Como conseqüência, o que agora se procura é a mensagem poética traduzida na letra que, diga-se de passagem, é muito mais objetiva e bem trabalhada. É diferente do que acontecia no passado (um passado a que Veríssimo chama de “pré-história da nossa música”): ressaltando algumas exceções de bons letristas (Noel Rosa p. ex.) os temas preferidos, em geral frutos da espontaneidade, repetiam as mesmas lamentações, quase sempre de cunho passional.

Em trabalho publicado no 1º número de Tempo Universitário, analisando tendências de nossa música popular e referindo-me, especificamente, ao período romântico, dizia eu: “passada a onda nostálgica, extinta, por sua vez, a geração nostálgica, pouco

restará de uma época contemplativa em que a música popular, essencialmente melódica, era puro embalo emocional, arte para deleitar”.

E em curso de dez dias que ministrei, há meses, na Fundação José Augusto, documentando aspectos fixados pela música popular brasileira ao longo de 4 décadas, foram exatamente estas as minhas palavras finais: “Volto a afirmar que a temática da música popular brasileira de hoje, mesmo a que escapa à censura, é, particularmente rica na abordagem de problemas sociais ou político-sociais. Mas, ao analisá-la, teríamos muito de crônica escrita e muito pouco de música.

\* Médico e professor, pesquisador da Música Popular Brasileira. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

# O CARROCEIRO DA TURMA

*José de Anchieta Ferreira \**

Filho de desembargador, Vécio Barreto de Paiva nasceu em Pau dos Ferros a 19 de março de 1904 e faleceu em Natal, numa manhã de abril de 1992.

Advogado, magistrado e um dos fundadores da nossa Faculdade de Direito, o Dr. Vécio foi também professor de História Universal do velho Atheneu Norte-rio-grandense, e um dos melhores na saudosa recordação de Alvamar Furtado de Mendonça, que fora seu aluno. “Vécio foi um extraordinário contador de história, excelente comunicador, que poderia ter sido artista de teatro, de novela, televisão ou cinema. Eloqüente, dicção perfeita, fascinava e hipnotizava a sua classe. Não é sem razão que fora dono de um dos mais concorridos escritórios de advocacia de Natal”. Também seu ex-aluno e colega de profissão, o Dr. Raimundo Nonato Fernandes o recorda na revista nº 26 da Academia Norte-rio-grandense de Letras, da qual é sócio efetivo: “Meu ex-professor de História do Atheneu da Av. Junqueira Alves, admirado por todos os seus alunos, Vécio Barreto pontificava na profissão de advogado como um jurista do mais alto conceito, pelo saber, a habilidade como expositor e o poder de persuasão.”

Católico praticante, pagou uma promessa construindo a capela de São Judas Tadeu, esquina da Rodrigues Alves com a Otávio Lamartine.

Algumas de suas histórias tornaram-se antológicas, como a do “Benevides” e a que ocorrera no chamado Pátio do Paraíso, no Recife, onde residira durante alguns anos chefiando o Departamento Jurídico da Pernambuco Tramways.

No Pátio, calorento e sujo, quando procurava um caminhão para fazer uma mudança, circulando entre camelôs barulhentos e caminhões de aluguel, ouviu uma voz insistente chamando-o: “Professor Vécio, professor, professor Vécio...” Era um dos seus ex-alunos, apressado, de macacão, suado, barba crescida, sujo de graxa. Aproximando-se, e um tanto surpreso.

– O senhor não está me reconhecendo?

– Não, não tenho a menor idéia.

– Pois eu fui seu aluno no Atheneu, da turma do Nestor Lima, que hoje é diplomata, embaixador no estrangeiro. Era assim que o senhor fazia a chamada, pronunciando-lhe o nome, com voz grossa e compassada: Nestor Luiz Barros dos Santos Lima. E ele, levantando o braço, respondia: Presente!

– Não esqueci o que o senhor disse na última aula do ano, despedindo-se da classe: “Daqui, desta turma, é possível que saiam médicos, advogados, engenheiros, dentistas, talvez oficiais do exército, ou até mesmo, quem sabe, um prelado da Igreja Católica. Mas é possível, também, que saia um carroceiro.” Realmente, daquela turma saíram médicos, advogados e até um diplomata, o Nestor Lima, mas saiu também um carroceiro. Fazendo uma pausa, com ar melancólico e os olhos marejados:

– Fui eu, professor, o carroceiro da turma.

Depois desse momento de emocionado silêncio, o seu antigo aluno o convida, apontando para um calhambeque distante: “Vamos, professor, a minha “carroça” é aquela.”

\* Médico e escritor, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

# O MEU ENCONTRO COM O “MOTIM DAS MULHERES”

*Vingt-un Rosado\**

Aí por volta de 1936, recebia do prefeito padre Mota um convite inesperado.

O grande alcaide de Mossoró desejava que eu organizasse o arquivo da prefeitura, sem ônus para os cofres públicos.

Não me sentia preparado para a tarefa, mas tinha uma velha estima por papel velho.

E gostava também de trabalhar de graça.

Fiz o que pude, dentro da minha limitação para a arquivologia.

No Primeiro Cartório, ao tempo do tabelião Hemetério Fernandes, com salário idêntico preparei os índices das escrituras de 1833 a 1951.

Sebastião Vasconcelos continuou-os e arrumou o seu cartório de maneira exemplar.

De sua autoria são “*Os Inventários de Mossoró*”, de tanta valia para nossa História, publicados em 6 volumes, abrangendo o período de 1833 a 1985.

Material rico que inspirou o grande historiador e escritor cearense Eduardo Campos que, baseado inteiramente no material de Sebastião escreveu um livro sob o título “*Aspectos Sócio-culturais dos Inventários da Ribeira do Mossoró*” (ESAM/FGD/CM, Série “C”, Vol. 478, 1989).

Sebastião é ainda o idealista que deu ao Nordeste o mais belo dos seus templos maçônicos e fundou a Loja Maçônica Jerônimo Rosado, casa acolhedora que nos recebe a cada 25 de setembro para o lançamento das “*Noites da Cultura*”.

Mas, voltando ao padre Mota, um dia, encontrei um documento mencionando o “*Motim das Mulheres*” do qual nunca ouvira falar.

Mas o certo é que encontrara um pista de um “motim” até então desconhecido para mim.

“A Escola” era o órgão do Grêmio Literário Santa Luzia, do então Ginásio Diocesano Santa Luzia.

Naquele periódico do colégio do padre Sátiro, que generosamente me atribuiu no seu ano centenário, o título de “*Ex-aluno Padrão*”, publiquei um pequeno artigo sob o título “*Revolvendo o Nosso Passado*”, editado no nº 24, de 12 de maio de 1940.

“A Escola”, de 7 de setembro de 1936 dá uma notícia da presença de Cascudo:

### “Dr. Luiz da Câmara Cascudo

*Procedente de Natal, encontra-se, nesta cidade, desde quarta-feira, e onde demorará uma semana, Dr. Câmara Cascudo.*

*O ilustrado intelectual conterrâneo é hóspede do Ginásio, a convite de cujo diretor veio falar aos nossos alunos, durante as festividades comemorativas do Dia da Pátria, que estão sendo promovidas neste estabelecimento de ensino.*

*S. S. que já se fez ouvir duas vezes, sobre pedagogia e folk-lore, tem recebido as homenagens a que faz jus pela sua alta cultura e perfeito cavalheirismo.*

*A Escola, hoje honrada com um magnífico trabalho de sua autoria, apresenta ao distinguido intelectual mui cordiais saudações.”*

No ano de 1930, quando eu tinha 10 anos, andei escrevendo umas “mal-traçadas linhas” que a paciência de Francisco Assis Silva e José Martins de Vasconcelos acolheu em “O Palito” e “O Nordeste”.

Em linguagem de menino de curso primário, dava um pequeno depoimento sobre o assassinato de João Pessoa.

Depois disso, “A Escola” acolheu em 1933 “O Amanhecer” (nº 2), “Gandhi e a Sua doutrina” (1935, nº 6), “A Confederação do Equador” (1935, nº 7).

As conferências de Cascudo de 1936 é que marcaram definitivamente o meu interesse pela história do município de Mossoró.

Em “*Revolvendo Nosso Passado*” foi a primeira referência que fiz ao “Motim das Mulheres”:

*“Em 1875, a lei do recrutamento militar cria descontentes, que são, em sua maioria, do sexo feminino. Resolveram, as nossas conterrâneas, Ana Floriano á frente, dar um testemunho público do seu desgosto ao novo estado de cousas.*

*Evas dos arrabaldes e da cidade, ao todo umas mil, ás nove horas da manhã do dia 30 de agosto partiram da atual Rua João Urbano, indo á praça da matriz, Vigário Antônio Joaquim de hoje.*

*Aí, foram rasgados os editais pregados nas portas da Igreja e despedaçados vários livros. Em seguida dirigiram-se as amotinadas à praça da Redenção onde se achava um Corpo de Polícia, para ali enviado com o fim de dominar a sedição. Aos gritos de “Avança”, logo foram confundidos com soldados e mulheres. Com uns poucos ferimentos e muito falatório, teve fim a rebelião.”*

Hoje faria dois reparos ao historiador improvisado daqueles dias: as rebeldes não seriam mil, mas apenas trezentas.

Outra retificação: não houve ferimentos.

### Ainda o “Motim”

“Em nosso artigo passado fizemos referência ao motim das mulheres. Narramos, então, o que tínhamos ouvido do Major Romão Figueira, testemunha ocular daquele acontecimento e um mestre no contar as cousas do passado mossoroense. Hoje, podemos, com satisfação, à vista de documentos que encontramos verificar a veracidade dos informes do último sobrevivente de 83.

Na Sessão da Câmara Municipal de Mossoró, em 31 de agosto de 1875, os Sres. Vereadores resolveram “levar ao conhecimento do Excelentíssimo Senhor Presidente da Província o fato que se deu ontem nesta Cidade com relação ao arrebatamento e inutilização por grande grupo de mulheres, dos papéis e livros em que se fazia nesta Paróquia o alistamento em face da nova lei para o recrutamento e sorteio dos indivíduos aptos para o serviço do exército e da Armada.”

Oficiou-se, neste mesmo dia, ao Presidente da Província “comunicando-lhe o fato de haverem ontem as mulheres em

número de 300 assaltado o Secretário da Junta que há nesta Paróquia procedendo ao alistamento do sorteio, tomando rasgaram os livros e papéis concernentes ao trabalho da Junta.

Jeremias da Rocha Nogueira manda dizer aos Sres. membros da Junta Paroquial o seguinte: "Comunico a V. Sas. que deixo de continuar a publicar no meu periódico a lista de sorteio desta paróquia, como me havia comprometido, em conseqüência de haverem sido os respectivos autógrafos que se achavam em meu poder, inutilizados por um grupo de senhoras, que ontem pelas nove horas do dia invadiram a minha tipografia".

Esse Jeremias da Rocha Nogueira era filho de Ana Rodrigues Braga, a Ana Floriano, que comandava as rebeldes. Deu à Santa Luzia de Mossoró o seu primeiro jornal O Mossoroense, de tão linda crônica nos anais da imprensa potiguar."<sup>1</sup>

*"1875. A lei do recrutamento militar causara grandes desgostos à população mossoroense, desgostos que lavraram profunda e principalmente nos meios femininos. Foi tal a sua extensão que as nossas conterrâneas chegaram a dar um público testemunho do seu desagrado aos processos de recrutamento estabelecidos na referida lei, "página escura da nossa História que cumpre eliminar quanto antes, porque é uma causa de desmoralização que abala a sociedade pelo mais poderoso dos seus laços que é o respeito à liberdade individual"<sup>2</sup> como dizia Couto Magalhães, em 1876.*

*Ana Floriano, tipo de mulher forte, olhos azuis, cabelos loiros, estatura além do comum para o seu sexo, encabeçava o movimento. No dia marcado, estavam umas 300 mulheres reunidas em Mossoró, porque as próprias Evas dos arrabaldes haviam aderido ao motim. O cortejo rebelde partiu da atual Rua João Urbano indo até à hoje Praça Vigário Antônio Joaquim Rodrigues. Aí, foram rasgados os editais pregados nas portas da Igreja e despedaçados vários livros. Da Praça Vigário Antônio Joaquim, dirigiram-se as amotinadas à Praça da Liberdade, passando pela hoje Rua "30 de Setembro". Naquele logradouro público, achava-se disposto um Corpo de Polícia, ali posto com o*

---

<sup>1</sup> O Motim das Mulheres, artigo publicado em A Escola, nº 25, de 11/08/1940.

<sup>2</sup> Couto Magalhães, O Selvagem.

*fim de dominar a sedição. Aos gritos de “Avança” logo ficaram confundidos, no tumulto da luta, soldados e mulheres. Como era natural, foram várias as feridas, tendo a interferência de pessoas gradas da localidade evitando mais funestas conseqüências. Com esta ligeira refrega, terminou o motim, no qual as filhas da terra dos Monxorós deram mostras daquela coragem espartana da mulher brasileira, coragem que vibra em páginas aureoladas da História Pátria.”<sup>3</sup>*

Insistindo: eram 300 mulheres e não houve feridos.

### O “Motim” na História de Fausto

A “História de Mossoró” de Francisco Fausto, deveria ter sido a primeira, a de Vingt-un a segunda e a de Cascudo a terceira.

Acontece que os escritos de Fausto estavam dispersos em jornais ou em mãos de particulares.

Demorei em reuni-los e a Universidade Federal da Paraíba teve a gentileza de publicar sua primeira edição.

Através do tempo temos recebido ajuda da Universidade Federal do Ceará, através principalmente, do seu grande reitor José Anchieta Esmeraldo Barreto.

As universidades da Paraíba e de Alagoas também colaboraram conosco.

E ainda em menor escala no tempo de José Lacerda Alves Felipe e Francisco Alves Sobrinho, a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte reconheceu que a inteligência do Rio Grande do Norte ultrapassa os limites de Macaíba.

O livro de Fausto foi escrito pelo menos em três etapas: em 1904, em 1922 e ainda em 1929.

O trecho que diz respeito ao ímpeto guerreiro de Ana Floriano foi possivelmente escrito em 1904, ei-lo:

*“Em setembro de 1875 um grupo de senhoras das mais distintas e respeitáveis famílias da cidade e do município, tendo à frente Ana Rodrigues Braga, também conhecida por Ana Floriano, por ser esposa de Floriano da Rocha Nogueira (pai de*

---

<sup>3</sup> Informação que nos foi dada pelo Major Romão Filgueira, reliquia viva do nosso passado. in. ROSADO, Vingt-un. Mossoró. Pongetti, 1940.

Jeremias da Rocha Nogueira), dirigiu-se à casa do escrivão de Juiz de Paz e exigindo deste, tomou os papéis e livros concernentes ao sorteio para o exército e armada, rasgando-os. Em seguida, foi o mesmo grupo à redação de O Mossoroense, exigindo do respectivo diretor os papéis que ali, constituindo lista de sorteio, estavam para ser publicados, sendo igualmente rasgados. Essas senhoras foram acompanhadas em todo esse trajeto por uma grande massa popular. E ficou nisso.”<sup>4</sup>

Luís da Câmara Cascudo trouxe novos subsídios para o estudo do “Motim”, batismo que ele aceitou tranqüilamente. Eis o capítulo do livro de Cascudo:

*“1875, foi, politicamente, uma fase de intensa vibração partidária. O gabinete de 7 de março de 1871, presidido pelo Visconde do Rio Branco, caiu a 23 de junho de 1875. Fôra o mais longo do Império e em pleno domínio do Partido Conservador. Todos julgavam a sucessão caber aos liberais mas o Imperador convidou o Duque de Caxias para organizar o Ministério de 25 de junho. E assim continuou o reinado saquarema. Rio Branco deixara uma bomba de retardo, o decreto 5881, de 27 de fevereiro de 1875, aprovando o regulamento do recrutamento para o Exército e Armada.*

*Para mandar executar esse decreto o Governo tomou suas precauções. Os Presidentes das Províncias oficiavam aos Juizes de Direito inquirindo da receptividade das populações em face do processo de recrutamento decretado. As respostas eram tranquilizadoras mas vinham de observações de superfície. O recrutamento, no momento indispensável é lógico, exasperava sempre o povo e constituía elemento poderoso de irritação coletiva em prol dos Liberais em oposição.*

*Por quase todo o Brasil estalaram tumultos e balbúrdias pela aplicação da lei do recrutamento. Era, claramente, um fator a menos no prestígio conservador e uma marcha convergente para as esperanças liberais. Se eles não promoveram as pequeninas rebeldias, deram sua simpatia e tudo fizeram para o*

---

<sup>4</sup> SOUZA, Francisco Fausto de. *História de Mossoró*, 3ª ed. FVR/CM, Série “C”, vol. 1208, 2001.

apaziguamento posterior, fazendo demorar e esquecer a papelada dos inquéritos.

No Rio Grande do Norte – agosto de 1875 trouxe vários protestos populares contra o decreto do recrutamento. Em Arês, a 1º de agosto, homens e mulheres seguidos por um grupo de indígenas armados de faca e cacete invadiam a Igreja Matriz e dilaceraram livros, papéis, editais referentes ao recrutamento.

Em Canguaretama, no mesmo dia, uma malta exaltada de mulheres e homens assalta a Igreja, onde se procedia o processo de alistamento para o recrutamento local. O capitão João Paulo Martins Nanniquer mandou dispersar à baioneta e ficaram feridas dezesseis pessoas. Os tumultos continuaram até a tarde de 21. Em Goianinha os homens e mulheres, guiados por Antônio Hilarino Pereira, fizeram o mesmo, rasgando os documentos e quando o alferes João Ferreira de Oliveira tentou prender Hilarino houve reação e quatro soldados tiveram ferimentos. Em todos os acontecimentos as mulheres eram as mais animosas e vibrantes, defendendo os filhos, maridos e noivos.”<sup>5</sup>

“... ao ler o livro de Armando Souto Maior, “Quebra Quilos, lutas sociais no outono do Império”, Brasiliense, Volume 366, São Paulo, 1978, ocorreu-me dar ao episódio de 1875, em Mossoró, uma dimensão mais ampla, enquadrando-o no movimento de rebeldia, que explodiu em tantas cidades nordestinas.”<sup>6</sup>

O nono capítulo do livro de Souto Maior estuda o Quebra-Quilos no Rio Grande do Norte. O autor recorda Câmara Cascudo ao registrar ataques de Quebras-Quilos em Jardim do Seridó, distrito de Vitória e Luís Gomes, Poço Limpo, Cidade do Príncipe, Vila do Acari, Mossoró, Patu e Barriguda (Alexandria).

Em outro trecho afirma Souto Maior:

*“A reação contra os pesos e as medidas tinha um fermento poderoso na execução da nova Lei de recrutamento. Novamente escrevendo ao Duque de Caxias, dizia o Presidente da Província*

---

<sup>5</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. *Notas e Documentos Para a História de Mossoró*, 3ª ed. CM, Série “C”, vol. 849, 1995.

<sup>6</sup> ROSADO, Vingt-un. *O Motim das Mulheres – Um Episódio do Quebra-Quilos*, 2ª ed. FVR/CM, Série “C”, vol. 1159, 2000.

do Rio Grande do Norte que o movimento sedicioso, que se manifestava nas Comarcas de São José e Canguaretama, apresentava-se “assustador”, nesta última. É que no dia 16 de agosto, quando a junta paroquial reunida dava início aos seus trabalhos, um grupo de, aproximadamente, 400 pessoas, entre homens e mulheres, chefiado por Antônio Hilário Pereira, irrompera no local da reunião e ameaçara matar o juiz de Direito e todos os membros da Junta, se a Lei de recrutamento que denominavam “lei para cativar o povo”, tivesse execução naquela freguesia.”<sup>7</sup>

Souto Maior, tanto quanto Cascudo, avalizou o “Motim das Mulheres” de Mossoró, eis o fecho do capítulo sobre o Rio Grande do Norte:

*“Em Mossoró, a invasão das igrejas, onde se procediam os trabalhos de alistamento, e a clássica destruição dos livros e anotações ficaria conhecida e famosa como o “motim das mulheres”, por terem sido dirigidas por Ana Floriano, a primeira a arrancar editais e despedaçar listas.*

*Na correspondência trocada entre João Capistrano Bandeira de Melo Filho, que governou a Província do Rio Grande do Norte, de 17 de junho de 1873 a 10 de maio de 1875, e Henrique Pereira de Lucena, Presidente da Província de Pernambuco, sobre as agitações daquele período, há referências a um movimento passivo em Santa Rita, localidade onde a população apenas se recusou pacificamente a transacionar com os novos pesos e medidas. Não houve violências. Não se destruiu nada. Apenas não se comprou e não se vendeu.”<sup>8</sup>*

Armando Souto Maior, é professor da Universidade Federal de Pernambuco, é graduado em História pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Manoel da Nóbrega, ainda bacharel em Direito pela Universidade Federal de Pernambuco.

*“Fez vários cursos no estrangeiro, como o de Etruscologia, na Universidade de Perúgia (1969). Foi estagiário e fez pós-graduação na Fundação Leriei, na Itália (1970), e na Universidade*

---

<sup>7</sup> MAIOR, Armando Souto. *Quebra-Quilos – Lutas sociais no Outono do Império*. Cia. Ed. Nac./MEC. 1978.

<sup>8</sup> Idem 7.

de Lisboa (1968). Foi professor do Colégio Estadual de Pernambuco.

Atualmente (1978) é professor de Instituições da Antigüidade Clássica, no curso de especialização, em nível de pós-graduação, no Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco.<sup>9</sup>

Considero uma honra a homologação do batismo da rebeldia das mossoroenses que fizeram escritores e cientistas sociais do nível de Luís da Câmara Cascudo e Armando Souto Maior.

Armando publicou em 1978 um livro definitivo sobre o “Quebra-Quilos – Lutas Sociais no Outono do Império”.

---

<sup>9</sup> Idem 7 e 8.

\* Professor e escritor, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras

# A IGREJA MATRIZ DO ASSU – SÉCULO XVIII

*Olavo de Medeiros Filho \**

No ano de 1712 tiveram início as primeiras providências efetivas, com vistas à instalação da Freguesia de São João Batista do Assu. Sebastião de Souza Jorge, proprietário do SÍTIO DO ICU, doou o terreno necessário à ereção da matriz e da casa paroquial. De tal maneira, as referidas construções ficaram encravadas no aludido sítio, a exemplo da provação que surgia (1).

Sabe-se que, em 22 de fevereiro de 1726, ocorreu o funcionamento da Freguesia de São João Batista, cujo primeiro vigário foi o padre Manuel de Mesquita e Silva.

Até o ano de 1902, pelo menos, ainda existiam na Matriz do Assu, os livros de assentamentos paroquiais (batizados, casamentos e óbitos), hoje desaparecidos. A respeito do desaparecimento dos referidos livros, informa o escritor Walter Wanderley:

*“Dizem que antigo e cuidadoso vigário do Açú, resolveu por **em ordem** os arquivos da Igreja e queimou velhos cartapácios deteriorados mas de grande valia para os pesquisadores. Talvez, sem o querer o velho cura prestou assim um enorme desserviço aos estudiosos em genealogia” (2).*

O Bispo de Olinda, dom Frei Luís de Santa Teresa, em relatório dirigido à Santa Sé, datado de 1746, fazia referência à:

*“paróquia de São João Batista no lugar chamado Assu, cuja igreja de tamanho suficiente, construída de madeira e barro, tendo apenas um paramento encarnado e um branco, não possui algum de prata: não tem nenhum oratório*

*filial e carece de muitas cousas, como bem se compreende pela sua extensão, que é de 40 léguas de longitude e 20 de latitude” (3).*

No ano de 1760, o então sargento-mor do Regimento de Cavalaria de Ordenanças da Ribeira do Assu, Jerônimo Cabral de Macedo, registrou em livro de sua propriedade as atividades ocorridas, relativas à matriz do glorioso São João Batista do Assu. Transcreveremos, a seguir, as informações deixadas pelo fundador da chamada Família Casa Grande:

*“Notas para memória da Matriz do Glorioso São João Batista ora orago da Freguesia do Assu.*

**1760**

*Neste ano, a 15 de julho, começaram os carros do Barbosa a carregar pedras para a Matriz de São João Batista, e a 19 do dito mês chegou a esta Matriz o cura João Saraiva, em um sábado, e em 20 do dito mês, tomou posse.*

*Em 6 de setembro de 1761 chegaram os Índios do Apodi, que foi em um domingo, e na segunda-feira, começaram a trabalhar. Chegaram outros 4 Índios do Apodi e desses, se tirou um para a obra da Matriz, 1 foi para o Rosário, junto com os mais que vieram para a dita obra do Rosário. Começaram a trabalhar todos em 14 de setembro do dito mês e ano.*

*Em dias de agosto de 1771, tomou posse o sobrinho do Padre Gurjão, do Curato, e em 14 de setembro do dito ano chegou o dito Padre Cura, em um sábado, e em 15 tomou posse, fez prática, que foi o primeiro domingo que na Igreja disse missa, e em 16, que foi segunda-feira, começaram os carpinas a fazerem as portas da Igreja, cujas portas foram 3, e justas por 46\$000” (4).*

No que diz respeito à Igreja do Rosário, do Assu, informa o historiador Nestor Lima (1928):

*“Existia também, em reconstrução, na Cidade, a Igreja do Rosário, que fora construída no começo do século 17°, pelo português João Barbosa da Costa, negociante e morador no Assu, auxiliado por seu genro tenente Antônio Lopes Viega, fundador de Angicos e da grande família desse nome” (5).*

Certamente houve um lapso na informação acima. Quando o bispo dom frei Luís de Santa Teresa elaborou o seu Relatório (1746), não mencionou outro templo religioso no Assu, além da igreja matriz. É possível que a Igreja do Rosário tenha tido o seu início de construção em 1761, conforme menciona a descrição escrita por Jerônimo Cabral de Macedo.

- (1) Escritura de doação de 75 braças, menos 2 palmos, que doa Clara de Macedo, ao Senhor São João Batista, orago da matriz da povoação do Assu (12 de setembro de 1774). Livro de Notas do Cartório do Assu – (RN). Coleção de Francisco Amorim (Chisquito), Assu – RN;
- (2) WANDERLEY, Walter. **Família Wanderley – História e Genealogia**. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1966;
- (3) DANTAS, Con. Estevão José. **O que era Natal em 1746**, p. 253, in Rev. do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, vols. XXV – XXVI – 1928-1929.
- (4) Notas extraídas de um livro velho, que foi do Coronel Jerônimo Cabral de Macedo, morador na Ribeira do Assu, da Capitania do Rio Grande do Norte. Coleção Francisco Amorim (Chisquito), Assu – (RN).
- (5) LIMA, Nestor. **Assu, o Município**, p. 152, in Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, vols. XXV – XXVI – 1928-1929;

\* Historiador e genealogista, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

# **Novos Acadêmicos**



# DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO

## TARCISIO MEDEIROS

- Senhor Presidente da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras;
- Senhores Acadêmicos;
- Minhas Senhoras e meus Senhores.

O “Classicismo”, doutrina estética e artística que atingiu a sua culminância na França do século XVII, conferiu maior importância às faculdades intelectuais que às emocionais, buscando a expressão de valores universais acima das particularidades, das individualidades, da nacionalidade. Inspirando-se nos modelos da antiguidade clássica greco-romana e no renascentismo italiano, estabeleceu princípios como a harmonia das proporções, a simplicidade e o equilíbrio da composição e a idealização da realidade que recusa a emotividade e a exuberância.

Na França, o século se coloca sob o signo da grandeza. É o século das letras e das artes. É o século de Luiz XIV. Os anos gloriosos do reinado do “Rei Sol” correspondem ao pleno desenvolvimento da literatura clássica na Europa.

Para o crítico, como para o historiador, esse século se estende desde a morte de Henrique IV, em 1610, até 1715, com a morte de Luis XIII e a dominação de Richelieu, a regência de Anna da Áustria e o poder de Mazarino. Richelieu, pela lucidez de seu gênio político e pela intransigência do seu caráter; Mazarino com a sua diplomacia insinuante, prepara a construção de uma obra secular: o estabelecimento da Monarquia absoluta.

Século XVII: submissão do povo à arbitrariedade dos grandes ou à autoridade inflexível dos agentes do poder real. Século XVII: proeminência da Corte sobre os costumes e a literatura, fazendo surgir passada a moda do preciosismo complicado e pedantesco, o belo ideal do “Homem honesto”.

O classicismo é um humanismo. Momento da evolução das ideais morais e do ideal literário. Do entusiasmo e da razão; da lucidez sem desespero, do pessimismo Jansenista ; da poesia de Malherbe e Saint-Amant; do racionalismo de Descartes; do teatro de Corneille, Molière e Racine; do pensamento de Pascal, das fábulas de La Fontaine, e da eloquência de Bossuet.

Em 1635 , por sugestão de Boisrobert, Richelieu propõe a um grupo de escritores a constituição de uma Academia, sob a custódia do Rei Luis XIV, com o fim de impulsionar ao mesmo tempo a consagração oficial dos trabalhos literários, como também de obras teóricas que faltavam à língua francesa. Os primeiros acadêmicos são nomeados pelo Rei em número de quarenta recrutados por cooptação.

E assim, a França inicia para o mundo latino a disseminação das instituições destinadas a preservar a língua e a literatura, a cultura nacional.

Em Portugal, a Academia Real de Historia, foi a primeira no gênero, de caráter oficial, fundada por D. João V em 08 de dezembro de 1720, que ao lado da sua atividade especificamente histórica, desenvolveu, também, uma única atividade científica. Segue-se em 1783 a Academia das Ciências de Lisboa, com as suas atividades voltadas para as ciências naturais, as ciências exatas e as belas artes, destinadas ao desenvolvimento da instrução nacional, conferindo, no campo das belas letras uma relevância menor para a língua e a historia portuguesa, em detrimento da criação literária propriamente dita.

No Brasil, por iniciativa de Lúcio de Mendonça e de Medeiros e Albuquerque, tendo por finalidades, a preservação da cultura, da língua e da literatura nacional, nasce, em 20 de junho de 1897, a **Academia Brasileira de Letras**, com 16 (dezesseis) sócios, dentre eles Machado de Assis (presidente); Joaquim Nabuco (secretário-geral); Rodrigo Otavio e Silva Ramos (primeiro e segundo secretários) e Inglês de Souza (tesoureiro e autor do projeto dos estatutos).

A idéia de criação das Academias no âmbito dos Estados, surgiu da Federação das Academias de Letras. Luis da Câmara Cascudo, com Aderbal de França, Cônego Luis Gonzaga do Monte, Henrique Castriciano, Otto Guerra, Waldemar de Almeida, Edgar Barbosa, Ivo Filho, Antonio Soares e mais outros, traçam os planos para a fundação da nossa Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, com a missão de aglutinar talentos em torno das grandes causas do espírito humano, servindo aos ideais da sensibilidade literária, e dignificando a vida intelectual do Estado do Rio Grande do Norte.

Em **“História da Cidade do Natal”**, no capítulo intitulado **“Musa, canta os poetas, escritores...”**. Luis da Câmara Cascudo, historiando a vida intelectual da cidade, afirma que essa atividade teve como expressão natural o jornalismo político, e como forma de exteriorização, a poesia, a modinha, o teatro.

Se o classicismo do século XVII foi especificamente francês, o “romantismo” aparece como um movimento europeu. É difícil definir o romantismo na sua diversidade. Prefere a imaginação e a sensibilidade à imaginação à razão clássica. Manifesta-se através de um magnífico desenvolvimento do lirismo pessoal, exaltando o “eu”, inquieto e orgulhoso, na onda das paixões, configurando o “mal do século”. É nesse sentido que Antonio Soares Filho, no seu “Discurso de Posse”, define: “Romantismo é antes de tudo fuga da realidade para o mundo do sonho (.....). Somente o romântico sabe sonhar coisas belas e deliciosas e transmiti-la na prosa, nos versos, na convivência social e na expressão do amor ao próximo. E ainda, citando Edgar Barbosa, afirma que, com esse sentimento, Gothardo Netto, Ivo Filho e Antídio Azevedo, confluíram à “nave desta casa três destinos românticos.

GOTHARDO NETTO, que no dizer de Cascudo deveria ter na lápide do seu túmulo a legenda: “Aqui jaz o que morreu de amor”, teve uma existência dolorosa, boêmia, legitimada por aquela paixão que intoxica e domina, secando as forças da mobilidade e da esperança vital, reduzindo-o a um lento suicídio,

a um desespero delicioso, dignos de moto, aberto em sangue e lágrimas”. O seu único livro “Folhas Mortas”, (edição póstuma), teve no prefácio de Antonio de Souza a seguinte apreciação.

“Gothardo Netto, não era dos nossos dias; ele foi um dos companheiros do exílio de Casimiro de Abreu e da boemia de Castro Alves, nas serenatas da Paulicéia. Como esses dois representativos da poesia nacional, sofreu longamente no corpo e no espírito, mas esses sofrimentos eram ainda agravados e sublimados pela feição doentia da alma.

Tinha uma alma torturada, propensa irresistivelmente ao exagero da dor, inclinada para o sofrimento como para um abismo, do qual a reflexão, as sugestões da natureza e da idade e os carinhos da família o não podiam desviar.”

Revivendo o poeta, transcrevemos o seu soneto “Ironia da Sorte”, no qual deixa transparecer o seu sofrimento de homem excluído do convívio social.

*O mundo é sempre assim – a desgraça e a  
ventura,  
O esplendor da grandeza e a miséria sem  
nome;  
Uns, captivos da sorte, a pere-cer de fome;  
Outros, da sorte a rir, na pompa e na fartura.*

*Aqui, se exulta o Vício ao fulgor de um renome,  
Além, doira a Virtude  
a consciência pura;  
Si este implora a Jesus, que lhe acalme a tortura,  
Aquele nutre o mal, que o devora e consome.*

*Treva e luz!... Uma afronta ao lado de um  
carinho...*

*A serpe a profanar a maciez de um ninho...  
A alvorada da paz e o tripudío da guerra!...*

*E, quando a alma procura a eterna Soledade,  
Bem feliz o que deixa um clarão de saudade  
E um vestígio de dor a palpitar na Terra.*

Com a fundação da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras em 1936, Francisco Ivo Cavalcanti (Mestre Ivo), escolheu Gothardo Netto para patrono de sua cadeira, e pronunciou eloqüente elogio, ressuscitando o poeta de “Folhas Mortas”. Afirma Cascudo que: “a história sentimental de Gothardo Netto teve em Ivo Filho um interprete emocional e verídico. Viveria também as horas tumultuosas do amor e do desespero ansioso, acompanhando mentalmente a tempestade que sacudia os nervos de jovem companheiro e mestre admirado.”

Gothardo Neto, Ivo Filho e Antídio Azevedo, viveram a juventude num mesmo clima. Ivo Filho, musicista poeta de “Elegia aos teus olhos”, em parceria com Theodomiro Sá. Antídio, poeta e trovador com “Pirilampos” e “Fagulhas”. Em “Alma Patrícia”, Cascudo, nos seus jovens anos, assim entendia Ivo Filho:

“Ninguém possuirá em mais alto grau a força de vontade tenaz e formidável que em Ivo Filho se adensa e o envolve. Durante muitos anos na brecha do mundo literário e social ele trabalhou sem descanso, não com o cansado esforço de quem arrisca a ultima cartada, porém com o claro riso de quem sabe que vence. O que mais me espanta e aturde, é a capacidade de trabalho é a extraordinária flexibilidade do seu talento. Começou pelo verso. Durante alguns tempos o som claro e

vibrante dos seus alexandrinos vibrou e rebrilhou no ar. Natural-mente eles eram cheios de gritos e repelões, de lamuria, toda a encantadora pieguice dos começantes. Isto se dava quando Ivo Filho estudava na Escola Normal e espartanamente lutava para assegurar o amanhã. Conquistando um certo grau de solidez material Ivo já conhecido lançou – sua primeira peça teatral “Sonia”. Era uma cópia natural de um mal das sociedades tão criminosamente conhecido, quanto banalmente comum. A crítica em Natal tem pouco que fazer e “Sonia” pagou, ou antes saciou, a fome de longos anos de inércia e ingurgitamento. Ivo Filho não desanimou um segundo e desde o alevantado exemplo de sã moral, de ânimo e de fortaleza de caráter do “Além”, até o desesperado acaso, o trágico amor dos “Degenerados”, atirou desassombreadamente peça sobre peça. Seguiram-se, muitas. A “Infâmia”, “Irremediável”, “Esses primos...”, “Motivo”, comédias, nas quais a viveza e a graça dos mots pour rire rivalizaram com a fina ironia fustigante e delicada.

Antonio Antídio de Azevedo nascido em Jardim do Seridó, foi visto assim por Antonio Soares:

“Antídio foi escritor , não somente nos artigos e jornais, mas também na conferencia sobre Olavo Bilac, nos livros sobre a historia de Jardim do Seridó e na biografia de Felinto Elysio, revelando sempre estilo, gramática, pesquisa e conhecimentos dos assuntos. Foi poeta e trovador nos livros “Zelações”, “Pirilampos”, “Fagulhas” e “Cartas ao Malaquias”. Os seus livros foram enfeixados e publicados nos vagares da aposentadoria.

No estudo sobre Bilac, trabalho bem concatenado, revela, em estilo claro, acuidade de observação e, sempre apegado ao classicismo, depois de transcrever a “Profissão de Fé” do príncipe dos poetas, a quem chama “*amigo da forma*”, acrescenta *in verbis*: “*Assim, com esse mesmo afago e amor ao ritmo, dentro dos rigores da métrica, que é a música do verso e da sonoridade da rima que perfuma a sensibilidade da alma, ele manifestava o seu pensamento sublime, em alexandrinos e decassílabos perfeitíssimos*”.

No soneto sobressai, em Antídio, a forma, dentro da esquemática parnasiana. Como as escolas literárias misturam suas águas, exercendo-se mútua influência, assim o parnasiano Antídio ora é romântico, ora naturalista (daí o panteísmo nele visto por Juvenal Lamartine). Todavia, informa o Cônego Jorge O’Grady de Paiva, “*jamaís deixou de ser poeta cristão*”.

Antonio Soares Filho, primo legítimo e Compadre, por ter sido o padrinho de crisma de todos os meus filhos, comigo cresceu nos chãos da “Vila Maria”, casa do meu pai Cândido Henrique de Medeiros, no Alecrim. Herdeiro de uma rica tradição intelectual, originária dos descendentes da família “Casa Grande” do Assu. Otimista diante da vida, reto nas atitudes, teve como principais atividades o bom senso como administrador, como parlamentar, como advogado, bibliófilo, esportista e astrônomo-amador. Deixou publicados vários artigos em jornais e revistas especializadas e livros sobre vários temas das suas especialidades. João Wilson Mendes Melo, evocando Antonio Soares Filho em “Paixão e Devoção”, afirma que:

“Ele achava que havia uma grande semelhança entre a nossa postura na sociedade familiar, do trabalho e da vida na coletividade, com aquela que se poderia “representar” no palco, separada dos telespectadores por uma simples ribalta.

Conhecia o teatro de Aristófanes na ironia das suas comedias e, instintivamente, gostava de fazer rir mesmo em temas sérios, num blague sobre as coisas simples da vida e da cidade. Na interpretação dos papéis mais importantes, do mesmo quilate dos que realizava na vida real ele improvisava para amenizar e alcançava o seu objetivo, pois os seus improvisos saíam do espetáculo afora, e ganhavam as ruas e alguns venceram o tempo e se repetem nos salões e nos estádios, outra das suas paixões.

Antonio Soares Filho de que eu estou escrevendo, infelizmente na sua ausência, eterna ausência, era um intelectual, exercia com eficiência e dedicação aos clientes a profissão de advogado e estimulava os esportes inclusive como uma forma sadia de convivência.”

Entro nesta Casa, não como um romântico. Mas, como um curioso que escreve as coisas da História. Gosto que me vem de família resultando um trabalho paciente, devotado e honesto. Dedicado ao Magistério, transmiti com entusiasmo aos meus alunos o sentimento de respeito pela História. Dediquei parte de minha vida à sala de aula.

Não me alongo mais, porque hoje, repetindo a trova de Luiz Rabelo:

*Minha vida se renova,  
Diminui a minha idade  
Se ilumina a minha trova  
No Cristal de uma saudade.*

Agradeço aos Senhores Acadêmicos a honraria da minha eleição para esta Casa. Não me comprometo em dedicar-me integralmente aos seus objetivos, à sua missão, porque, ainda, de autoria de Rabelo, a

*“velhice – ninho vazio  
de um pássaro que voou,  
um leito seco de rio  
onde nem lama ficou”*

Muito Obrigado  
**Tarcísio da Natividade Medeiros**

# DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO OSWALDO LAMARTINE DE FARIA

Senhor Presidente  
Minhas Senhoras e Meus Senhores

Entendam. Todo esse meu remancho de chegar para esta Casa, nada tem de menoscabo.

Espichados foram os caminhos. Mas aqui estou. Não vim arrastado como um voluntário-de-corda da Guerra do Paraguai.

Simplesmente sou um encabulado que se perturba em ajuntamento de gente, clarear de luzes, adereços, pompas e louvações.

Não é cavilação nem astúcia, acreditem. E isso não é de hoje. Em 1940, quando terminei meus estudos na Escola Superior de Agricultura de Lavras, em Minas, não teve quem me fizesse figurar no quadro de formatura. Disse **não** ao diretor, à comissão de festividades e aos colegas. Creio que sou o único ausente naqueles quadros de toda a história da Escola. Quadros de retratos retocados com dísticos pomposos. Tinha um que dizia: *O solo é a Pátria – cultivá-lo é engrandecê-la...* Entendam e, se possível, relevem.

Mas, vamos ao ritual da Casa, que manda falar do tio-velho (assim o chamava).

O que acrescentar ao que se disse dele e ao muito ainda que se tem a dizer? O que sei, o que vi, testemunhei e dou fé, é que nunca se valeu de uma secretária. Ele mesmo batiscreveu, catando-milho, cada letra dos seus livros. Aí fui me valer de Zila – outra saudade – para saber o número de páginas. Deu bem umas 12.000. Multipliquem por 70 e terão 840.000 toques. Isso sem contar a correspondência, traduções, edições anotadas, revistas e jornais. E em todos esses chãos – nuvens ou lajedos – ele deixou o rastro. Foi a cumeeira de todos nós.

É o patrono dessa cadeira onde, atrevidamente estou me abancando, um sertanejo pobre que, em meados do século XIX, nas ribeiras do seridó, declinava latim.

A pobreza o tangeu para o Siará Grande. Lá, o Presidente da Província, Pedro Leão Veloso, o comissionou para estudos na América do Norte. Ali graduou-se em direito e dali voltou para ocupar os mais altos cargos da diplomacia, economia, direito, finanças e administração. Faleceu no governo de Epitácio Acudia pelo nome de **Amaro Cavalcanti** e era irmão do nosso santo P. e João Maria. Na orografia intelectual do rio Grande do Norte tinha a altitude de um Cabugi.

Muito depois, das ribeiras do espinharas, veio o homem que escolheu Amaro Cavalcanti para patrono. Foi ele magistrado, fazendeiro e político.

*A vida muito lhe deu e muito lhe tirou. Deputado, vice-presidente, senador e presidente do estado – era assim que se chamava – governou 2 anos e 8 meses. Deposto e exilado em 30. A política cobrou dele o dizimo da vida do filho que mais queria. O glaucoma o cegou dos olhos, mas não o imobilizou. Valia-se apenas da memória para ditar estropiados textos. Confessava-se um cego canhestro, mas a despeito disso, madrugava banhado de barba feita sem ajuda de ninguém. Continuou suas idas à fazenda, algumas vezes até “arrumado” na nacele de um teço-teco.*

Lá, sol fora, um copo de leite no curral, café gordo, cavalgava sua velha burra-de-sela seguindo um cavaleiro-guia. Revia cada frente de trabalho até o sol-a-pino do almoço. Após a sesta, retomava os caminhos. À noitinha, depois da ceia de coalhada, o prosear de redes no alpendre até o cabecear de sono.

Era assim ele – **Juvenal Lamartine de Faria** – sucessor desta cadeira de número 12. *Era um cego que via* – disse Lacerda. Era o meu pai.

Naquele 9 de julho de 1921 – quando se completava 31 anos do primeiro casamento civil no Rio Grande do Norte, ali, na casa 628 da Vigário Bartolomeu (antiga rua da Palha), o ar cheirava a alfazema. Cortaram o imbrigo de um menino

macho. Anos depois, trajando as primeiras calças compridas da farda escolar, nos encontramos no Colégio Pedro II do prof. Severino Bezerra. Dali se foi para o Ateneu onde terminou preparatórios. Naqueles ontens os estudantes que tinham inclinação para as letras costumavam se enodoar nas tintas das tipografias dos jornais. Foi um deles. Já encabelado, fez-se acadêmico de direito, primeiro na PUC / Rio de Janeiro, depois no Recife onde, em 1948, botou anelão de rubi no dedo.

Aqui em Natal do rio Grande, por uma dezena de anos foi Juiz Municipal. Casou-se com Da. Noemi Noronha, que lhe deu Fernando, Sílvio e Monique. Lecionou etnografia na Faculdade de Filosofia e na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Dirigiu o Museu Câmara Cascudo. Presidiu o Conselho Estadual de Cultura e foi 1º. secretário desta academia. Participou, atuante, de seminários, congressos e eventos folclóricos por todo esse Brasil de meu Deus. E, conferidas uma-a-uma, integrou meia centena de instituições culturais.

Contagiado cedo com o mestre Cascudo no espiar as coisas do povo, em 1948 publicou *Advinhas*. Depois *Acalantos*, *Superstições*, *Parlendas e Adagiário*. Luz de Mãe Luiza no folclore infantil, devolvendo para todos nós – como no verso de Bandeira – as mais puras alegrias da nossa infância. Daí foi um nunca mais parar, tendo como referência maior o *Folclore Infantil* em 1981, reeditado em 1985 pela Itatiaia. Este livro é hoje volume indispensável nas estantes de didáticas escolares.

Buliçoso, aqui-acolá passarinhava os caminhos do folclorê e entesourava para chãos da história, filosofia, poesia e prosa. Daí, contados nos dedos por ele mesmo, arrolou 116 títulos publicados.

Ele era discreto no trajar, no viver e no escrever. Dono de original talhe de letra, não deixava carta sem resposta. Algumas em papéis encimados com vinhetas das capas dos seus livros. E teve delas de artistas consagrados, como Lula Cardoso Ayres.

Boêmio de muito prosear em torno de louras cervejas. Violonista e compositor nos quandos da passagem do cometa.

Batia nos peitos pela glória maior de ter sido o único de todos nós a ser citado no rótulo de uma garrafa de cachaça.

1º. Vigilante da loja Bartolomeu Fagundes, grau 18. Cavaleiro da Rosa Cruz.

Tinha como traço dominante, o argamassar amizades. Alegre e sensível, gostando de rir e fazer rir. Figura física lazarina e morena, como um Quixote do nosso conviver.

Em 18 de agosto de 1996 rendeu-se aos encantos da Moça Caetana.

**Veríssimo Pinheiro de Melo** – era o seu nome de batistério. Mas para os amigos e o povo que o conhecia e estimava, tinha um nome de passarinho: **Vivi**.

# SAUDAÇÃO A OSWALDO LAMARTINE DE FARIA \*

Senhor Presidente  
Senhores Acadêmicos,  
Minhas Senhoras,  
Meus Senhores

Contam que um dia, ao receber um troféu de ouro em nome da Sagração da Primavera, o bailarino Nijinski – Vaslav Fomitch Nijinski – ao flutuar sobre seus próprios passos para agradecer a homenagem, estava tão emocionado que tropeçou no palco, e caiu.

O poeta Gerardo Mello Mourão, por sua vez, ao receber A Sereia de Ouro, e quando soube quealaria em nome dos outros, e principalmente diante do Ceará Grande, como chama a sua terra, desabafou: Esta honra é um perigoso privilégio.

Ora, se os cheios de glória, como Nijinski, aquele que dançava para Deus; e o poeta Gerardo Mello Mourão, aquele outro que confessou ter vivido a hora gloriosa de poder dizer em voz alta os versos das gitiranas em flor dos cantadores nordestinos na janela da casa abandonada onde viveu Rilke; ora, se eles se sentiram assim, tão humanamente frágeis diante da grande emoção, o que faço eu, com o meu medo de tropeçar na tribuna da Casa de Henrique Castriciano e Câmara Cascudo, se essa honra de saudar Oswaldo Lamartine é também para mim um perigoso privilégio?

A minha tarefa, que neste instante me deixa pleno de orgulho e cheio de medo, é retratar com uns poucos traços, e ao longo apenas de alguns minutos, o maior estilista da etnografia brasileira. Porque escreveu Cioran, o romeno Emil Cioran, autor de duas célebres antologias, uma de retratos e outra de admirações, que retratar é “a arte tão árdua de fixar um personagem, de lhe desvendar os mistérios sedutores...”. E o próprio Cioran, retratado dias depois de sua morte, em junho de 95, pelo filósofo espanhol Fernando Savater, talvez seu amigo

mais íntimo, resumiu numa frase aquele que ele considerava “um refinado da amargura”, escrevendo: “Cioran é um escritor literalmente insubstituível: quem se afeiçoa ao seu tom não consegue substituí-lo por nenhum paliativo”.

Quem é Oswaldo Lamartine de Faria, esse escritor insubstituível?

Olhem bem para ele.

Não é um homem comum.

Nele ainda vive o sentimento nobre das velhas baronias.

A grandeza trágica da resistência.

A solidão monástica da vida.

Porque ele é o último Príncipe do Reinado do Grande Sertão de Nunca-Mais.

## **A TERRA**

No princípio, como numa gênese bíblica, era o sertão mais sertão. Vastos campos cercados por uma solidão de pedra.

Lugar onde foram viver os homens e os seus bichos. Vindos do litoral, por onde chegaram, e fugindo do chão úmido dos agrestes ainda tocados pela brisa fresca do mar. Procuravam terras e abrigos para plantar suas sementes de famílias e de rebanhos.

Cultura e civilização, num caldeamento permanente de hábitos, costumes e tradições.

Os homens, como os apóstolos, naquela hora antes do milagre, só podiam acreditar no que viam e ouviam. Mas criaram e plantaram. Cresceram e multiplicaram. Inauguraram na terra inóspita o amor a Deus, e rezaram, cheios de fé, nas Trindades do anoitecer. Espalharam rebanhos de gado. Colheram, produziram e conservaram alimentos. Dominaram o ferro e o couro. A madeira e a pedra. O espinho e a flor.

Quando a civilização ancestral e arcaica se fez por inteiro, e o olhar humano dominou a vastidão das serras, os grotões e os vales, o sertão tinha senhores de terras e vaqueiros. Suas casas

estavam plantadas no alto, em duas águas, com alpendres que protegiam os paredões do abrigo contra o sol e a chuva. E o pé direito elevado e destemido para afugentar o calor, soprando a fresca viração dos dias e das noites sob o mormaço das telhas.

Pequenas fortalezas, simples e altaneiras, feitas para defender a vida e a propriedade, a honra e o suor.

É Câmara Cascudo quem avisa numa frase magistral no seu Tradições Populares da Pecuária Nordestina:

*“O arame deu ao vaqueiro, pela primeira vez,  
a impressão dominadora da posse alheia,  
a imagem do limite”.*

Estava fundado o Reinado do Grande Sertão.

## O HOMEM

Nele, nesse Reinado Mágico e Monumental, nasceria um menino que mesmo tendo cortado o umbigo em Natal, tinha sua raiz secular fincada no sertão, nos chãos de pedra do Seridó. Afinal, é Comenius na profunda erudição de sua seiscentista Didactica Magna quem avisa, há quatro séculos, que “a natureza produz tudo a partir da raiz”. E adverte: “Porque na árvore, tudo o que virá a ser madeira, casca, folhas, flores e frutos, não provem senão da raiz”.

O sertão é a raiz desse menino caçula e temporão, ou, como ele mesmo escreveu, “sobejo da seca de 19, o último de uma ninhada de dez”.

Oswaldo Lamartine de Faria nasceu a 15 de novembro de 1919, quando a República fazia trinta anos e a chama do Império ainda ardia nas almas dos mais velhos. Filho de Juvenal Lamartine de Faria e D. Silvina Bezerra, ambos descendentes das velhas e nobres famílias patriarcais e povoadoras do Seridó. Das linhagens paterna e materna trouxe o despojamento de uma vida austera e sem regalias, a nobreza das idéias e a heráldica das coragens.

Para desasnar no ler e no escrever, foi aluno da professora Belém Câmara até 1927. Depois, estudou no Colégio Pedro II

com o mestre-escola Severino Bezerra, até bater com os costados no velho Ginásio do Recife, de 31 a 33. Por fim, concluiu os estudos de Humanidades no Instituto Lafayette, no Rio, em 1936, de onde saiu para a Escola Superior de Agricultura de Lavras, em Minas Gerais. De lá, trouxe um diploma de Técnico Agrícola e um amigo que escolheu para ser como um irmão a vida inteira: Vingt-un Rosado.

Restava, diante dele, o caminho da volta. Não mais para os sertões do Seridó, a Fazenda Ingá, o país da infância. Mas para Lagoa Nova, na Ribeira do Camaragibe, a fazenda do pai. Um mundo sem fim de dez mil hectares e onde viveria de 1941 a 1947. Para retornar, cinquenta anos depois, e onde envelhece, silencioso e sábio, olhando do seu lenço de terra os longes do sertão, é, como ele gosta de dizer, até bater com os olhos nas paredes do céu.

De nenhum outro diploma precisaria mais, no mundo e na vida.

Tudo quanto aplicou como saber de conhecimento técnico, como administrador de colônias e núcleos agrícolas, no Rio, no Maranhão e aqui no Rio Grande do Norte, foi porque fora antes treinado nas lembranças do menino e nas vivências do homem feito. Os pontos cardeais de um saber que ele tinha como se tivesse guardado em velhos baús de família e em malas de couro cru. Porque dentro dele mesmo já estavam todos os elementos de uma civilização mágica e monumental. Feita de céu e de matos. Das secas e das cheias. De lajedos e bichos. Das águas correntes dos rios e das águas paradas dos açudes. De luzes e sombras. De abusões e aparições. Sertão de vaqueiros e caçadores, rastejadores e pescadores. Sertão dos mestres de ofício na madeira, no ferro e no couro. Reinado encantado feito de homens sem medo e mulheres valentes. Sem rei e sem vassalos.

## O ESCRITOR

Só algum tempo depois, nasceu o escritor. Mas tudo quanto Oswaldo Lamartine escreveu até hoje, a rigor, ele também já sabia desde os tempos de menino. O que veio a seguir, amansando a palmatória, alisando os bancos escolares, ouvindo os professores

de Lavras, discutindo com os técnicos do Banco do Nordeste, lendo e perguntando, foram informações e técnicas. E o que leu nos grandes autores, nas leituras eruditas de uma sempre rica e vasta biblioteca, foram nada mais que sistematizações e ordenamentos para o lastro teórico de um saber que aprendera antes, vendo e ouvindo, observando e anotando, analisando e comparando. E tudo só para compreender o sertão.

Porque tudo ele aprendeu na Escola do Sertão. A velha escola do saber laico, da sabença erudita e popular que Câmara Cascudo, mais uma vez em *Tradições Populares da Pecuária Nordestina*, descreve assim, pleno e lírico:

*“Brincava-se de fazendeiro, de vaqueiro, repetindo-se no microcosmo infantil o macrocosmo humano. Era o serviço de campo, galopando em cavalo-de-pau, juntando o gado feito de ossos com aboios sinceros e obediência maquinal da manada. Vaquejadas com derrubadas espetaculares. Fazer açudes, com cacos de louça. Juntar água, fazê-la correr, luzindo nos canais de irrigação rasgados à unha. Encanto, sedução, ciúme pela água. Um rio cheio era um deslumbramento”.*

E essa Escola, com seus mestres de ofício e sua didática oral o próprio Oswaldo Lamartine, revelaria aqui, neste mesmo salão, quando recebeu a medalha dos cinqüenta anos desta Academia, numa noite de 1987. E descreveu assim a Escola do Sertão, depois de confessar que Cascudo foi aquele que mais lhe influenciou – a frase é dele, de Oswaldo - “a botar no papel as coisas do meu mundo que espiava, pisava e não via”:

Ele disse:

*“Daí – pra quê negar? – estou de cabeça aos pés, banhado de um sadio e merecido orgulho. Mesmo porque entendo que a recebo também em nome de todos os que me desasnaram de cada coisa: Mestre Pedro Ourives, o seleiro.*

Mestre Zé Lourenço, o fazedor de barragens.  
Chico Julião, o caçador de abelhas. Bonato  
Liberato Dantas, o pescador de açudes. E o  
rastejador e vaqueiro maior das ribeiras do  
Camaraçibe – Olinto Inácio”.

E acrescenta, pedindo glória aos acadêmicos, não para ele, mas para seus humildes e anônimos professores da Escola do Sertão, diante do brilho da medalha que os doutores nos saberes formais lhe outorgavam naquela noite solene:

*“Por isso sou agradecido, por mim e por eles, a vosmincês”.*

Basta um simples olhar sobre os títulos de suas principais pesquisas e os velhos professores da Escola do Sertão do Seridó, com suas lições eternas, parecem saltar, vivos, diante de nós. Ouçam: A Caça nos Sertões do Seridó, ABC da Pescaria nos Sertões do Seridó, Algumas Abelhas dos Sertões do Seridó, Conservação de Alimentos nos Sertões do Seridó, Vocabulário do Criatório Norte-Rio-Grandense, Encouramento e Arreios do Vaqueiro no Seridó, Açudes nos Sertões do Seridó, Ferros de Ribeiras, Apontamentos sobre a Faca de Ponta e Notas de Carregação.

## O ESTILO

Se fosse preciso buscar ajuda na marcenaria literária das citações, bastaria repetir uma vez mais o velho Buffon, no seu Discurso sobre o Estilo, quando afirma numa síntese célebre: “O estilo é o próprio homem”. Para ele mesmo acrescentar: “Porque o estilo é apenas a ordem e o movimento que aplicamos às nossas idéias”. Enquanto Goethe, nas suas famosas conversações com Eckermann, ensina, humano e certo: “Em geral, o estilo de um escritor é o reflexo fiel do seu íntimo”. Ou, para lembrar Montaigne na frase que tanto encantava os ouvidos exigentes de Machado de Assis que a cita no Capítulo 68 de Dom Casmurro: “Não são meus gestos que escrevo; sou eu, é minha essência”. Ou, ainda uma vez mais, o aviso seco dele mesmo, o Bruxo do Cosme

Velho, com seus olhos de lâmina esculpindo palavras. numa crônica de 10 de outubro de 1864: “A primeira condição de quem escreve é não aborrecer”.

Ninguém é mais fiel aos seus gestos e a si mesmo, ao seu íntimo, à ancestralidade de sua própria vida, ao sertão monástico e monacal, como quem escreve com uma pena feita das plumas do algodão do Seridó, ninguém é mais fiel à sua própria alma do que Oswaldo Lamartine. É ele mesmo, sempre. E não aborrece nunca. E é como se conhecesse as exigentes recomendações de Roland Barthes quando fala sobre o prazer do texto e da leitura. Ouçam, é de 1966, a belíssima síntese que ele, o próprio Oswaldo, faz para explicar seu estilo:

*“Outros fazem adjuntos de patações de ouro. de água-de-cheiro e até de mulheres. Nós arrebanhamos palavras da boca dos vaqueiros... E não havendo pelas ribeiras de cimento-armado da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro onde as campear, tivemos de farejar, rastejar e caçar cada uma delas, perdidas na memória audível do Sertão de Nunca-Mais, no falar alheio e nos papéis dos outros”.*

A rigor, “o falar do sertão”, aquele que está ali no Vocabulário do Criatório, por exemplo, mas também em todos os seus livros e textos, bilhetes e cartas, é o saber bebido na Escola do Sertão. Mantido e transmitido pela cultura oral e coletiva, essa força mágica e natural que talvez seja a mesma que o poeta popular Josué Romano elogiou no seu pai, o grande cantador Romano de Mãe D’Água, da Paraíba, quando disse que ele tinha “a ciência da abelha e a força do oceano”.

Ou, na chancela autorizada de Câmara Cascudo quando confessou, num corte perfeito, a estranheza que era vê-lo trabalhando no Banco do Nordeste e não como um catedrático. Cascudo reclama:

*“Oswaldo Lamartine, esculpido em pau-ferro, ágil por dentro e por fora, depositado num banco em vez de estar numa cátedra”.*

Oswaldo Lamartine é dono do saber universal. Todo ele é um só. Uno e único. Na plenitude de um estilo que tem harmonia indivisível, numa fusão perfeita de forma e conteúdo, timbre e dicção. O professor Francisco das Chagas Pereira, mestre pela Sorbonne, ao apresentar a edição dos Sertões do Seridó, feita pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, a convite de Sanderson Negreiros, pró-reitor de Extensão do então reitor Diógenes da Cunha Lima, foi buscar na “Semelhança”, uma das quatro forças da teoria das similitudes de Michel Foucault, a explicação erudita do estilo de Oswaldo: “O sertão de Lamartine não existe como objeto exterior de pesquisa, distanciado de impessoal investigador. É espaço interior, vivenciado, incorporado ao mundo de valores do escritor”. E arremata: “Até parece ter-se cristalizado no seu perfil aristocraticamente seco, tímido, quase ascético”.

A escritora Natércia Campos, ao apresentar as conversas “Em Alpendres d’Acauã”, a mais bela confissão de corpo inteiro que fez até hoje, lança um olhar, assim, depois de avaliar o conjunto do pensamento oswaldolamartineano:

*“As respostas de Oswaldo Lamartine de Faria revelam o amor ao chão, aos dias de antanho, quase sempre míticos, a etnografia – “nossa memória no Tempo”.*

Porque o sertão está dentro dele mesmo. Afinal, para ele, a cidade foi sempre só um lugar de descobertas e espantos, e não o seu lugar, o lugar de viver. Tanto que começa seu discurso no lançamento da Caça nos Sertões do Seridó, seu livro de estréia, em 1961, há exatos 40 anos:

*“O meu Natal ainda é o Natal do menino boquiaberto de olhos arregalados para os céus, catando entre as nuvens o vulto do Jahu, de Ribeiro de Barros, dos ratos voadores do Generalíssimo Balbo e da silhueta bojuda do Graff Zepellin. O Natal contrito do Padre João Maria. Natal dos veraneios em casas de taipa e palha da Redinha. Praia do Morcego e Areia*

*Preta – quando se tomava banho de mar por prescrição médica”.*

E acrescenta, cheio de lembranças, como se a saudade amansasse a frieza desumana das ruas e das avenidas ao longo das manhãs, das tardes e das noites urbanas, longe dos caminhos bucólicos daquele sertão coberto pela “paz outonal dos bois dormindo”, o sertão de Zila Mamede, uma das suas paixões intelectuais:

*“Natal dividida e vibrante nas manhãs de Centro e Esporte, nas tardes de América e ABC, nas noites do Cordão Azul e Encarnado”.*

## O TALHE

Há, como que escondida num ninho de casaca-de-couro, entre facheiros e mofumbos, uma modernidade singular e espantosa ao longo de todo o universo oswaldolamartineano. Um olhar só comparável, entre nós, aos lances arrojados de Eloy de Souza quando fez, no início do século passado, as conferências “Costumes Locais” e “Alma e Poesia do Litoral”; e Câmara Cascudo, ao escrever as micro-histórias do homem brasileiro. É quando retira os olhos da paisagem física e com eles vai a paisagem humana, aparentemente invisível, guardada no mais íntimo cotidiano das casas grandes do sertão do Século XIX. E remexe com esses olhos as pequenas prateleiras onde eram guardados os poucos livros naqueles monastérios perdidos na solidão do mundo.

E como que temendo olhar, sozinho, velhos livros que tratavam dos pecados e das virtudes da carne e da alma, chamou o Padre João Medeiros Filho, outro seridoense de cultura bem assentada nos lajedos do saber universal. E na companhia dele leu os livros sagrados e profanos: a Imitação de Cristo e o Chernoviz; a Bíblia Sagrada e a Medicina Caseira; o Lunário Perpétuo e o Advogado da Roça; O Adoremus e o Código de Bom Tom; a Missão Abreviada e o Dicionário de Moraes. E de tudo quanto foi lido e ouvido nos seus ecos seculares, nasceram

leituras de leituras que foram reunidas no Seridó Séc. XIX – Fazendas & Livros, numa moderna visão na perspectiva do imaginário, bem naquela visão do professor Durval Muniz, mestre e doutor, titular da cadeira das novas histórias da Universidade da Paraíba, quando olha o Nordeste como uma invenção, parte daquilo que ele classifica como “paisagem imaginária” do Brasil.

Diante desse livro de Oswaldo Lamartine e do padre João Medeiros Filho, puros e despojados que eles são dos cânones acadêmicos e suas teorizações, se tem a inesperada sensação da antevisão da Escola dos Annales. Nome que nasceu de uma revista fundada por dois modernos historiadores franceses, Marc Bloch e Lucien Febvre, naquela Paris agitada da segunda metade dos anos vinte. E que ensinaria ao mundo “la nouvelle histoire” – a nova história. Aquela que viria para revolucionar o destino do homem como contador de histórias e lhe ensinar que as narrativas não devem abrigar apenas a vida dos grandes ídolos, heróis e mártires, como condenou François Simiand, mas todas as histórias do homem. Era a revolução na historiografia. A escola de Daniel Roche, o premiado professor da Escola de Altos Estudos de Paris com sua História das Coisas Banais. Dos ingleses Keith Thomas, o catedrático da Academia Britânica e autor do maior estudo contemporâneo sobre a relação do homem com o mundo natural, feito de plantas e bichos; e Theodore Zedind, de Oxford, com sua História Íntima da Humanidade. Dos brasileiros Roberto da Matta, o antropólogo que estudou a casa e a rua; do crítico Antônio Cândido e seu olhar moderno sobre a malandragem carioca.

## **A CONSAGRAÇÃO**

Aos 29 anos, quando parecia inteiramente desconhecido, Oswaldo chama a atenção de três dos maiores nomes da intelectualidade nordestina e brasileira: Gilberto Freyre, José Lins do Rego e Mauro Motta. Num artigo para a revista O Cruzeiro, edição de 9 de outubro de 1948, o autor de Casa Grande & Senzala cita Oswaldo para os olhos do Brasil, a quem classifica como uma revelação de estilo na etnografia brasileira. José Lins, no mesmo ano, na coluna “Homens, Coisas e Letras”, publicada em todos os jornais Associados do País, registra:

*“... muito teria que aprender com o jovem ensaísta riograndense do norte, e desta coluna lhe pediria que se possível fosse, me mandasse de empréstimo o que possua em folhetes e ABCs sobre o nosso tema”. E consagra, fechando o parágrafo: “O último artigo de Lamartine é uma magnífica observação sobre o progresso que no Nordeste sofreu o cangaço”.*

Ele resistiu.

Em seguida recebe um convite do Museu Nacional, do Rio, em julho de 49, para fazer conferência naquele que é até hoje o maior centro de estudos da antropologia brasileira. Não aceitou.

Em 1954, ao receber a visita de Lenine Pinto, Gilberto Freyre, que na sua conferência em Natal, na Escola Doméstica, já registrara que Oswaldo Lamartine era “um dos melhores etnógrafos do Brasil”, outra vez revela sua admiração e cobra a presença. É o próprio Lenine que registra num artigo para a revista Bando, em 1954, quando ele ainda não tinha, sequer, um só livro escrito e publicado:

*“Ele mesmo, para surpresa nossa, é que indagou da existência de Oswaldo Lamartine. Queria conhecer Oswaldo. Queria que Oswaldo fosse levado ao Recife. E empenhou na ocasião o convite do Instituto Joaquim Nabuco para que Oswaldo realizasse uma conferência”.*

Não foi.

É Gilberto Freyre que se refere a Oswaldo Lamartine e Câmara Cascudo no seu “Problemas Brasileiros de Antropologia”, informando: “...em torno de assuntos nordestinos se tornaram mestres Luís da Câmara Cascudo e Oswaldo Lamartine”. Ao fazer a dedicatória no exemplar de “Perfil de Euclides e Outros Perfis”, em 1948, escreveu: “A Oswaldo Lamartine com um abraço e a muita simpatia do seu companheiro de estudos”.

Nunca publicou a mensagem de Rodrigo Octávio Filho, da Academia Brasileira de Letras, lhe consagrando o estilo. Sempre

escondeu as dedicatórias consagradoras de Octávio Domingues, o zootecnista considerado um clássico no Brasil. Mauro Motta era seu leitor e queria publicar seus livros. Não conseguiu. Helmut Sick, o maior nome da ornitologia brasileira, escreveu que ele é o mais profundo conhecedor do sertão do Seridó. Consta na bibliografia de vários livros importantes da cultura brasileira. Estevão Pinto lhe cita o nome em estudos sobre índios e está na bibliografia geral do dicionário de Aurélio Buarque de Holanda, além de uma relação de outros nomes que não acabaria nunca citar. Coletou, ordenou e classificou as primeiras peças líticas para um estudo da arqueologia do sertão. Quase ninguém sabe disso.

Foi consultor da Globo quando da adaptação para a tevê do Memorial de Maria Moura, de Raquel de Queiroz, e dela mesma, de quem mereceu dedicatória agradecida na folha de rosto do romance.

Nada lhe fascinou. Só o sertão. Com sua alma de monge, num ascetismo invencível, viveu fechado no seu sertão e na sua caverna feita de livros, sem nunca desejar sair.

Senhores Acadêmicos,  
Minhas Senhoras, Meus Senhores

O sertão de Oswaldo Lamartine é bem aquele sertão talhado a golpes do estilo monumental e mágico de Gustavo Barroso, na abertura do seu clássico "Terra do Sol". E que peço permissão para citar e comparar nesta noite solene porque representa um dos momentos mais antológicos da literatura sertaneja na visão de Oswaldo e porque tem, na formação de sua fruição estética, a força de uma leitura fundadora:

*"Quem das brancas praias do Ceará demanda o interior das terras, nota que todo o terreno sobe, muito sensivelmente, da orilha do Atlântico para o sertão. E, quando se avistar uma argila vermelha ao invés da alva areia dos tabuleiros que margeiam a costa e o olhar não mais vir o*

*cajueiro e o cauçú, nem as crespas moitas viscosas de murici, guajirú, guabiraba e murta oferecerem seus frutos ao descaso dos transeuntes; quando o pau-branco se esgalhar entre cerrados de rompe-gibão, troncos altos de catamdubas elegantes e, ao olhar se estenderem vastas caatingas de juremas raquíticas, ensombrando touceiras de coroa de frade; quando cortarem o terreno largas lajes de granito e chistos argilosos, quartzitizados, se esbarrondarem nas ribanceiras, por entre lascas de calcário endurecido, lenta e silenciosamente se transformando em mármore, - ai começa o sertão”.*

Agora é ele, Oswaldo, na belíssima descrição do açude:

*“Espia-se a água se derramando líquida e horizontal pela terra adentro a se perder de vista. As represas esgueiram-se em margens contorcidas e embastadas, onde touceiras de capim de planta ou o mandante de hastes arroxeadas debruçam-se na lodosa lama. O verde das vazantes emoldura o açude no cinzento dos chãos. Do silêncio dos descampados vem o marulhar das marolas que morrem nos rasos. Curimatãs em cardume comem e vadeam nas águas beirinhas nas horas frias do quebrar da barra ou morrer do dia. Nuvens de marrecas caem dos céus. Pato verdadeiro, putrião e paturi grasnam em coral com o coaxar dos sapos que abraçados se multiplicam em infindáveis desovas geométricas. Gritos de socó martelam espaçadamente os silêncios. Garças em branco-noivo fazem alvura na lama. É o arremedar, naqueles mundos, do começo do mundo”.*

Ora, quem cruza as porteiras azuis da Fazenda Acauã no beijo do asfalto e desliza numa trilha estreita, entre dourados panascos que o vento tange e ondula como os trigais dos Pampas tocados pelo Minuano; quem passa pelas pedras gigantes como se fossem feitas para avisar que ali é um refúgio; quem vence o caminho comprido que serpenteia na caatinga guardado pelas sombras das umburanas que estalam ao sol; ainda de longe, e do alto, sente a celebração do verso de Auta de Souza quando vislumbra a silhueta branca da casa como se estivesse envolvida pelo “incenso agreste da jurema em flor”.

Ah, minhas senhoras e meus senhores!

O sertão senhorial e nobre está todo ali. Vivo e inteiro, na sala da casa grande de Acauã. Onde hoje ele vive na solidão dos dias e das noites. Do sol e das sombras. Vizinho e amigo da Serra dos Macacos, Ribeira do Camarajibe. E cercado das árvores que ele mesmo plantou: – craibeiras, aroeiras, oiticicas, alfarrobas, paus d’arco, umburanas e cumarús.

Basta entrar.

Na parede da frente, em ferro duro como o sertão, o sinal de gado de um Lamartine legítimo, fundido nas leis da heráldica sertaneja, misturando o caixão-da-marca do pai com a forma avoenga da tradição materna. Na porta de quem chega, em duas folhas como as velhas portas das casas antigas, a placa de ágata com o número 431, tudo quanto resta da casa onde nasceu, ali na esquina da Rodrigues Alves com a Trairi. Na mesma Trairi onde depois foi morar num palacete esquina da Campos Sales que um dia viu o progresso devorar sem deixar sequer o número, mas que continua nos seus olhos, intacto, suspenso no ar, como o quarto do poeta.

A bengala do pai, com o castão ornado em delicados e finos florais de ouro; um relógio oito batendo e repetindo as horas melancólicas do sertão de nunca-mais; quadros, poemas-autógrafos de Manuel Bandeira e Zila Mamede; chocalhos calados, baús quietos e cheios de silêncio guardando a assinatura

dos que lhe visitam; estribos que dormem seu sono de prata; uma mesa de peroba-do-campo que ele alisa com sua mão magra como se fosse um bicho de estimação; uma cruz de ferro, réplica da que veio na esquadra de Cabral para proteger seus navios; um retrato do pai; uma lasca de cumarú com a marca da Fazenda Não Me Deixes, presente de sua amiga Raquel de Queiroz, soltando o leve perfume dos sertões do Quixadá; gravuras, imagens, medalhas e objetos de velhas afeições.

No dedo mínimo da mão direita, dois anéis singelos. E incrustadas na singeleza deles duas saudades e duas tristezas sem fim. Uma cachorra que se chama Kalú e um retrato de Parrudo, o cão que precisou sacrificar para não vê-lo sofrer porque tinha o mesmo nome do cachorro da infância. Logo ele, que conhece como ninguém as qualidades dos cachorros criados no sertão que no dizer de Gustavo Barroso “são humildes, obedientes, tristes e desconfiados”, mas também “dedicados e agradecidos”.

Por sobre tudo, como uma sentinela indormida, uma velha garrucha do sertão colonial. Porque a exemplo do que disse o poeta Gerardo Mello Mourão ao receber diante dos mestres da Universidade Federal do Ceará o título maior de Doutor Honoris Causa. Oswaldo também tem a linhagem dos que ainda guardam “nos ouvidos da memória o estrondo dos bacamartes, das salvas das escopetas, das lazarinas de pederneiras e dos rifles de papo-amarelo”.

E um galo-de-campina. Criado solto como os seus canários da terra, suas graúnas e seus bem-te-vis. Um galo-de-campina, sim, herança do seu amigo Monsenhor Expedito que na modorra do meio-dia pousa delicado e humano sobre a borda alva do prato de porcelana onde Oswaldo almoça o seu almoço de passarinho. Vem para lhe fazer companhia. E fica bicando alguns grãos de arroz num milagre de beleza e transcendência. Porque Oswaldo é como se fosse o São Francisco dos pássaros de Acauã. Alimentando a todos com suas mãos amorosas e sem afugentá-los, de tão íntimo.

Como é orgulhoso vê-lo nesta casa. Como demorou a chegar. Resistindo a todos os convites com sua alma arisca às

louvações. Oswaldo, meu mestre. Meu irmão mais velho. Esse homem cósmico e genial. O maior estilista da etnografia brasileira.

Olhem bem para ele.

Não é um homem comum.

Nele ainda vive o sentimento das velhas baronias.

A grandeza trágica da resistência.

A solidão monástica da vida.

Porque ele é o último Príncipe do Reinado do Grande Sertão de Nunca-Mais.

Muito obrigado a todos.

\* Discurso do acadêmico Vicente Serejo lido na sessão solene do dia 14 de novembro de 2001, no salão nobre da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, saudando a posse do escritor Oswaldo Lamartine de Faria na Cadeira 12 que tem como Patrono Amaro Cavalcanti e os dois primeiros ocupantes Juvenal Lamartine e Veríssimo de Melo.



# **Galeria Acadêmica**



# CÔNEGO JORGE O'GRADY DE PAIVA

*Jurandyr Navarro \**

Tombou, pelo cansaço, aos noventa e um anos de idade o gigante da Literatura, o estudioso da Física, o amante da Astronomia; tendo honrado, em vida, a sua Igreja e a sua Pátria, às quais dedicou o seu coração e a sua inteligência.

Se o Padre Luiz Monte, a pedido de Luiz da Câmara Cascudo, escreveu a lema desta Academia – Ad Lucem Versus, Rumo à Luz, o Cônego Jorge O'Grady, por solicitação de Manuel Rodrigues de Melo, organizou os Símbolos heráldicos desta Casa de Letras.

O ora homenageado nasceu aos 26 de Maio de 1909 no Município de Ceará-Mirim, deste Estado, tendo a sua Ordenação sacerdotal ocorrida em 1934. Antes, cursara Medicina até o segundo Ano. Paróquias que atuou: Penha, Macau e Mossoró. Com a ida do Cardeal Barros Câmara para a Arquidiocese do Rio de Janeiro o Cônego O'Grady passou a pertencer ao Clero da Cidade Maravilhosa.

Antes de deixar a Freguesia de Mossoró foi, por alguns anos, Diretor do Ginásio Diocesano "Santa Luzia".

Obras: "Excelências do Rosário"; "Verdade e Vida", esboço biográfico do Padre Luiz Monte, em 1948; "João Gualberto, Varão da Eternidade", 1952; "Dicionário de Astronomia e Astronáutica", com segunda edição em 1975 e terceira em 1979; "Na Seara das Letras, da Fé e da Ciência", 1968; "Prédicas e Mini-Prédicas", 1977; "Nos Domínios das Letras e da Ciência", 1977; "Prédicas, Saudações e Necrológios", 1983; "Arte e Beleza", 1992; "Verdade e Vida", 2ª edição, 1996; "Prédicas, Alocuções e Necrológios" (inédito) e "Dicionário de Nomes Próprios Pessoais" (inédito).

Este último, "Dicionário de Nomes Próprios Pessoais", ele ainda vivo, incumbiu-me, através de uma sobrinha, D Margarida Cavalcante e sua Secretária, D. Mercedes Paranhos, para publicá-lo em Natal. Recebi os originais, em três volumes, perto de dez mil verbetes, e fiz entrega à Editora Universitária, cujo Diretor, Professor Pedro Vicente, responsabilizou-se pela publicação por tratar-se de uma obra original, em nossa Cultura.

Além de escritor, o Cônego Jorge O'Grady era orador, poliglota, crítico literário e conhecedor, também das ciências geofísio-matemáticas.

Além de Membro desta Academia, era Sócio da congênere do Estado do Rio de Janeiro, tendo, ali, por Patrono Jônatas Serrano; pertenceu, outrossim, à Academia Carioca de Letras, Cadeira nº 33, cujo Patrono é Mário Barreto. Foi Delegado vitalício junto à Federação das Academias de Letras do Brasil. A Academia de Ciências do Rio Grande do Norte tinha ele como Membro Efetivo, assim como o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Outras Instituições culturais agasalharam-lhe o seu nome augusto.

Recebeu o Prêmio "Carlos Laet", da Academia Brasileira de Letras em 1953, pela obra de sua autoria intitulada "João Gualberto, varão da eternidade", o grande Padre orador carioca, que polemizou com o insigne penalista italiano Enrico Ferri, este, de idêntico quilate jurídico de Carrara, Lombroso e Gabriel Tarde, condutores respectivos das Escolas criminais: a Clássica, a Antropológica e a Eclética.

Em nosso poder, deixou o Pe. Jorge denso acervo de Cartas de Câmara Cascudo, durante um período de mais de vinte anos. Numa delas faz, o nosso Historiador, menção à Acta Diurna intitulada "O Missionário das Estrelas", viva referência ao seu notável livro mencionado.

A sua rica biblioteca contendo obras científicas, literárias e religiosas destinou, por Testamento cultural, às entidades do Rio Grande do Norte: Academia de Letras, Seminário de São Pedro e Academia de Ciências. Documentos e objetos, fez doação ao Instituto Histórico e Geográfico.

Seus títulos receberam o aplauso e a consagração da crítica imparcial do sul do País. Atinente ao seu "Dicionário de Astronomia e Astronáutica", assim se expressou o Professor João Lyra Madeira: "Nada parecido existe em língua portuguesa e são muito escassas as obras do mesmo tipo em qualquer língua (...) Este livro já conquistou plenamente a posição de relevo que lhe estava destinada em nossa bibliografia científica, como inovação pioneira".

Othon Costa e Rubens de Azevedo, não foram menos categóricos, em suas respectivas afirmações: "Essa obra afirma, realmente uma personalidade e, sobre a sua influência na

evolução científica do Brasil”; “Este livro é magnífico presente à bibliografia brasileira e, ainda, com o público leitor, que tem assim à sua disposição uma verdadeira Escada de Jacob que o levará sem tropeços ao firmamento estrelado.”

Quanto ao “Dicionário de Nomes Próprios Pessoais”, o seu Prefaciador, Modesto de Abreu, ex-Presidente da Academia do Estado do Rio de Janeiro, disse: Todos nós nos acostumamos, de há muito, admirar as produções com que a cultura, o talento e o bom gosto de Jorge O’Grady de Paiva vem enriquecendo o patrimônio intelectual brasileiro, tanto através da palavra escrita quanto da palavra oral. Pela imprensa periódica e pelo livro ou nos sermões e homilias que profere, bem como nas conferências e palestras que nos deleita e instrui nas múltiplas tribunas profanas e sagradas, a que é chamado com freqüência, sempre nos encanta pela harmonia do seu estilo e nos persuade pelo poder de sua eloqüência.

Este Dicionário de Nomes Próprios e Pessoais – perto de dez mil verbetes – é a obra que estava faltando na nossa bibliografia lingüística, podendo afirmar-se que se trata de um trabalho minucioso, metódico e completo”.

Como foi observado acima, o Cônego Jorge O’Grady abarcou horizontes lingüísticos, literários e científicos, num trabalho pertinaz de uma existência, toda ela, dedicada à Cultura e à Religião.

Exibiu-se, também, como crítico literário, principalmente na esfera da poética. Em relação ao Rio Grande do Norte, há trabalho seu estudando a Poesia de Edinor Avelino, Segundo Wanderley, Otoniel Menezes e Zila Mamede.

Deixou-nos, o Padre Jorge três exemplos magníficos: o de grandeza moral pelo perfil retilíneo da sua formação monástica; o de tenacidade em alcançar uma cultura invejável, e o exemplo maior – o da sua humildade, sempre distante das vaidades e honrarias passageiras.

Com sua vida simples construiu um edifício perene, que o tempo jamais apagará: a sua imortalidade intelectual.

(Pronunciado em 20 de Dezembro de 2001, na ANL)

\* Advogado e escritor, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

# RAUL FERNANDES

*Jurandy Navarro \**

Raul Fernandes foi um cidadão que marcou a sua época. No Rio Grande do Norte, um pioneiro em viagens ao Exterior. Viagens bem aproveitadas, por serem de estudos e ao mesmo tempo de turismo, numa época em que raras as pessoas de instrução de nível superior e de condições pecuniárias para tal empreendimento. Daí, ter ele arejado o espírito e ampliado seus conhecimentos culturais. Assim, visitou a Europa, EE. UU. e Oriente Médio.

Raul Fernandes era formado em Ciências Sociais e Jurídicas, pela Faculdade de Direito da Universidade da Bahia, diplomação em 1930. Simultaneamente fazia Medicina, cujo Curso terminou na Universidade do Brasil, Rio de Janeiro, em 1932.

Dedicou-se somente à Medicina, de corpo e alma. O Curso de Direito serviu-lhe para uma visão mais ampla da vida em sociedade. Especializou-se em Otorrinolaringologia e Oftalmologia. Fez Curso de Aperfeiçoamento em Viena e Berlim, em 1936, retornando, depois, a estas famosas capitais europeias. Em 1940 fez Pós-Graduação na Universidade de Temple, em Filadélfia.

Citado como pioneiro, no Brasil, no diagnóstico do câncer pulmonar pela endoscopia e biópsia brônquica. Citação esta, no livro do Dr. Newton Bethlem, intitulado "Pneumologia", conforme mencionou Vingt-Un, na obra dedicada ao grande filho de Mossoró.

Inúmeros os seus trabalhos de cunho científico, como, por exemplo "Difteria Nasal Primitiva"; "Etmodectomia pela Via Maxilar"; "Cisto Folicular Para-dentário do Maxilar Superior"; "Recentes Aquisições da Oftalmologia na Alemanha"; "Mixo Carciosa do palato Mole"; "Bronco-Esofagoscopia para Extração de Corpos Estranhos"; "Considerações sobre o Tratamento de Estrabismo"; "Considerações sobre Tráqueo-Bronquite Tuberculosa", e outros. Todos estes na década de 1940, publicados pela Imprensa Oficial do Estado e por Revistas.

Apresentou também um estudo sobre “Toxoplasmose” no IV Congresso Médico Brasileiro, 1957, dentre outros Congressos.

Fez Estágio e Curso de Aperfeiçoamento de Otorrinolaringologia e Oftalmologia na Alemanha e Áustria. Foi estagiário do Hospital “São Francisco de Assis”, do Rio de Janeiro.

Pertenceu, Raul Fernandes, a diversas instituições médicas, sociais e culturais, dentre as quais, como sócio Correspondente da Sociedade de Oftalmologia do Rio de Janeiro; Sócio do Rotary Club de Natal, tendo sido Presidente três vezes; Sócio do Rotary Club do Rio de Janeiro; Sócio Efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte; Membro da Academia de Ciências do Rio Grande do Norte; da Academia de Medicina do Rio Grande do Norte.

Por ocasião da sua posse nesta Academia de Letras foi ele saudado pelo Acadêmico Veríssimo de Melo, de saudosa memória.

Foi, Raul Fernandes, docente da Faculdade de Medicina de Natal desde 1954 e depois Professor Fundador da Universidade federal do Rio Grande do Norte, tendo se aposentado em 1978.

Escritor dos melhores do Estado. Filho de Rodolpho Fernandes, bravo defensor da investida de Lampião, em Mossoró; Raul, com o cérebro povoado dos lances da resistência heróica, gravou em livros a memória da brava gente mossoroense. E vieram “A Marcha de Lampião – Assalto a Mossoró”; “Antônio Silvino no Rio Grande do Norte”... O Livro “Memórias” evoca os lugares amenos da sua vida.

Escreveu outras obras: “Sing-Sing, a Penitenciária Famosa”, que ele visitou, lembrando as suas aulas de Direito; escreveu também sobre o Vulcão italiano: “Vesúvio, o Vulcão Traiçoeiro”; “As Aventuras Internacionais de um Médico de Província”; sobre a viagem empreendida no dirigível alemão: “Hindenburg, a Aeronave Monumental”.

Para muitos a sua obra maior é a que narra “A Marcha de Lampião – Assalto a Mossoró”, que é elogiada pelo mundo cultural. Dela, assim se exprimiu Nilo Pereira: “Tudo é narrado pelo autor tal uma saga, uma epopéia”.

Ocupou lugar destacado na Academia Mossoroense de Letras, na Sociedade Brasileira de Médicos Escritores e, dentre

inúmeros títulos recebidos, pode-se citar o de Professor Emérito da nossa Universidade Federal e a Medalha Cultural da Fundação “Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais”, do Recife.

Teve, o doutor Raul Fernandes, uma existência das mais ricas, em oportunidades por ele idealizadas e conquistadas, por seu espírito desbravador de horizontes científicos e culturais. Isso, porque ele tinha, lembrando Louis Pasteur, a “expressão determinada” assinalada por Beverley Birch, no seu livro sobre o grande cientista francês.

Raul Fernandes muito viajou para muito aprender da cultura universal, da ciência e da vida. A medicina, aprendeu, dentre outros, na área de sua especialização, com o célebre Dr. Prof. Eichen, cirurgião que operou Hitler, de um nódulo na corda vocal.

A outra fase importante de sua existência tumultuada ele dedicou à higienização espiritual no intermitente périplo que fez pelo planeta, especialmente Oriente, Europa e América. O único norte-rio-grandense que viajou no famoso superdirigível Hindenburg, orgulho da aeronáutica germânica, feito da Alemanha ao Rio de Janeiro, passando por Natal. Cruzou os mares em transatlânticos de longo curso; conheceu, pessoalmente, quatro Pontífices da Igreja Católica; pisou nas crateras do Vesúvio; visitou Pompéia, a cidade do pecado; viu o machado que degolou a meiga Ana Bolena; molhou os pés nas águas santas do Jordão e discursou em auditórios estrangeiros com a Palavra cabocla, franca e desassombrada.

Pertenceu a esta Academia de Letras que honrou com o seu saber e educação universitária. Nela, ocupou a Cadeira n° 14, cujo Patrono é Joaquim Fagundes, tendo como membro fundador Antônio Fagundes, emérito cultor do vernáculo.

Omiti a data do seu falecimento, já octogenário, obviamente: o fator tempo não conta para a imortalidade acadêmica.

A Academia Norte-Rio-Grandense de Letras está precisando de outra personalidade tão marcante como a do grande causeur, do pesquisador da ciência de Hipócrates e do incansável viajor da Cultura, que foi Raul Fernandes.

(Pronunciado em 20 de Dezembro de 2001, na ANL)

\* Advogado e escritor, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

# SYLVIO PEDROZA

*Murilo Melo Filho \**

Quem deveria estar hoje aqui, nesta tribuna, era o nosso Confrade Alvamar Furtado, há vários meses designado por V.Ex., SENHOR PRESIDENTE, para fazer o Necrológio de Sylvio Pedroza.

Mas, há poucas semanas, já consciente da gravidade de sua doença e pouco antes de morrer, Alvamar pediu a Dona Sônia Cavalcanti, a diligente Secretária da nossa Academia, que transmitisse a V. Ex. uma sugestão no sentido de que eu o substituísse neste encargo e, em seu lugar, fizesse o elogio póstumo de Sylvio Pedroza, nosso grande irmão e amigo comum. Sônia acrescentou-me que, ao sugerir o meu nome = já presentindo o seu fim próximo, e já convicto de que não viveria o suficiente para cumprir a missão delegada por V.Ex. = Alvamar chorava muito, debilhado em lágrimas comoventes.

Mal podia ele imaginar, que eu, hoje, aqui viria e aqui estaria no cumprimento desta sua última vontade, para fazer não apenas um, mas dois necrológios: o de Sylvio e o dele próprio, Alvamar, que viveram duas vidas tão ricas de lições e de experiências.

É o que tentarei fazer a seguir, SENHOR PRESIDENTE, com uma dor imensa no fundo do coração e com uma enorme saudade que de ambos sinto bem dentro do meu peito.

Começo, então, a falar sobre Sylvio Pedroza, que foi justamente o primeiro deles dois, a morrer.

SENHOR PRESIDENTE DIÓGENES DA CUNHA LIMA.

SENHOR VICE-PRESIDENTE PAULO MACEDO.

SENHOR GOVERNADOR GARIBALDI FILHO.

MEUS COLEGAS ACADÊMICOS.

DEMAIS AUTORIDADES.

MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES.

MEUS CONTERRÂNEOS E MEUS AMIGOS.

Quando, na Europa, cessavam os tiros e as batalhas da Primeira Grande Guerra = nascia na Ribeira, em Natal, dia 12 de março de 1918, naquele casarão da antiga Força & Luz, esquina da Tavares de Lyra com a Sachê, hoje Avenida Duque de Caxias, = nascia ali uma criança chamada SYLVIO, filho de Fernando Gomes Pedroza e de Branca Toledo Piza Pedroza.

Cursou o Seminário da Monclair School, na Inglaterra e o Colégio Santo Inácio no Rio, bacharelando-se em Direito, ano de 1939, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Nesse mesmo ano, foi declarado Aspirante a Oficial do Exército, pelo C.P.O.R., na arma de Cavalaria.

Graduou-se pela Universidade americana de Princeton. E começou a advogar no então Distrito Federal, onde viveu até 1942.

Bem-educado e casado, com boa formação britânica, tinha todas as condições para vencer na advocacia do Sul do País, abrindo diante de si uma vida marcada pelo sucesso.

Tudo, porém, de repente, passou a dar-lhe a impressão de imenso vazio.

Parecia estar vivendo fora do ambiente ao qual realmente pertencia. E voltar à sua terra se impôs como solução que adotou, movido por força irresistível, à semelhança de “David Copperfield” de Charles Dickens, à espera do seu grande ideal.

Tinha apenas 24 anos, quando decidiu vir para Natal, numa decisão que considerou a mais acertada de toda a sua vida.

Quatro anos depois, o já então Senador João Câmara vislumbrou nele um enorme potencial e o indicou para Prefeito de Natal, um cargo que assumiu no dia 13 de fevereiro de 1946.

Com apenas 28 anos, imprimiu um ritmo\_ veloz, moderno e realizador ao seu governo aqui na Cidade. Encontrou-a com cinco bairros – Petrópolis, Tirol, Alecrim, Cidade Alta e Ribeira – e deixou-a com treze.

Descobriu nos porões da Prefeitura uma cópia\_do Plano Urbanístico feito em 19/29 pelo arquiteto italiano Giacommo Palumbo, por encomenda do então Prefeito Omar O´Grady, com avenidas bem largas para o Tirol e Petrópolis (ainda sem automóveis) e que nenhum sucessor teve a coragem de alterá-las.

Nesse Plano Urbanístico de Palumbo = o primeiro até então feito para uma cidade brasileira = já estava prevista a Avenida

Circular, que Sylvio resolveu construir, enfrentando estúpidos tabus e resistências, quando justamente procurava fazer com que Natal se integrasse na sua maravilhosa visão marinha.

Não entendia como é que Natal, plantada sobre as dunas, entre o Rio Potengi e o Oceano Atlântico, vivesse de costas para o mar.

Tinha a obsessiva preocupação de fazer a Cidade embarcar na sua destinação oceânica.

E aí decidiu conquistar a região da Limpa, hoje Santos Reis, entre a Praia do Meio e o Rio Potengi, construindo a Avenida Circular, às margens do Atlântico, do poente ao nascente, para unir fisicamente a Cidade, ao Forte dos Reis Magos, o seu maior símbolo.

Foi chamado de louco, ditador, um Mussolini caboclo. Ecologistas garantiam que essa Circular – hoje Avenida Café Filho – já nascia condenada, pois o mar, na primeira oportunidade, iria destruí-la, completamente.

(Sylvio depois me contou que, várias vezes, de uma varanda lá na Avenida Getúlio Vargas, ficava horas inteiras devassando o horizonte e esperando o trágico desastre, que, até hoje, felizmente não aconteceu.)

Descobriu que os americanos haviam deixado em Parnamirim duas velhas máquinas, que tomou emprestadas. Elas aplainavam o terreno, os operários faziam o meio-fio e a calçada. Depois, era só compactar a areia, assentar as pedras e juntá-las com um pouco de cimento.

Desafiaram-no a encontrar para a obra, um dinheiro que ele realmente não tinha, mas que fabricou e produziu, vendendo lotes nas margens da nova Avenida, ao preço de 12 contos, cada. Arrecadou 1.200 contos e tornou-a simplesmente auto-financeável. Começou a construção em junho de 19/56 e terminou-a seis meses depois, na véspera do Natal.

Certo dia, montou um estrado num caminhão da Prefeitura, instalando nele um piano. E, nesse palco improvisado e itinerante, levava consigo o nosso Confrade Oriano de Almeida para tocar Chopin. Sylvio, de pé, ia explicando quem fôra Frederico, o extraordinário compositor polonês, autor de tantas baladas, mazurcas, noturnos, poloneses, prelúdios, valsas e sonatas, de

caráter romântico, pessoal e quase sempre melancólico, que Oriano ia executando com seus dedos de mago e de grande virtuose.

Apresentaram-se assim aos órfãos do Abrigo, aos doentes na enfermaria do Hospital Miguel Couto e aos filhos de Lázaro no Educandário “Osvaldo Cruz”, = que, certamente pela primeira vez e talvez também pela última = estavam escutando músicas tão bonitas.

No viés, no pathos e na vertente de sua competência como executivo, construiu uma Concha Acústica, hoje transformada numa ruína pelo desuso e pelo descaso.

Inaugurou, na Praia da Areia Preta, a Pracinha da Jangada = que ainda hoje lá está = receando que os namorados quebrassem as lâmpadas, incomodados com a claridade perturbadora de suas carícias noturnas.

E no poste, colocou uma placa com um apelo: “Não quebre as lâmpadas. Use o interruptor.”

(O Bispo Dom Eugênio, presente à inauguração e ao tomar conhecimento do interruptor, disse: “Sylvio: é melhor um namoro no claro do que carinhos no escuro”).)

## SENHOR PRESIDENTE.

Numa época em que ainda não se falava em meio-ambiente, Sylvio pavimentou uma rua do Alecrim, mas não permitiu que, em benefício do trânsito, se derrubasse uma árvore colocada bem no meio dela.

Recorda Waldemar de Almeida que Sylvio amanhecia o dia guiando um caminhão, uma moto ou um velho “Studebaker”, percorrendo os bairros da Cidade e escutando-lhe as reivindicações.

– Nas Quintas, no Alecrim, no Carrasco ou em Petrópolis, era visto procurando um lugar para futura praça, uma nova avenida, ou mais um calçamento, sempre indagando e perguntando.

(Era a primeira vez que o povo via um Prefeito seu, na rua, em carne e osso. E podia falar-lhe pessoalmente.)

– Transformou as Rocas. Abriu e calçou novas vias de acesso, para evitar que o poeirão sufocasse e adoecesse os vizinhos.

– Movimentou a Cidade, teimando em apagar de sua face a tinta denunciadora do provincianismo, o pó de arroz matuto e o carmim caipira.

– Saneou e iluminou os bairros pobres da periferia.

– Recriou Natal, que assim teve um Prefeito igual a Pereira Passos.

– Instalou uma Biblioteca no saguão do então Teatro Carlos Gomes, indo de casa em casa à procura dos livros de quem os possuía. Sonhou com um Jockey Club, chegando a inaugurar um Clube Hípico.

Editou músicas de vários compositores.

Como um excepcional amigo da arte e do Teatro, subvencionou grupos amadores e sociedades esportivas.

Promoveu a publicação de mais de 50 autores natalenses, num valioso estímulo a todos quantos dificilmente teriam sido editados.

Isentou de impostos e taxas os espetáculos teatrais, apoiando as vocações artísticas de Marcelo Fernandes, Valdemar Bandeira, Meira Pires, Luís Maranhão Filho e Newton Navarro.

Isentou também dos impostos municipais, por dez anos, os hotéis e edifícios de apartamentos ou de escritórios, que reservassem no andar térreo um espaço para espetáculos de arte.

Acabou com os enterros em rede, criando uma sessão funerária na Prefeitura, para fornecer caixões aos defuntos comprovadamente miseráveis, que assim passaram a ter direito pelo menos a um ataúde.

Após uma visita a Natal, Paschoal Carlos Magno publicou no “Correio da Manhã”, um artigo em que perguntava: “Por que não temos pelo menos um outro Sylvio Pedroza em cada cidade brasileira ?

Certa vez, alguns jornalistas pernambucanos = entre os quais Silvino Lopes, Andrade Lima Filho, Gilberto Osório e o nosso Nilo Pereira, estiveram aqui em visita = e, já de volta ao Recife, exaltaram a administração de Sylvio em Natal, apontando-

a como exemplo a ser seguido pelos Prefeitos de Pernambuco, e provocando naturais e inevitáveis ciúmes.

(Como Prefeito, Sylvio recebeu em Parnamirim, recém-construída, vários visitantes ilustres: o General Eisenhower, comandante dos exércitos aliados na invasão da Europa e depois Presidente dos Estados Unidos; a Sra. Eva Perón, mãe dos descamisados argentinos e Tyrone Power, artista famoso.)

## MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES.

Sylvio assim recordava sempre o seu primeiro encontro com Cascudo:

– Eu tinha 20 anos menos do que ele. Mas, era como se nos conhecêssemos desde crianças. Aquele foi um encontro marcante, único, definitivo. E nunca mais deixamos de nos encontrar e de conviver.

Assinou um Decreto criando o cargo de “Historiador da Cidade do Natal”, nomeando Cascudo para exercê-lo, em função honorífica e gratuita, com o salário simbólico de 1 cruzeiro por ano, que o assalariado, aliás, fazia muita questão de recebê-lo, pontualmente.

Encomendou-lhe um livro: a “História da Cidade do Natal”, cuja 1ª Edição foi financiada pela própria Prefeitura, tornando-se um clássico no gênero e sendo reeditada há pouco tempo, pelo Instituto Histórico.

(Quando Governador, logo depois, Sylvio encomendou a Cascudo = que a escreveu = a “História do Rio Grande do Norte”, pois já eram transcorridos mais de 30 anos do livro de Tavares de Lyra, com muitas coisas a acrescentar.)

E, certo dia, Sylvio disse a Cascudo:

– Eu era Prefeito e você ganhou 1 cruzeiro, escrevendo a “História da Cidade do Natal”.

– Depois, fui Governador e você ganhou bem pouco com a “História do Rio Grande do Norte”. Cascudo: você precisa ser meu eleitor. Pense bem. Se eu, por acaso, chegar a Presidente da República, vou encomendar-lhe a “História do Brasil” em 24 volumes. E aí, então, você fica rico.

Achando muita graça, Cascudo contava que Sylvio fôra seu aluno de História no Atheneu e, uma vez, o interrogara sobre

como é que Dom Manuel, o Venturoso, Rei de Portugal, tomara conhecimento da grande notícia do Descobrimento do Brasil.

E Sylvio, apanhado de surpresa e à falta de uma explicação melhor, respondeu:

– Cabral passou-lhe um longo telegrama.

E Cascudo, mais surpreso ainda:

– Mas, telegrama, em maio de 1.500 ? Você não acha que foi cedo demais ?

## MEUS AMIGOS.

Sobre Cascudo, Sylvio perguntava:

– Que seria de Natal, do Rio Grande do Norte e de todos nós, se não fosse Cascudo ?

– Quem iria reaver a memória dos nossos pró-homens, com a liderança política de Pedro Velho, a visão cultural de Alberto Maranhão e o gênio inventivo de Augusto Severo ?

– Quem iria nos contar as coisas, se não fosse Cascudo?

## MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES.

Sylvio foi um jovem Prefeito, de camisa esporte, mangas arregaçadas, andarilho e inquieto, que, em seu mundo bergsoniano, conviveu com as velhas raposas do PSD: General Dantas, Georgino Avelino, Deoclécio Duarte, Mota Neto, João Câmara, José Varela, Ubaldo e Theodorico Bezerra, Lauro de Arruda Câmara, Israel Nunes, Rui Paiva e Alfredo Mesquita, entre outros grandes chefes e líderes da política potiguar.

Ele era popular, sem ser popularesco ou populista, mas, popularíssimo pelo seu desempenho como Prefeito, elegeu-se em 1947 para a As-sem-bléia Constituinte do Estado, sendo o candidato pessedista mais votado, sobretudo aqui na Capital, quando o Governador José Varela o convenceu a licenciar-se da Assembléia e continuar como Prefeito.

No pleito de outubro de 19-50, elegeu-se Vice-Governador do Estado, na chapa de Dix-Sept Rosado, pela coligação PSD, PR e PSP, com um surpreendente apoio de Café Filho.

Formavam ambos uma dupla de ex-prefeitos moços: um, de Mossoró, e outro, de Natal, que fizeram uma campanha popular e bonita, pregando a renovação dos hábitos políticos, conseguindo uma estrondosa vitória eleitoral e empossando-se no dia 31 de janeiro de 1951.

Sylvio ainda era Vice-Governador, quando recebeu a visita de um importante chefe político do Oeste, cobrando uma alegada promessa do Governador Dix-Sept, de transferir para Macau, a 100 kms de distância, uma professora viúva, com nove filhos, um dos quais paralítico, simplesmente porque não tinha votado nele.

Sylvio respondeu-lhe:

– Primeiro, não acredito que Dix-Sept lhe tenha prometido essa infâmia.

– E, segundo, se ele fizer uma desgraça dessas, contrariando tudo quanto pregamos em nossa campanha, me perderá como seu aliado. Mas tenho certeza de que ele não o fará, jamais.

E Jerônimo Dix-Sept Rosado Maia realmente não fez.

Seis meses adiante, porém, na manhã fatal de 12 de julho de 1951, Dix-Sept morria tragicamente num desastre de avião no Rio do Sal, em Sergipe e Sylvio, quatro dias depois, assumia o governo do Estado, nele permanecendo durante quatro anos e meio, até o dia 31 de janeiro de 1956. Tinha apenas 33 anos de idade e era uma exceção entre os Governadores dos outros Estados, cujas Constituições lhes exigiam a idade mínima de 35 anos.

Tomando posse, Sylvio declarou que estava convicto de que esse seu novo mandato impunha responsabilidades acima das limitações e contingências partidárias.

Adiantou que seu governo ficaria ao lado do povo, sempre que os interesses políticos entrassem em conflito com os interesses populares.

Durante seu mandato, reconstruiu o Palácio do Governo e terminou a construção do Quartel da Polícia Militar e do Instituto de Educação, que encontrara nos alicerces, acusado de ser grande demais, muito luxuoso e inaugurado com a presença de Anísio Teixeira.

Inaugurou o primeiro ginásio poli-esportivo coberto, de todo o Norte e Nordeste, com um torneio pentagonal, entre o clube Astréa da Paraíba, os Náuticos de Fortaleza e do Recife, além dos potiguares A. A. B. B. e Santa Cruz.

E proclamou que continuava a ser um desportista que, pelo fato de estar no governo, não tinha o direito de afastar-se do esporte e deixar de praticá-lo. Dizia:

– Não conheço melhor caminho de educar a mocidade, senão o de encaminhá-la para a disputa leal do esporte, aquela onde se aprende a ganhar, mas também a perder, com a mesma elegância, sempre respeitando os adversários.

– Não existe um desportista que fume demais, que beba demais ou que se entregue ao tóxico.

– Apóio o esporte como um dever e até como uma saída para os jovens fugirem do fumo, da bebida e das drogas.

– Sou político, disputo votos, mas nunca os pedi aos meus amigos do esporte.

Tendo estudado na Inglaterra, onde ser desportista é uma mania nacional, Sylvio se lembrava de que, lá, quando alguém é apresentado, recebe logo a pergunta: “Qual é o esporte que você pratica?”.

Ele era um desportista nato, que viria a presidir a Confederação Brasileira de Tênis, sendo um tenista campeoníssimo pelo Fluminense, seu clube do coração e também campeão de polo pelo Itanhangá Golf Clube do Rio de Janeiro.

Não praticava apenas esses esportes de elite, porque não dispensava uma “pelada” na praia, partidas de voleibol, basquetebol e futebol de campo. E até vaqueijadas, como derrubador de gado, ostentando com orgulho uma calosidade que essas derrubadas lhe deixaram na mão direita.

Como iatista, pilotou o iate “Boa Sorte” = levando Ulisses Cavalcanti nas funções de navegador e Osório Dantas como imediato, escrivão, cozinheiro e pescador, num “reid” Natal-Fortaleza, com escalas em Areia Branca e Aracati, durante cinco dias, ao longo de trezentas e vinte milhas marítimas.

Certa vez, convidou Gilberto Freyre para fazer duas conferências em Natal. Como orador oficial, na primeira delas, saudou o grande sociólogo pernambucano.

Mas, não pôde comparecer à segunda palestra, porque, nessa mesma hora, estava tendo de derrotar um adversário, justamente um tenista recifense, que por aqui andava.

Aquela foi uma preferência que Gilberto, com toda a sua famosa vaidade, simplesmente não aceitou, mas que também não o impediu de, regressando ao Recife, proclamar que o Prefeito de Natal não se deixava ficar enterrado no gabinete, como um acaciano.

## SENHORES ACADÊMICOS.

Durante seu mandato, Sylvio conviveu com os homens simples; com os vaqueiros nos largos campos; com os pescadores nas nossas praias inigualáveis, de volta das longas jornadas no mar; com os lavradores heróicos, tenazes no amanho da terra; com os mineradores a arrancar das asperezas do solo novos elementos de riqueza e recuperação econômica;

com os operários das fábricas e usinas; com os propulsores do comércio e da indústria; com os intelectuais guardiões do nosso patrimônio de sabedoria e inteligência.

Fez no Estado uma administração memorável e histórica. Teve como metas prioritárias a ampliação e a pavimentação da malha rodoviária; a mecanização da lavoura, com todas as formas de ajuda ao agricultor.

Desenvolveu e prestigiou a Cultura, apoiando os movimentos literários e científicos.

Reaparelhou e atualizou o mecanismo fiscal.

Enfrentou três anos de uma seca inclemente e devastadora, sem Sudene, sem Banco do Nordeste, sem empréstimos ou financiamentos internacionais, que simplesmente ainda não existiam. Ia ao Rio, conseguia umas verbinhas com o Presidente Vargas e nada mais.

Promoveu um levantamento agro-geológico e geo-físico de todo o território norte-riograndense, com um trabalho realizado pelo Prof. Vageler, um francês técnico da ONU.

Fomos o primeiro Estado brasileiro a fazer a prospecção e análise do seu solo e subsolo, provando a utilidade dos poços artesianos, na descoberta de água a pouca profundidade, para enfrentar a desgrça das secas.

Certo dia, na construção de um açude no Seridó, Sylvio verificou que o líder político local aparecia na folha de pagamento. Até aí, suportou. Mas, quando descobriu que o cavalo dele também tinha nome e também figurava na folha, como chefe da obra, não aguentou mais. Trocou tudo, porque, se na história de Roma houvera um “Incitatus” = aquele cavalo que Calígula elevou a Cônsul e lhe montou uma casa com criados para receber os visitantes = aqui no Rio Grande do Norte existiu um cavalo mestre de obras.

## MEUS AMIGOS.

Certa noite, Sylvio telefonou para Cascudo:

- Estou sofrendo muito com sua ausência e seu afastamento.

Cascudo respondeu: “E eu estou no maior sufoco, porque tenho prazo certo para descobrir qual o melhor lugar de onde a nossa visão do pôr-do-sol pode ser mais sugestiva e bela.

E Sylvio anunciou:

- Tratando-se de pôr-do-sol, eu também estou nessa marmita.

Largou o gabinete, saturado da política paroquial e de pedidos absurdos, e, guiando o seu próprio automóvel, partiu para o Sobradinho da Rua Junqueira Aires, pulou a janela do terraço, declamando versos, imitando figurões poderosos = como sempre o fazia = e arrancou Cascudo para irem, rio acima, à procura do mais belo pôr-do-sol de Natal.

Encontraram-no finalmente, visto do patamar da Igreja do Rosário, sobre o estuário prateado do Potengi. E viram o astro-rei desaparecer no horizonte policolor em cromáticas gradações de ouro e de púrpura. Depois, deixaram-se sentar num banquinho à margem do Rio, em longas conversas, tendo à frente o zênite e o limite infindos, o Potengi, o mar e o sol poente.

Ambos ganharam aí o apelido de “Os Colecionadores de Crepúsculos.”

Não raro, os dois percorriam, felizes, os bairros populares, para assistir aos folguedos da Nau Catarineta e do Bum-ba-meu-Boi. Em noites de luar, rendiam homenagens às estátuas silenciosas. Abandonavam seus compromissos para, juntos,

ouvirem os quartetos, as sinfonias, os concertos, a ópera Fidélio e a Missa Solemnis, do alemão Ludwig von Beethoven.

Era aquele um lirismo pouco encontrado em homens comuns.

Certo dia, num jipe pilotado por Sylvio, Cascudo reviu o Marco de Touros, o mais antigo do Brasil e, na companhia do Desembargador João Maria Furtado, participaram os três de uma caçada de arribações.

Enquanto isto, em Palácio, os amigos e clientes eleitorais exasperavam-se com aquelas inexplicáveis ausências do Governador.

Certa manhã, Sylvio recebeu o telegrama de um deputado correligionário seu, do PSD, ameaçando romper com o governo, se, de sua Cidade, não fosse removido um cabo da Polícia, que se recusava a obedecer suas ordens.

Mandou apurar o assunto, concluiu que o cabo, estava cumprindo o seu dever, de garantir a ordem, e respondeu:

- O cabo não será removido a não ser que cometa alguma violência e aí receberá punição. Dou-lhe um conselho, Senhor Deputado: cuide menos do nosso cabo e mais dos nossos postos de saúde, nossas estradas e nossas escolas, para as quais, aliás, V. Ex. foi eleito. Pode pedir-me tudo isto que o ajudarei. Mas, pelo amor de Deus, não me peça a remoção desse cabo, que não farei.

## MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES.

Na véspera do dia da posse do seu sucessor no governo do Estado = quando as paixões políticas mais estavam acirradas = Sylvio veio a esta Academia presidir a posse de Nilo Pereira, o meu antecessor na Cadeira n\* 19, e comunicar que, justamente naquela tarde, enviara uma mensagem à Assembléia Legislativa, criando vários prêmios literários.

Lançou aqui o seu livro “Pensamento e Ação”, editado por Valério Mesquita, então Presidente da Fundação José Augusto.

Como verdadeiro magistrado, presidiu as eleições para sua sucessão e garantiu tanta liberdade à oposição que ela conseguiu eleger seu candidato, o Senador Dinarte Mariz.

Dando-lhe posse, dia 31 de janeiro de 1956, Sylvio revelou ter sido avisado que, como Governador, agindo acima dos partidos, estava derrotando o seu PSD e encerrando sua carreira política.

Apesar dessas advertências, decidira respeitar o direito de todos os eleitores e ser, nas eleições, um árbitro imparcial.

Sabia que essa estrada seria penosa, repleta de sacrifícios e decepções, pois o Estado não se preparara para idéias tão revolucionárias. Mas a recompensa lhe chegava naquele exato momento, quando podia afirmar:

– Desconhecem-se em todo o território norte-riograndense quaisquer formas de coação ou de perseguição política.

E transmitiu o governo ao seu sucessor, declarando aos jornais com certa mágoa:

– Eu não sei se fui eu que deixei a política do Rio Grande do Norte, ou se foi ela que me deixou.

Lembrava-se do conselho de sua mãe, Dona Branca:

“Não se meta nisso, meu filho. Política não é boa coisa.

Os Pedrozas foram apenas comerciantes. E você jamais será um bom político.”

Ao deixar o Estado, 14 anos depois que aqui voltara = servindo-o como Prefeito de Natal, Vice-Governador e Governador = podia considerar cumprido o seu destino.

O resto, como dizem as Escrituras, iria receber por acréscimo.

Restou-lhe a inapagável lembrança dos dias, idos e vividos, das alegrias e de muitas amizades, cimentadas no convívio dos conterrâneos, que lhe abriam suas portas e seu coração.

Perguntado por um repórter sobre qual o conselho que daria ao seu sucessor, respondeu:

– Eu lhe diria apenas que tenha tanto juízo quanto eu tive.

## MEUS AMIGOS.

Sylvio retornou ao Rio, foi eleito Diretor do Banco do Nordeste em 30 de abril de 1957, mas, viu-se logo atraído por Juscelino Kubitschek, que já se empossara como Presidente da República e com o qual tinha várias afinidades. Ambos, muito

moços ainda, haviam sido prefeitos do PSD: um, em Belo Horizonte e outro, em Natal. Ambos, também ainda jovens, haviam sido governadores pessedistas: um, em Minas e outro, no Rio Grande do Norte.

E os dois tinham igualmente muitas semelhanças e analogias, na ânsia comum de fazer, construir e desenvolver.

Já estava lançado o Plano das 30 Metas, além da Meta de Brasília, a desafiar a competência realizadora de homens como JK e como Sylvio, que viria a desempenhar um papel importantíssimo na construção da Nova Capital,

para a qual já se havia transferido na qualidade de pioneiro e onde foi o primeiro Comodoro do late Clube.

(Voltamos, então, a nos reencontrar e a nos unir, eu e Sylvio, naquele deserto e naquela solidão do Planalto = com muita lama e muita poeira = como autênticos candangos e soldados na batalha da construção de Brasília.)

Foi nomeado por Juscelino para oficial de seu gabinete e, três meses depois, para sub-chefe de sua Casa Civil.

Após a renúncia de Jânio, viu-se convidado pelo Presidente João Goulart, em setembro de 1961, para uma das sub-chefias da Presidência da República.

E foi designado por Darcy Ribeiro, então Reitor da Universidade de Brasília, para fazer a implantação do seu Centro Olímpico.

Mas aí sobreveio o golpe militar de março de 64, que, injustamente, lhe cassou os direitos políticos.

Afinal, a ditadura não podia perdoar o crime de um homem que fora sub-chefe da Casa Civil nos governos de JK e de Jango, além de colaborador de Darcy Ribeiro, aos quais, nos seus tempos de exílio e de ostracismo, se manteve numa conduta de impecável e fiel lealdade.

Cassado e desempregado, Sylvio viu os desígnios do destino voltarem a cruzar-se à sua frente, na pessoa de um amigo com o qual iria aliar-se novamente e, agora, pelo resto de suas vidas: Jessé Pinto Freire, Presidente da Confederação Nacional do Comércio, seu Secretário de Finanças no governo do Rio Grande do Norte.

## MEUS COLEGAS ACADÊMICOS.

Dia 16 de outubro de 1996, ao empossar-se na Cadeira n° 1 desta Academia, Sylvio fez o elogio dos seus antecessores, começando pelo primeiro deles, que foi justamente o Patrono da Cadeira = Miguel Joaquim de Almeida Castro = o frei carmelita Miguel de São Bonifácio, mais conhecido depois como Frei Miguelinho, que estudou em Portugal e, de volta à Pátria, lecionou no Seminário de Olinda, onde fascinava os alunos com suas idéias renovadoras e progressistas.

Envolveu-se na Revolução de 1817, que constituiu o Governo da República de Pernambuco, do qual Miguelinho era o Secretário do Interior, propagando-se às Províncias do Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte, chefiada, aqui em Natal, por André de Albuquerque Maranhão.

A reação do trono português foi dura e implacável, sob o comando do Conde dos Arcos e do Almirante Cockrane, cuja esquadra bloqueou o Recife.

Preso e julgado na Bahia, Frei Miguelinho protagonizou um dos momentos mais importantes e mais belos nas lutas pela Independência brasileira.

Respondeu a um tribunal de sangue.

E foi interrogado pelo Conde dos Arcos, que, tentando salvá-lo, insinuou que talvez não fossem suas as assinaturas apostas no Manifesto da Revolução.

Bastava negá-las para ser perdoado, mas, Miguelinho o interrompeu com altivez:

– As assinaturas são minhas e do meu próprio punho as escrevi.

Quatro horas depois, era fuzilado.

Em seguida, Sylvio falou sobre os dois antecessores dele, na Cadeira n° 1, = Adauto Câmara, o autor de “Oropa, França e Bahia” e Raimundo Nonato da Silva = um incansável pesquisador das vidas de Nísia Floresta, Amaro Cavalcanti e Henrique Castriciano.

E citou o nosso Confrade Sanderson Negreiros, para o qual Raimundo Nonato foi “um poeta contador de histórias e um animal bravo perdido na selva carioca.”

A seguir, Sylvio lembrou a nossa poeta Zila Mamede, com a sua belíssima “Canção do Sonho Oceânico”, em que ela versejou:

- Vinde, amados oceanos,  
Beijai meus olhos, beijai,  
Soltai-me de vãos navios  
E deixai-me pura, vagar,  
Eu só quero a liberdade,  
Para nela me ... afogar.”

E foi justamente o mar oceânico que veio afogá-la para sempre, dia 13 de dezembro de 1985.

Por último, Sylvio referiu-se a dois livros: um, o clássico “Viagem ao Universo de Luís da Câmara Cascudo”, do nosso Confrade Américo de Oliveira Costa, que nos leva ao mundo do Mestre;

E, outro, o livro do nosso Presidente, Diógenes da Cunha Lima: “Câmara Cascudo, um brasileiro feliz”, onde ele é definido como o homem, que falava a linguagem da sabedoria universal, com sotaque nordestino.

Ao final do seu discurso, Sylvio afirmou que:

– Para me receber, como intérprete da Academia, devo dizer que Alvarado é mais do que um amigo meu.

– Sabe ele que estou convicto, como Proust, de que as coisas construídas ao longo do caminho, com dedicação e fé, permanecem indestrutíveis. Ele sabe também que, segundo Aristóteles, “entre amigos não há necessidade de fazer justiça.”

E para concluir repetiu os versos do poeta português António Ferreira:

- Eu, desta glória,
  - só fico contente,
  - que a minha terra amei
  - e a minha gente.”

## MEUS COLEGAS ACADÊMICOS.

Logo em seguida, Sylvio foi recebido por Alvarado Furtado, seu amigo há mais de 50 anos, que assim falou:

- Entre nós, Sylvio está sempre presente.

– Tornou-se um exemplo de reformador político e de bom governante, inaugurando uma nova era nas relações entre o Governo e os governados. Amou sua Cidade e seu Estado, atualizando-os nos novos tempos. Usava um modo especial de encarar os fatos, habilmente, sem deixar seqüelas.

Foi mais um humanista do que um político. Inseriu modificações na nossa paisagem partidária, respeitando a liberdade alheia, não desmerecendo a dignidade de ninguém, do mais simples ao mais importante dos cidadãos. Olhava a vida horizontalmente e assim não distinguia pequenos nem grandes.

– A humilde professora e o deserdado cabo da Polícia = (lembram-se, da Professora e do Cabo? = não ficavam mais à mercê dos chefetes políticos, que queriam removê-los. E passaram a viver em paz.

– Nesta hora, uma grande alegria nasce da presença, neste salão, de Nelma e de Sylvio, que tão bem se completaram na terna compreensão da vida.

– Temos muita honra em receber Sylvio Pedroza como nosso Confrade. Com ele, esta Casa muito se honra e se enobrece. Seja bem-vindo.

SENHOR PRESIDENTE.

Já Acadêmico, certa vez, durante uma conversa saudosista, Sylvio lembrou-me o seguinte:

“A casa, de linhas coloniais, por mim construída em Natal, à volta de um tamarineiro, na Avenida Hermes da Fonseca, foi comprada posteriormente pelo Governo do Estado, para servir como residência oficial do Governador.

Tempos depois, já em 1960, construí no Lago Paranoá, em Brasília, outra casa confortável, com um “deck” na frente para esportes náuticos, (onde eu, inclusive, estive várias vezes), e que, anos depois, seria adquirida pelo Senador Arnon de Mello, batizada de “Casa da Dinda” e servindo como residência presidencial de seu filho, Fernando Collor de Mello.

E Sylvio arrematava, rindo bastante:

– Com estes meus dois antecedentes, em Natal e em Brasília, já querem saber onde vou construir minha terceira casa.

Ainda há poucos anos, com Alvamar e Teresinha presentes no Rio, Sylvio e Nelma convidaram a mim e a Norma para passarmos juntos três dias, = Sexta, Sábado e Domingo = na praia de Búzios, que ele havia escolhido para ser o seu grande refúgio.

Lembro-me perfeitamente que lá só houve dois assuntos: Natal e os natalenses.

Noutra ocasião, Sylvio me convidou para almoçar em seu gabinete na Confederação e, depois, me mostrou as dezenas de medalhas e de títulos, recebidos aqui e que ele, ali, guardava com muito carinho, entre os quais a do Mérito Tavares de Lira, conferida pela Prefeitura de Macaíba, do Confrade Valério Mesquita e o título de Sócio Correspondente do nosso Instituto Histórico, presidido pelo Companheiro Enélio Petrovich.

Quando terminou de alisar aqueles diplomas e aquelas medalhas todas = talvez prevendo que não mais voltaria a Natal = Sylvio puxou um lenço do bolso e enxugou as copiosas lágrimas que lhe caíam dos olhos.

E me fez as seguintes declarações, que logo publiquei na MANCHETE:

– Na idade em que os anos começam a contar em dôbro, sinto-me cada vez mais ligado a minhas origens, a meus potiguares e a meu Estado, aos quais um dia procurei servir ao mesmo tempo com humildade e com orgulho.

– Sou realmente, e cada vez mais, o menino que voltou de Londres para os moirões das porteiras, para as praias de águas mornas e para o dorso dos cavalos nas tardes viris das vaqueijadas.

## MEUS AMIGOS.

Pertencíamos nós dois, Sylvio e eu = que ainda hoje pertencço = à mesma categoria dos desterrados e exilados deste chão muito querido, chorando = como muitas vezes chorei

= o choro convulso, as lágrimas, a saudade e o arrocho deste berço natal, sempre irmanados num puro amor pelo Rio Grande do Norte e pelo Nordeste.

No extenso itinerário e no cansativo trajeto que nós ambos = Sylvio e eu = percorremos até aqui, tivemos a ventura de marcar o nosso caminho com as estacas indelévels da fidelidade ao nosso povo e à nossa terra.

SENHOR PRESIDENTE DIÓGENES DA CUNHA LIMA.

SENHOR VICE-PRESIDENTE PAULO MACEDO.

SENHOR GOVERNADOR GARIBALDI FILHO.

MEUS COLEGAS ACADÊMICOS.

DEMAIS AUTORIDADES.

MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES.

MEUS CONTERRÂNEOS E MEUS AMIGOS.

Termino este discurso, afirmando que Sylvio Pedroza, esbelto, magro, com sua compleição atlética, sem um pingote de gordura no corpo, viu, nos seus dois últimos meses de vida, que o coração começava a baquear, levando-o diversas vezes ao Pro-Cardíaco e ao C.T.I.

Recebendo alta de sua última internação, declarou que ali não mais voltaria. Parecia até que adinhava, pois, embora continuasse lúcido e trabalhando em casa até o seu último dia, as coronárias, pouco a pouco, já lhe faltavam.

Mas, até para morrer, requintou-se na elegância do seu estilo. Após uma noite insone, ao amanhecer do dia 19 de agosto de 1998, pediu a Nelma que apagasse o “abat-jour”, dizendo:

–“Eu já achei a minha luz”.

Reclinou-se com a mão no peito, fechou os olhos e morreu sem um ai, sem um gemido, como quem se retira da vida, silenciosamente, na ponta dos pés.

Este foi, SENHORAS E SENHORES, um homem chamado Sylvio Piza Pedroza, que legou à sua família e a toda a sua geração a imagem de um amigo dedicado e fraterno, de uma

criatura risonha e jovial, de um confrade nobre e delicado, de bem com a vida, como esta nossa Academia tanto merece.

Dele, poderia repetir o que Eça de Queiroz disse de Júlio Diniz n"As Farpas":

– Nasceu de leve; viveu também de leve; e de leve igualmente morreu."

\* Jornalista e escritor, membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia Norte-rio-grandense de Letras

# ALVAMAR FURTADO

*Murilo Melo Filho \**

SENHOR PRESIDENTE DIÓGENES DA CUNHA LIMA.

SENHOR VICE-PRESIDENTE PAULO MACEDO.

SENHOR GOVERNADOR GARIBALDI FILHO.

MEUS COLEGAS ACADÊMICOS.

DEMAIS AUTORIDADES.

MINHA ESTIMADA TERESINHA.

MEUS QUERIDOS ROBERTO, MÔNICA E KÁTIA, que veio especialmente de São Paulo para estar presente a esta sessão, em homenagem ao seu pai.

DEMAIS FAMILIARES DE ALVAMAR FURTADO.

MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES.

MEUS AMIGOS.

Cabe-me agora fazer o elogio póstumo da vida e da obra de ALVAMAR FURTADO DE MENDONÇA E MENEZES, falecido no último dia 18 de abril, cinco dias após completar 87 anos de idade, porque nascido dia 13 de abril de 1915, quando as hordas do Imperador alemão, Guilherme II, se despencavam sobre a Rússia e a França, na tragédia da Primeira Grande Guerra.

Alvamar era o descendente de uma família de pequenos e modestos burgueses, funcionários públicos e professores primários, gente ordeira, temente a Deus e orgulhosa do seu nome.

Foi criado pela avó Biluca, que o tratou como a um filho, e a quem ele creditaria depois grandes ensinamentos de vida.

Começou a conhecer o mundo na Escola Municipal de Natal. Depois, com o uniforme do Grupo Escolar “Augusto Severo”, cadenciou o passo nas paradas do 7 de setembro.

Em seguida, cursou o Colégio Pedro II e, mais adiante, o Atheneu, aquele prédio de feições monásticas na Rua Junqueira Aires.

Alimentou o sonho de ser médico, mas, aí, recebeu a ingrata informação, de que a família não tinha dinheiro suficiente, para pagar o Curso e os livros de Medicina, já então muito caros.

E em 1939, quando os canhões da Segunda Grande Guerra, mal começavam a disparar os seus primeiros petardos, ele já se formava pela Faculdade de Direito do Recife. Regressou, em seguida, ao seu Atheneu, não mais como aluno, mas já então, como Professor interino de Geografia e, logo a seguir, como seu Diretor, na sucessão de Celestino Pimentel.

(Aqui, SENHORAS E SENHORES, peço licença para abrir um ligeiro parêntesis, e relembrar o nosso velho Atheneu daqueles tempos, um egrégio cenáculo de eminentes e missionários apóstolos, dos quais, ainda hoje, sinto, saudades imensas:

Cônegos Luiz Monte (Matemática) e Luís Wanderley (Latim); Luís Antônio dos Santos Lima (História Natural); Luís da Câmara Cascudo (História Universal); Vésicio Barreto (História da América); Clementino Câmara (História do Brasil); Esmeraldo Siqueira (Francês); Edgar Barbosa e Israel Nazareno – de apelido Tu-iu-iú -(nas aulas de Português); Celestino Pimentel (Inglês); Pedro Segundo (Ciências); Américo de Oliveira Costa (Literatura); Luiz Torres (Química); Gentil Ferreira de Souza (Matemática); Hostílio Dantas (Desenho); além de Lucas Sigaud (Inspetor); Emydio Fagundes (Secretário) e Chamirrama (Bedel).

(Lembro-me bem do dia em que o Professor Tôrres estava dando uma aula prática de Química e, ao misturar vários ingredientes perigosos, provocou uma inesperada explosão, desculpando-se com os alunos e dizendo: “Assim morrem os grandes químicos.”)

SENHOR PRESIDENTE.

Muito jovem ainda, com apenas 28 anos de idade, Alvamar viu-se de uma hora para outra nomeado para dirigir o Atheneu, aquele Templo e aquele Casarão, de tantas tradições e com tantas cabeças coroadas.

Promoveu, de início, dois eventos importantes: o primeiro, foi o debate polêmico, sobre a existência de Deus, entre o Côm. Luiz Monte e o Capitão Médico do Exército, Porfírio da Paz, um positivista agnóstico, que depois seria Prefeito de São Paulo; o segundo evento foi um Curso de Conferências, que abalou o nosso incipiente mundo intelectual, do qual participaram:

- Antônio Pinto de Medeiros, que falou sobre “Anatole France.”
- Rivaldo Pinheiro, sobre o tema “Retrato de uma hora de transição.”
- João Wilson Mendes Melo (nosso estimado Confrade, aqui presente), sobre “Dante, Cervantes e Antero de Quental.”
- E Luís Maranhão Filho, sobre “Nitzsche: assim falava Zaratustra.”

Alvamar já havia então trocado a farda de Oficial da Reserva do Exército, pelo uniforme à paisana de Professor e de tripulante numa guarnição de “out-rigger” do Centro Náutico Potengi, ele, Alvamar, como voga; Marito Lira, como sota-voga; Humberto Nesi, como sota-proa e Armandinho de Góis, como proa. E, como patrão: Luiz Gonzaga da Costa, ou Luiz Tabacão, um comunista que morreu, depois, na prisão.

Naquela rampa da velha Rua Chile, foi um remador durante 10 anos, em que derrotou o seu rival e vizinho Sport Clube de Natal, para deslumbramento da torcida dos seus amigos, que superlotavam as margens do Potengi, com muitos aplausos, em manhãs de sol forte e irradiante.

No dia em que pendurou os seus remos, era um campeão invicto, mas sem pendurar as chuteiras, porque, mesmo não sendo propriamente um craque ou um Pelé, jogava um razoável futebol, com alguns bonitos gols em sua ficha esportiva.

Já era aí um crítico cinematográfico, com especial admiração por Clark Gable, Humphrey Bogart, Charles Chaplin e Al Johnson, tendo escrito posteriormente um livro sobre “Jazz, Cinema e Educação.”

Os heróis e ídolos por ele venerados eram dois aviadores franceses: um, Jean-Mermoz, o primeiro a fazer a ligação aérea entre a França e a América do Sul, desaparecendo depois no Atlântico, ao largo da costa do Senegal; e outro, Antoine Saint-Exupery, autor de “O Pequeno Príncipe” e também desaparecido num desastre aéreo.

Alvamar foi a seguir nomeado Juiz Substituto da única Vara de Conciliação e Julgamento, então existente em Natal. Submeteu-se a um Concurso Nacional para Juiz do Trabalho, sendo, entre centenas de candidatos, aprovado em 1º lugar e podendo assim escolher Natal para trabalhar, na Sede de sua Junta.

Confirmou, aí, as suas altas qualidades de magistrado digno e honrado, com sentenças justas e corretas.

O nosso Confrade Valério Mesquita conta que, certa Sexta-feira, já cansado, Alvamar estava, como juiz trabalhista, acabando de presidir uma audiência de Conciliação e Julgamento.

O empregado era a outra parte do acordo e queria receber logo a indenização, a ser paga no Escritório do advogado José Rocha.

O Juiz Alvamar Furtado lhe pergunta:

– O senhor sabe onde é o escritório do Dr. Zé Rocha, ali, na rua Ulisses Caldas ?

– Sei não, senhor.

– E o Palácio do Governo?

– Não sei.

– E a Receita Federal ?

– Também não.

Já impaciente, Alvamar arremata:

– O senhor deve ser um homem realmente feliz: não deve, não teme, não liga nada e não sabe onde ficam as coisas.

Noutra ocasião = e agora quem relata é o nosso Confrade Paulo de Tarso Correia de Mello = estava Alvamar embarcando aqui no Aeroporto Augusto Severo, quando recebeu o pacote de uma encomenda para ser entregue no Rio. Colocou o embrulho em baixo do seu assento e adormeceu, sendo acordado pelo Comissário de bordo:

–Veja o que senhor fez !!!

Desconfiado de que acordava de um pesadelo, Alvamar viu, estarecido, que o pacote se rompera e, de dentro dele, saíam dezenas de carangueijos, subindo pelas poltronas vizinhas e desfilando, impávidos, pelo corredor do avião.

## SENHORES ACADÊMICOS.

Alvamar escreveu então:

– Sou Juiz do Trabalho e Professor Universitário. Gosto de conversar e de ler. Faço discursos e palestras, de mistura com sentenças e fichas de aula. Mantenho-me, apesar disso, fiel aos estados de espírito que encheram minha juventude, construindo um variado mural de minha vivência, onde os deveres da magistratura e dos cargos públicos não sufocaram minhas predileções literárias.

– Não me sacrifiquei, em hipótese alguma, ao cotidiano. Todo dever, por maior que fosse, deixou sempre horas exclusivamente para o meu viver próprio.

Nos dogmas e na singularidade de sua ortodoxia, Alvamar considerava-se um escravo das letras e um operário braçal da cultura, atenado aos solavancos modernizadores da nossa literatura, que ele acompanhava de perto, sabendo tudo sobre os principais livros publicados no Brasil e no exterior. Recordo-me que, certa vez, conversamos muito sobre “Ponto e Contraponto” e “Admirável Mundo Novo”, de Aldous Huxley, o grande escritor inglês.

Dominava os horizontes culturais, com um espírito de ampla sapiência. Era um excelente expositor, com controle absoluto sobre a seqüência do seu pensamento: ia sacando as citações numa ordem impecável, como se houvesse gavetas em seu cérebro privilegiado.

Ao falar nesta Casa, ou em suas aulas de Geografia no Atheneu, de História na Faculdade de Filosofia e de Direito Comercial e Direito do Trabalho na nossa Universidade, a todos surpreendia com verdadeiras lições de erudição, nas imagens de que se utilizava e nos referenciais que enriqueciam seus textos.

Era um senhor absoluto e um domador da palavra falada, que manejava como um exímio mágico e maestro, na orquestração e na regência de suas frases.

Fetichista da palavra, tinha por ela verdadeira obsessão, com o bom gosto de construir uma oração bonita e correta.

E o fazia com absoluto respeito à sintaxe, ao léxico, à concordância, à gramática e à grafia = instituições que,

infelizmente hoje, andam cada vez mais escassas e raras na nossa paisagem cultural.

Suas falas eram límpidas e fluentes, sem um adjetivo a mais e sem um advérbio a menos, que transcorriam, escorregadias, como um rio no seu talvegue, a deslizar de sua nascente até o estuário no oceano.

Em sua vida, combinou maravilhosamente a arte de ser um bom Professor com a magia de ser igualmente um excelente Orador.

Nas sessões do Conselho Estadual de Cultura, sempre que pedia a palavra, sabia o que ia dizer, conciso, exato e enxuto. Não falava apenas por falar. Mas sim porque, ao longo de várias décadas, havia reunido uma bagagem de conhecimentos suficientes para debater a vida, com os olhos bem abertos ao espetáculo que ela nos proporciona.

Era também um inexcedível contador de “causos”, de histórias e até de piadas, que narrava, escandindo bem as sílabas, com ênfase toda especial e gesticulação bem adequada.

À semelhança de Cascudo, seu grande mestre, Alvamar foi em Natal também “um provinciano incurável”, que daqui só saía em rápidas ausências, e que montou na Cidade um vigilante observatório, do qual esquadrihava os horizontes nacional e internacional, como uma sentinela de plantão, atualizada sobre tudo quanto acontecia no Brasil e no Mundo.

Tinha uma memória de computador, uma simpatia contagiante e uma elegância britânica, vestido em ternos recortados nos mais modernos figurinos da moda masculina, como se fosse uma reedição potiguar e tropical do inglês George Byron, heróico, romântico e clássico.

Segundo o nosso querido João Batista Machado, “seu nome, tinha a sonoridade de um verso alexandrino: ALVAMAR FURTADO DE MENDONÇA E MENEZES, na postura de um londrino, que, fleumático e charmoso, certamente seria condecorado Cavaleiro da Ordem de Saint-James, pela Rainha Elizabeth II, com direito a fraque e cartola. De estatura alta, bronzeado, cabelos grisalhos, com pinta de galã de cinema,” robusto e cheio de corpo, procurou manter-se sempre fiel à sua silhueta física.

Considerava-se um homem feliz e otimista, imergindo e inserindo-se no universo panglossiano do Doutor, no “Candide”, de Voltaire.

Como homem de sociedade, foi também um emérito dançarino, bailando nos salões do Aero-Clube e do América, como centro natural das rodas elegantes da Cidade.

Era um homem bonito que além de dançar, gostava de nadar e de remar, porque amava “o mar calmo com sua infinita perspectiva.”

Certa vez, confessou a Dom.Otto Guerra e a Dom Ulisses de Góis que não era um católico praticante, mas apenas “um homem de boa vontade”, como se = segundo Alceu de Amoroso Lima = não fosse, por acaso, desses “homens de boa vontade,” que Deus mais precisasse, para curar os nossos humanos desencontros.

Tratava-se também de um desportista, um magistrado, um professor, um advogado rotariano, um leitor inveterado, enfim “um homem de boa vontade”, como ele próprio se dizia, com muitas características enfeixadas numa só personalidade, que era justamente a sua.

Foi sempre um atuante e um participante, incansáveis, preocupado com os problemas sociais e políticos do País. Sua obra prática foi a própria vida. Jamais teve tempo de tomar o tempo dos outros.

Segundo Cláudio Emerenciano, ele tinha ideais e esperanças, dignidade e altivez, crença na modernidade, enfim, um homem universal.

Para Dalton Mello, ele foi um pai, um atleta, um cidadão e um juiz.

Eider Furtado, o primo, fala do milionário da decência, do senso de Justiça, da retidão, caráter, lealdade e do homem por inteiro.

Geraldo Batista relembra que, não raro, a campanha anunciava o fim da aula, mas todos torciam para que o Prof. Alvamar continuasse falando.

O advogado Jorge Galvão diz que Alvamar foi, sobretudo, na definição sartriana, um grande homem de bem.

Francisco Fausto, Ministro-Presidente do Tribunal Superior do Trabalho e nosso conterrâneo, chama-o de “um modelo de ética e um paradigma de mestre.”

SENHOR PRESIDENTE.

Alvamar era nesta Cidade um dos cidadãos mais queridos, respeitados e ilustres do seu tempo, por tantos dons de amabilidade e educação, guarda fiel, das mais antigas e melhores tradições da fidalguia brasileira.

Em sua vida profissional, a ninguém preteriu, porque tinha a capacidade de admirar, sem invejar; de estimar, sem enganar; de estimular, sem temer; de elogiar, sem bajular.

Poderia muito bem ter sido um personagem de Balzac no seu “Le Père Gorriot”.

Por vezes, sabia também ser mordaz, irônico e sarcástico, como se fosse um discípulo de Miguel de Cervantes, de Jonathan Swift, de William Tackaray, de Lawrence Sterne, de Thomas Carlyle, de Décimo Juvenal, de Homero, ou do nosso Confrade Emílio de Menezes. Assim aconteceu em certa reunião do Conselho Estadual de Cultura, = segundo nos narra ainda Valério Mesquita = quando se debatia a nomenclatura dos municípios norte-riograndenses e Alvamar interveio:

– Vejam só, com o nome de Rodolfo Fernandes, um município não pode ir pra frente. E que futuro pode ter um município chamado Tenente Ananias, um homem que nem chegou a Capitão ?

Alvamar nunca foi um ancião, debruçado na janela, como a Carolina, de Chico Buarque, vendo a banda passar e dizendo coisas de amor.

O Acadêmico Manoel Rodrigues de Melo, vosso antecessor nessa Cadeira, SENHOR PRESIDENTE, do alto dos seus 80 anos, ao saber que Alvamar completara 70, comentou com um ar de certo desprezo:

– Trata-se de uma criança ...

Alvamar chegava a esses 70 anos bem vigoroso na sua hirsuta postura, embora nessa idade, seja conveniente que tenhamos uma saúde relativa, permitindo-nos as cautelas

necessárias, para irmos fruindo a vida, pois aí já somos então o avô e o patriarca.

Nosso Confrade e grande poeta Manuel Bandeira atravessou os seus 80 anos com aquela tuberculose e aquela tossezinha nervosa, que lhe restaram do Sanatório suíço de Clavadel.

## MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES.

Alvamar foi casado pela primeira vez com Cora, que morreu ainda jovem, após longa e penosa enfermidade, sofrida durante 10 anos, mãe de três filhos: Roberto, Mônica e Kátia; e avó de quatro netas: Vanessa, Luciana, Ana Paula e Amanda e de um neto Igor (aqui presentes).

Casou-se depois com Teresinha, sua carinhosa e dedicada viúva, com a qual viveu durante 20 anos, (também aqui presente).

Alvamar acordava às 5 horas da manhã. Vestia uma camisa e um "short" brancos, calçava um par de tênis e ia encontrar-se com a sua curriola do "couper," que fazia diariamente ao longo de quase 5 Kms. da Praia do Meio, até o Forte dos Reis Magos, na companhia de Álvaro Alberto, Carlos Lyra, José Valdenício de Sá Leitão e Dalton Mello, em passos cadenciados, corpo reto e fronte altiva.

Sócio Efetivo e Orador Oficial do nosso Instituto Histórico, presidido pelo querido Confrade Enélio Petrovich e Governador do Distrito 4.500 do Rotary Clube Internacional = do qual, há 55 anos, era um dos seus sócios mais antigos = foi um contumaz viajante, que gostava de visitar a Europa, os Estados Unidos, Buenos Aires, Rio e S. Paulo, com frequência a museus e teatros.

## SENHORES ACADÊMICOS.

Dia 14 de novembro de 1969, Alvamar Furtado tomou posse nesta Academia, aqui ficando durante quase 33 anos.

Com Raimundo Nonato Fernandes e Sanderson Negreiros, integrava a rara e escassa trindade de Primeiros Ocupantes vivos das nossas Cadeiras.

Em seu discurso de posse, fez o elogio do Capitão-do-Exército José da Penha Alves de Souza, nascido em Angicos,

dia 13 de maio de 18-75, e seu antecessor direto como Patrono da Cadeira nº 34.

E começou citando o livro “Angicos”, do Confrade Aluizio Alves, no qual consta uma frase pronunciada por José da Penha, quando voltava a Natal, para enfrentar os oligarcas do Partido Republicano Conservador, controlado pela dinastia Albuquerque Maranhão: Pedro Velho, Ferreira Chaves, Alberto Maranhão e Tavares de Lyra.

A frase é a seguinte:

– Meu coração tem a dureza daquelas pedras. E com este rochedo de carne, hei de esmagar a oligarquia dominante.

Em 1913, aquela campanha política era realmente a primeira que se disputava em nosso Estado, com violências, perseguições e mortes, num filme que, depois, seria aqui visto várias vezes...

José da Penha tinha 38 anos, era um tipo magérrimo, meio ascético, com um cavanhaque ao estilo do Segundo Império, um olhar de estranha e obstinada energia, de temperamento nervoso, corajoso e arrebatado, que ia crescendo muito na admiração popular. Havia estado preso na Fortaleza do Brum, em Pernambuco, de onde viu sair para o Cemitério o corpo de sua mulher, que se suicidara.

Certa vez, num comício, já aqui em Natal, enfrentou um paraibano, oficial da Polícia, abrindo-lhe o paletó e o desafiando:

– Tu não me intimidas. Balas da polícia de cangaceiros, como a tua, não matam Capitão do Exército Nacional. Está aberto o meu peito. Atira. Porque, assassino aqui, só mesmo tu. Os outros são todos potiguares.

Os operários da Fábrica de Tecidos da Ribeira, que o apoiavam, decretam a primeira greve provocada até então no Rio Grande do Norte.

Comícios da oposição eram proibidos, e, durante um deles, na Praça Augusto Severo, trava-se violento tiroteio, com um morto e um ferido.

José da Penha refugia-se na Capitania dos Portos e aí é socorrido por um “habeas corpus,” concedido pelo Supremo Tribunal Federal, com o voto do nosso conterrâneo, Ministro Amaro Cavalcanti.

Em face da grave situação, o Tenente Leônidas Hermes, casado com uma norte-riograndense e filho do Marechal Hermes

da Fonseca, Presidente da República, = e que era apoiado por José da Penha = renuncia à sua candidatura ao governo do Rio Grande do Norte, permitindo que o Senador Ferreira Chaves, candidato adversário, se transformasse em candidato único (como, aliás, sempre acontecia até então) e fosse reeleito Governador, dia 14 de setembro de 1913.

José da Penha também desistiu da batalha aqui no Estado e regressou ao Ceará, onde era Deputado Estadual.

E, em Fortaleza, apóia a luta do seu amigo, o Coronel e Governador Franco Rabelo, contra os fanáticos do Médico Floro Bartolomeu e do Padre Cícero do Joazeiro.

Certo dia, José da Penha fazia o reconhecimento de um terreno inimigo, quando foi morto por um atirador, dia 24 de fevereiro de 1914.

Disse Alvarado, finalizando seu discurso, que assim morria uma personalidade vibrante de civismo, de idealismo romântico, de inteligência viril, de palavra fácil, comunicativa, aliciadora e mobilizadora de emoções coletivas, despertando fidelidades radicais.

## MEUS AMIGOS.

Quem saudou Alvarado nesta Casa foi o Confrade Américo de Oliveira Costa, que afirmou:

– Vinde sentar numa Cadeira, cujo Patrono é um nome polêmico no Rio Grande do Norte, onde nasceu e, também no Ceará, onde morreu.

– Chegais aqui em plena maturidade intelectual, dono de todas as possibilidades e recursos do pensamento e da reflexão.

– Fazeis esforços constantes em promoções quixotescas. Vosso idealismo descende um pouco, em linha direta, do cervantino Cavaleiro de la Mancha.

– Estamos muito honrados pela vossa companhia, que tanto nos valoriza com a sua rica, generosa e fecunda lucidez.

## MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES.

Um dos pontos altos da passagem de Alvarado por esta Casa foi a sua Conferência sobre “Graça Aranha”, o autor de

“Canaã”, o líder do Movimento Modernista Brasileiro e da Semana de Arte Moderna, e um dos Fundadores da nossa Academia Brasileira de Letras.

Graça rompeu com ela, dia 12 de junho de 1924, naquele célebre discurso, em que ameaçava: “Se a Academia não se renova, então que morra a Academia”.

Foi carregado nos braços por jovens rebeldes, os heresiarcas modernistas = como Alceu de Amoroso Lima, Rôndal de Carvalho, Guilherme de Almeida, Ribeiro Couto e Manuel Bandeira, = que convocaram a juventude a destruir a ABL, mas que, depois (todos eles cinco) vieram sentar-se naquelas mesmas poltronas, que tanto haviam amaldiçoado, e terminaram recolhidos ao aprisco que tanto tinham repudiado.

E as Academias de Letras, como mães extremosas e indulgentes, são daquele tipo de mãezonas, que a todos perdôam, e se regosijam em ver depois, a seus pés, dóceis e obedientes, os que fingem detestá-las, simplesmente por que não lhes obtêm os votos. Alvarar termina chamando Graça Aranha “de idealista e insurreto guia do Modernismo, um acontecimento do mais autêntico valor em nossa história intelectual, que marcou o fim do colonialismo literário e o advento de novos rumos à inteligência brasileira.”

## SENHORES ACADÊMICOS.

Alvarar Furtado já era amigo nosso = de mim e de Sylvio Pedroza = antes mesmo de nós entrarmos nesta Academia.

Mas, quando aqui chegamos, o convívio se encarregou de aprofundar esse afeto, de tal forma que a palavra Confrade passou a ser realmente, para nós três, um sinônimo de irmão.

Por isto mesmo, ele foi o Acadêmico que escolhi para saudar-me na minha posse nesta Academia, dia 22 de fevereiro de 1992 = há dez anos = e foi também o orador oficial que Sylvio escolheu para saudá-lo em sua posse aqui, dia 26 de outubro de 1996, quatro anos depois.

Eu o convidei no próprio dia em que fui eleito, seis meses antes, quando Alvarar me fez um pedido meio esquisito:

– Murilo: veja se encontra no Rio um alfaiate ou uma costureira, que consiga fazer 40 capelos novos, de cor azul

celeste, com um debrum dourado em volta, tudo isto para a sua posse, porque eu não consigo mais usar estes nossos capelos antigos, roxos, com cheiro de defunto.

Empossei-me numa bonita solenidade, realizada no Teatro Alberto Maranhão, inteiramente repleto, com a presença do Governador do Estado, os Presidentes da Assembléia Legislativa e do Tribunal de Justiça, o Arcebispo de Natal, Senadores, Deputados Federais e Estaduais, os comandantes do Exército, da Marinha e da Aeronáutica, o Reitor da Universidade, magistrados, jornalistas, prefeitos, vereadores e outros mais de mil convidados.

(Ainda há poucas semanas, sua filha Mônica revelou-me que Alvamar dedicara todos os dias do pós-operatório de uma cirurgia em São Paulo, à tarefa de redigir o seu discurso de saudação à minha posse.)

Ele começou dizendo que “a melhor forma de reencontro com a própria identidade é o retorno às lembranças da infância.” E acrescentou:

- Este é o instante de Murilo Melo Filho nesta Academia. Recordo-me dele nas inesquecíveis salas de aula do nosso velho Atheneu. Eu, exercendo a minha primeira missão como Professor de Geografia e ele, como aluno, escutando os nomes das cidades do mundo, que eu explicava e que ele depois percorreria como jornalista, no peregrino exercício de sua profissão, ao longo de muitos países e nações.

- Havia, entre nós dois, um patrimônio comum de sonhos e ideais. Eram anseios poderosos que nos estimulavam a extrapolar, as humildes fronteiras de nossa Província, que muito pouco nos prometia. Éramos insubmissos diante da nossa mediocridade.

- Não havia, então, nenhuma faculdade em Natal. E se não houvesse coragem e afoiteza para ir adiante, nossos esforços se estiolavam ao fim do Curso Colegial.

Alvamar reconstituiu a seguir o que era a nossa Cidade naquela década de 40, vivendo uma rotina de 50 mil habitantes, mas que, de repente, com a Segunda Grande Guerra, passou a ser um cenário urbano de surpresas e perplexidades.

- Sua plácida quietude foi violentada pelo rumor diário das fortalezas voadoras, despejando milhares de combatentes em

nossas ruas e praças, na pausa do transbordo para as batalhas no Norte da África e na Europa.

– Ouviam-se idiomas das mais variadas procedências. Máquinas de música, em volume alto, transmitiam as canções de Bing Crosby e de Frank Sinatra e o canto rouco de Lôuis Ármstrong. A presença americana alterava os nossos hábitos, animando as tímidas moças natalenses, num lance de sonho, transformadas em Cinderelas, à espera dos príncipes de Ohio, São Francisco e Alabama.

– No Aero Clube, elas dançavam com os ianques ao som de “In the Mood”, no ritmo de Glenn Miller e na cara dos rapazes da terra, preteridos e basbaques. Franklin Roosevelt e Getúlio Vargas surpreendiam os transeuntes da Cidade, que atravessavam num jipe veloz, acertando a participação do Brasil na guerra.

– Nossos costumes se tornavam informais, com o uso do “slack” e o desprestígio da gravata.

– O aplaudido Jô Mac Crea, de heróicos faroestes, distribuía autógrafos em plena Rua Dr. Barata, que passara a ser trânsito de generais e almirantes, estadistas internacionais e heróis de guerra, de volta ou a caminho do “front.”

– Não havia batalhas, nem bombas, mas sim a presença de homens famosos = como o Prefeito La Guardia, de Nova York, que ficara encantado com a fachada e a arquitetura clássicas do Teatro Carlos Gomes, além de Tyrone Power, Frederic March e Humphrey Bogart, que o povo só vira no Cinema Royal, da rua Ulisses Caldas, ao lado do Café Magestíc, ponto obrigatório da boemia natalense.

Conta-se que um humilde engraxate, deparando-se com o astro do filme “Casablanca”, fizera-lhe um convite: “Bô, shoe shine?”. E Bogart lhe estirara a perna, com um sapato para ser engraxado, pagando o serviço com uma nota de 5 dólares, que o garoto exibia depois, na praça, orgulhosamente, recusando-se a trocá-la pela nossa moeda tão fraquinha.

E Alvamar acrescentou:

– Foi exatamente nesse ano de tantos sonhos desfeitos e esvaídos no ar, = e nessa transição de vida em pleno após-guerra = que Murilo foi embora para o Rio de Janeiro.

– Não teve uma despedida fácil dos seus pais e dos seus irmãos. Houve muitas lágrimas. Afinal, quem se despedia = talvez para sempre = era o filho mais velho, de uma honrada família de sete irmãos = muito unidos e coesos, aliás, como até hoje e sempre têm sido = cujo pai, também Murilo, um radio-telegrafista austero e eficiente = prestara inestimáveis serviços nos primeiros tempos da guerra em Parnamirim = e era conhecido na Cidade pelo seu velho Ford de bigode, modelo 1928, que ele tripulava com grande maestria.

– E Murilo Filho foi-se para o Sul, dia 20 de fevereiro de 1946, num Domingo de Carnaval, quando o ruído das cuícas e dos pandeiros ritmava nas ruas a alegria do povo.

– Embarcou num Catalina, pousado no Rio Potengi, bem em frente do nosso Centro Náutico.

– Portava uma pequena mala e o coração transbordante de saudade do que ficara de sua infância e de sua adolescência, para sempre plantadas nesta terra.

– Levava consigo uma formação religiosa cuidada por D. Hermínia, mãe afetuosa, em sua casa na Rua Apody, de tão meigas recordações, entre a Igreja de Santa Teresinha e o Seminário de São Pedro.

– Levava consigo também uma curta experiência nos jornais da Cidade, com sua vocação de jornalista, uma decidida vontade de vencer e a enorme esperança dos seus 17 anos de idade.

– Murilo era então, e apenas, mais um personagem no extenso fabulário da nossa comum geração de jovens nordestinos nômades, que emigravam de suas terras secas aqui no Nordeste, para irem batalhar por um lugar ao sol na selva das grandes cidades.

Alvamar descreveu a seguir a minha odisséia no Rio, com muitos detalhes, de alguns dos quais nem eu mesmo me lembrava:

– Repórter marítimo no “Correio da Noite”, com Amaral Netto;

– Repórter político na “Tribuna da Imprensa”, com Carlos Lacerda, Aluizio Alves, Carlos Castelo Branco, Villas-Boas Correia, Lêdo Ivo, Agnelo Alves e Garibaldi Filho.

– Redator da “Manchete”, com Adolpho Bloch, Fernando Sabino, Rubem Braga, Carlos Heitor Cony e Arnaldo Niskier.

- A campanha contra o Presidente Getúlio Vargas;
- A batalha da construção de Brasília;
- As vinte e oito viagens à Europa; vinte e seis aos Estados Unidos; oito à América Latina; quatro à Ásia e três à África;
- As guerras do Vietnã e do Camboja, como correspondente militar.

– Os encontros e entrevistas com os principais líderes que escreveram a História do Mundo, na Segunda metade do Século 20: os Presidentes Eisenhower e Kennedy, na Casa Branca, em Washington; os Presidentes Charles de Gaulle e Giscard d’Estaing, no Palais de l’Elysée, em Paris; Salazar, Caetano e Mário Soares, em Lisboa; Thatcher, em Londres; Adenauer, em Bonn; Golda Meyr, Moshé Dayan, Ytizak Rabin e Shimon Peres, em Jerusalém; Albert Sabin, no Instituto Weizmann de Ciências; Nasser e Anuar-El Sadat, no Cairo; Indira Ghandi, em New Delhi; Fidel Castro e “Che Guevara”, em Havana; Perón e Evita, em Buenos Aires; General Van Thieu, no Vietnã do Sul e Ho-Chi-Minh, no Vietnã do Norte; Elizabeth II, Craveiro Lopes, Selassié e Sukarno, em Brasília.

Alvamar relacionou em seguida alguns livros meus, até então publicados:

- “O Desafio Brasileiro”, com 80 mil exemplares, traduzido para o inglês e o espanhol;

- “O Progresso Brasileiro”, com o Prêmio Juca Pato;

- “O Modelo Brasileiro”, premiado pela Academia Brasileira de Letras;

- “Reportagens que Abalaram o Brasil”, com Carlos Lacerda, David Nasser e Samuel Wainer;

- “O Assunto é Padre”, em parceria com Josué Montello, Rachel de Queiroz e Gustavo Corção;

- “A Guerra de Israel”, com Raymundo Magalhães Júnior, Joel Silveira e Arnaldo Niskier.

“Crônica Política do Rio de Janeiro”, com Marcio Moreira Alves, Villas-Boas Corrêa e Barbosa Lima Sobrinho;

- “Memória Viva”, com Carlos Lyra e o próprio Alvamar, além de “O Nosso Rio Grande do Norte” e “Testemunho Político”, publicados depois.

E Alvamar concluiu o seu discurso dizendo:

– No meio de todas essas viagens e livros, o nosso novo Confrade jamais esqueceu que em Natal haviam ficado suas raízes, suas origens, pais, irmãos, colegas e amigos, presentes em todos os seus dias, e aos quais vem querendo sempre um bem enorme.

– Em suas andanças pelos solenes salões do mundo, nos quatro cantos dos Continentes, em nenhum momento se interromperam as afetuosas ligações com sua terra e sua gente.

– É uma emoção sem distâncias e dela participam todos os nossos companheiros desta Academia, que já o esperavam há tanto tempo e que hoje muito se enriquecem com a sua presença. Nada mais me resta dizer senão:

– “Murilo, pode entrar. A Casa é sua”.

– Ou, então, com mais cerimônia, não me custa repetir: “Confrade Murilo Melo Filho: entrai. A Casa é de V. Ex.”

A última atuação de Alvamar como Acadêmico data exatamente da Quinta-feira, dia 31 de janeiro deste ano, quando fui visitá-lo na Casa de Saúde São Lucas, com Teresinha presente, onde tentava recuperar-se de mais uma operação, para retirada do segundo tumor cancerígeno de sua medula.

Fez um grande esforço, sentou-se e assinou seu voto, que me encarregou de entregar-lhe para a reeleição, este ano, de V. Ex., SENHOR PRESIDENTE, na Presidência desta Academia.

SENHOR PRESIDENTE DIÓGENES DA CUNHA LIMA.

SENHOR VICE-PRESIDENTE PAULO MACEDO.

SENHOR GOVERNADOR GARIBALDI FILHO.

MEUS COLEGAS ACADÊMICOS.

DEMAIS AUTORIDADES.

MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES.

TERESINHA, KÁTIA, MÔNICA e ROBERTO.

DEMAIS FAMILIARES DE ALVAMAR FURTADO.

MEUS CONTERRÂNEOS e MEUS AMIGOS.

Com seu estado de saúde sempre se agravando, Alvamar veio a morrer no último dia 18 de abril.

Segundo o laudo médico, assinado pelo Dr. Paulo Albuquerque, sua "causa mortis" foi: "uma insuficiência respiratória aguda, pneumonite, metástase pulmonar e carcinoma na próstata," como conseqüência de um câncer, contra o qual lutava há mais de dez anos.

Na verdade, descansou, pois há meses vinha sofrendo muito.

## MEU QUERIDO ALVAMAR.

Os teus sofrimentos físicos, provocados por uma cruel doença, afligiam todos os teus familiares, colegas, confrades e amigos, logo recompensados pela capacidade de tua resistência e pelo teu amor à vida, numa mensagem e num espelho que devem ser invocados para honra e glória do teu nome.

A cultura do Rio Grande do Norte ressentiu-se de tua perda e os teus companheiros desta Casa guardarão a tua lembrança com o afeto e o culto devidos pela posteridade à grei restrita e excelsa desta Academia, à qual pertenceste.

Na evocação destes quase 36 anos em que aqui estiveste = nesta Sessão de Saudade e neste mesmo Salão, onde tanto brilharam a tua oratória e o teu talento = só me resta proclamar que, entre estas quatro paredes, a tua inesquecível memória será lembrada carinhosamente. E para sempre.

Todos nós aqui presentes = tua família e teus Confrades = estamos conformados com a certeza de que, onde quer que agora te encontres (e certamente habitas hoje um mundo muito melhor do que este nosso), tu estás sentado à Direita do Deus-Pai Todo Poderoso e intercedendo junto a Ele em favor de todos nós.

Concluo dizendo = MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES = que assim foi em vida o Cidadão e o Acadêmico ALVAMAR FURTADO DE MENDONÇA E MENESES, cujo perfil tentei esboçar, sem maiores ambições, abusando da tolerante resignação dos presentes, que durante todo esse tempo me suportaram com tanta paciência e me escutaram com tanto estoicismo.

Em meu nome, em nome dos meus irmãos e em nome de minha mulher NORMA, aqui presentes, peço-lhes milhões de desculpas por não ter tido tempo de ser breve e de falar pouco.

Falei até demais. Mas é que eu tinha tantas coisas para contar...

De Alvamar, poderia dizer, como Camões nos “Lusíadas”:  
“Foi um leal combatente, de cá, destas plagas e d’Além-mar.”

E poderia também adaptar o verso camoniano:

“Alvamar nasceu, viveu e morreu, primeiro.”

Ao fim destes seus 87 anos de uma vida bem vivida, parafrazeando Afrânio Peixoto e Pirandello = segundo o qual “La via si vive e si scrive” = na sepultura de Alvamar Furtado poderia inscrever-se um curto epitáfio:

- Estudou, ensinou, discursou, escreveu e tudo leu. Nada mais lhe aconteceu.

\* Jornalista e escritor, membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia Norte-rio-grandense de Letras



# Um Depoimento Inédito de Newton Navarro\*

\* Entrevista concedida ao Museu da Imagem e do Som de São Paulo, com apresentação, revisão de texto e edição por Marcos Silva (Historiador e Professor na FFLCH/USP) e transcrição por José Hermes Martins Pereira (Graduando em História na FFLCH/USP e Bolsista de Iniciação Científica do CNPq). O *Diário de Natal*, através do jornalista Afonso Laurentino, custeou a transcrição da fala gravada.



Transcrição da entrevista do artista plástico e escritor Newton Navarro, concedida no Museu da Imagem e do Som, São Paulo, em 25/06/92

## Apresentação

Marcos Silva

*(Departamento de História da FFLCH/USP)*

O Artista Plástico natalense Newton Navarro, em 1982, teve editado pelo Arquivo Histórico do Estado de São Paulo um álbum de desenhos sobre futebol, iniciativa do diretor daquele órgão à época, Prof. Dr. José Sebastião Witter, da Universidade de São Paulo.

*No dia 25 de junho do mesmo ano, após a inauguração de mostra de originais do desenhista na sede do Arquivo, o Museu da Imagem e do Som de São Paulo o recebeu para ser entrevistado por Raul de Andrada e Silva (professor aposentado da USP), José Sebastião Witter, Rafael Elia (professor de História da Arte) e Boris Kossoy (representando a direção do MIS). A entrevista contou, na técnica de som, com Marco Antonio Félix e foi documentada fotograficamente por Paulo Barbosa. Tais fotografias não constam do acervo do MIS, todavia.*

*Newton Navarro aborda sua formação pessoal e profissional, as exposições individuais e coletivas onde apresentou trabalhos, preferências plásticas e literárias, além de um roteiro sentimental que incluiu a admiração pelo universo da cultura popular e a boemia.*

*O Artista se revela um homem da modernidade, evocando suas fontes literárias estrangeiras (como Paul Verlaine, citado diretamente) e algumas das tradições brasileiras de sua predileção - José Lins do Rego, Mário de Andrade, Jorge Amado, etc.. Nesse universo, ele não esqueceu estudiosos da cultura brasileira, como Gilberto Freyre e, muito especialmente, Luís da Câmara Cascudo, articulando-os ao seu temário e mesmo à sua formação pictórica. Entre os Artistas Plásticos, destacou nomes como Portinari, Di Cavalcanti, Panceti, Goeldi (bem antes de sua revalorização mais recente) e os pernambucanos que foram seus contemporâneos de formação.*

*Desde os anos 50, Newton Navarro tornou-se um dos personagens mais destacados no campo das Artes Plásticas em Natal. Junto com Dorian Gray Caldas, seu companheiro de geração, ele representou pioneirismo em vários níveis dessa área.*

*No plano de mercado, Newton e Dorian vendiam com relativa regularidade sua produção a colecionadores e atendiam a encomendas para painéis e monumentos públicos, o que significava um esboço de profissionalização, desde uma época em que Natal desconhecia cursos regulares e museus de Artes Visuais, as poucas galerias enfrentavam dificuldades (a Galeria de Arte, criada na gestão do Prefeito Djalma Maranhão, na Praça André de Albuquerque, foi degradada, desde 1964, através de exposições em nada condizentes com seus objetivos originais; a Xaria, na Praça Padre João Maria, teve vida curta; a Vilaflor assumiu o caráter mais imediatista de loja, que foi adotado pelas congêneres que a sucederam) e a informação plástica chegava à cidade através de imprensa escrita, cinejornais, documentários cinematográficos e bibliotecas de cursos de línguas, como as da Aliança Francesa e da Sociedade Cultural Brasil-Estados Unidos.*

*Newton e Dorian atuavam numa área com escassas tradições locais, ao contrário da Poesia e do Ensaio, que já contavam com nomes de grande projeção nacional ao menos desde os anos 20 e 30, como Jorge Fernandes e Câmara Cascudo. Contribuindo para a formação de um público comprador de pinturas, desenhos e outras obras visuais, os dois demonstravam a possibilidade de se encarar a produção plástica natalense como digna de respeito e investimento. Gerações de artistas subseqüentes beneficiaram-se muito desse pioneirismo.*

*Em termos estilísticos, Newton representava bem o redirecionamento da plástica moderna por alguns de seus representantes que, passando pela chamada Escola de Paris, a partir dos anos 10/20, abandonou as tensões mais radicais das linguagens pictóricas modernas, próprias às duas primeiras décadas deste século - Cubismo, Fauvismo, Expressionismo, Futurismo, Construtivismo, Dadaísmo e, já nos anos 20, parte do Surrealismo - e tenderam a certo compromisso com uma modernidade mais sutil, donde haver alusões a um retorno à ordem. A plástica moderna brasileira mais valorizada institucionalmente nos anos 40 e 50, quando Navarro começou sua*

produção (Di Cavalcanti e Portinari, p. ex.), muito deveu àquele compromisso, diferentemente de alguns pioneiros dos anos 10 e 20, como as primeiras Anita Malfatti e Tarsila do Amaral e boa parte de Ismael Nery.

Navarro era um artista bem informado, escritor respeitado e orador eloqüente, surgindo legitimamente para a opinião pública natalense como um brilhante intelectual. Seu conhecimento sobre Artes Plásticas era maior no que diz respeito às tradições européias, expressando profunda admiração por pintores que participaram daquela ousadia de linguagem desde o início do século XX - Picasso, Bracque, Klee. A tradução que ele fazia dessas produções se dirigia para uma suavização daquelas soluções radicais, retomando aspectos do pós-Impressionismo (objeto de sua admiração, explicitado na entrevista através do exemplo de Gauguin), o arabesco e o recorte de Matisse e os herdeiros indiretos do Impressionismo, como Dufy, Modigliani e Utrillo, sem esquecer de Picasso – mais radical, todavia.

Sua produção mais significativa se deu no campo do desenho, em especial, com nanquim a bico-de-pena e eventuais aguadas, tendo chegado a apelar para matérias inusuais, como café. O investimento em cor, maior na produção final do Artista, foi raro e pouco aprofundado, como é admitido por ele mesmo em passagem da entrevista. Planos, texturas e luzes poéticos derivaram muito mais da síntese em traços e pontos negros.

A modernidade desses procedimentos pode ser exemplificada a partir de comentário feito por um freqüentador de exposição de Newton na biblioteca de antiga sede da Aliança Francesa, na Av. Deodoro da Fonseca: um dos desenhos apresentava vaqueiro deitado, em perspectiva frontal, com uma lua que parecia roçar-lhe o joelho, o que foi encarado por aquele comentarista como erro ou incoerência de espacialização. O referencial dessa crítica devia ser o espaço figurativo renascentista, sem entender a espacialidade poética de Navarro, que retomava lições do Cubismo.

O principal temário de Newton, Dorian e da geração que se lhes sucedeu imediatamente era contido num universo regional: vaqueiros, cantadores, cangaceiros, vendedores de pássaros, pescadores, animais, paisagens... Esses assuntos foram quase sempre associados a figuras do povo. As experiências de Navarro

com o futebol, que lhe renderam a publicação em Natal do álbum, depois reeditado pelo Arquivo Histórico do Estado de São Paulo, indicaram certa flexibilização naquela temática, ampliando-as para um referencial nacional e cosmopolita.

A incúria governamental, a barbárie da ditadura militar (1964/1984) e o silêncio da sociedade civil se uniram na destruição de alguns painéis natalenses feitos por Navarro desde os anos 60, como a pintura mural no prédio da Galeria de Arte, com uma cena de Bumba-Meu-Boi, articulada a outras dimensões da cultura popular nordestina, incluindo um galo-quartinha natalense, que rimava plasticamente com o galo da Igreja de Santo Antonio, e um desenho a crayon, no lado direito do auditório da antiga sede da Escola de Música da UFRN (Praça Pedro Velho), exibindo uma criança que tocava flauta e usava chapéu de jornal. Tecnicamente, esses painéis apresentavam, desde sua elaboração, problemas para serem conservados: mesmo antes da vândala demolição da Galeria de Arte, a referida pintura, executada com tinta à base d' água, começou a descascar, perdendo boa parte de sua superfície; o desenho da Escola de Música também sugeria fragilidade, apesar de não estar exposto ao sol e ter recebido camada de verniz fixador. Nos dois casos, entretanto, a firmeza do traço aparecia, evidenciando potencialidades do Artista para a produção em escala monumental.

Outra tarefa que Newton assumiu foi a de animador cultural, quer através da Secretaria Municipal de Educação, organizando exposições e atividades semelhantes, quer em cursos dirigidos a crianças, adolescentes e adultos.

Esta entrevista possibilita o contato com o pensamento de Newton Navarro, no contexto de seu reconhecimento fora da terra natal, realizando um balanço amplo de um trajeto em plena maturidade artística e intelectual. Contribui, ainda, para uma apreensão das configurações assumidas pela modernidade no Rio Grande do Norte e no nordeste, ajudando a entender faces da vida cultural brasileira fora de seus centros mais habitualmente estudados - Rio de Janeiro e São Paulo.

Ler essas falas de Newton Navarro e rever suas imagens são experiências de aprofundamento artístico e humano para todos.

(Boris Kossoy - B.K.) - Museu da Imagem e do Som, dia 25 de junho de 1982. Temos a satisfação de receber no nosso estúdio o artista Newton Navarro, de Natal, RN, desenhista e pintor, que prestará hoje seus depoimentos neste Museu da Imagem e do Som. Como entrevistadores desse programa, o professor Raul de Andrada e Silva, que coordenará a entrevista; o professor José Sebastião Witter, diretor do Arquivo do Estado; e Rafael Elia, professor de História da Arte. Nesta apresentação, Boris Kossoy, pela direção do Museu; na técnica de som, Marco Antônio Félix; e documentando fotograficamente esse acontecimento, Paulo Barbosa. Passo a palavra ao professor Andrada e Silva, para iniciar as perguntas.

Raul Andrada e Silva (R.A.S.) - Meu caro Newton Navarro, nós estamos aqui para ouvi-lo, não somente em torno deste belo álbum ilustrativo sobre o futebol, mas também sobre outras atividades suas. E, para iniciar a entrevista, o professor José Sebastião Witter.

José Sebastião Witter (J.S.W.) – Newton, a gente aqui sempre procura fazer destas nossas reuniões um encontro informal. E a primeira pergunta que eu quase sempre faço é com que o entrevistado faça uma pequena biografia: nasceu onde, pai, mãe... Para a gente ter uma idéia e preservar aqui a sua história.

Newton Navarro (N.N.) - Bom... é um pouco de reminiscência, n'ê? Um breve estágio... assim, um retorno ao tempo perdido... um movimento proustiano quase, n'ê? Bom, eu remonto assim, neste instante da minha memória, à minha cidade, Natal, é, coração da cidade mesmo, centro da cidade, chamado Grande Ponto. Casa da minha avó, onde eu nasci, avó materna, e onde eu passei os meus primeiros 12 anos de vida. Minha mãe, professora primária, meu pai, é... um dos, dos classificadores de algodão, assim, modéstia à parte, da melhor qualidade na época, porque ele vinha de uma família de interioranos, inclusive parentes até vaqueiros, coisa que me honra muito e que deu assim uma autenticidade muito grande, muito marcante, em certa fase da minha, do meu desenho, e ainda hoje, assinalo essa presença do sertão, do lado telúrico por parte do meu pai, que me contava

histórias e que, nas férias escolares, de meio de ano e de fim de ano, geralmente, passava, passava na fazenda dos parentes, dos tios, irmãos do meu pai, que estão todos desaparecidos. Hoje, os meus primos é que tomam conta de uma ou duas dessas fazendolas bem interioranas, bem sertanejas, bem tipicamente nordestinas. E pelo meu lado materno, a minha avó, essa da, à qual eu já me referi, onde eu nasci, a casa central, mesmo, da cidade..., meu avô materno era dono de terras, de jangadas e de redes de pesca, naquela praia onde você, que você conheceu bem lá em Natal... Ponta Negra. Tinha um título da Guarda Nacional, de Capitão, e eu me lembro muito bem de uma, de um fardão cheio de...de... berloques e... adereços dourados, aquilo fedendo muito a coisa mofada, naftalina muita, que minha avó conservava... acho que ele nunca usou, n'ê?... era somente um título comprado. Dessas posses todinhas de terra, fomos tão humildes, graças a Deus, que hoje nem, nem, nem centímetros de terra no cemitério teríamos para ser enterrados pois as posses, os posseiros são todos da alta roda de Natal. Mas, felizmente, foi-nos deixada a memória dele através da voz dos, dos netos e dos bisnetos dos pescadores que trabalharam com ele. O Prefeito, a meu pedido, homenageou-o com a praça principal da, da, da aldeiazinha lá em cima da praia. Então, ficou para mim como herança a beleza do mar, que ele deixou, a beleza da tradição, o amor dele àquela terra, àqueles pescadores. Como no meu caso, do meu pai, a herança que ele me deixou foi a grandeza dele de homem humilde mas autêntico na sua sinceridade de amor ao povo dele, aos vaqueiros, aos amigos, àquele povo bom que faz ainda, felizmente, ainda faz o nordeste e que não 'tá de todo ainda descaracterizado, e não está ainda de todo adulterado.

(J.S.W.) - Newton, quando é que você nasceu ?

(N.N.) - Eu nasci a 8 de outubro de 28..., já é um bocadinho adiantado...

(J.S.W.) Tá novo ainda! Ah... olha, aqui, naturalmente, estão reunidas pessoas que vão te perguntar muito sobre a sua obra de Arte, assim como desenhista, como pintor... Eu quero começar por um outro lado, que eu conheço e que eu admiro muito, que é o Newton Navarro poeta e escritor. Quer dizer, o Newton Navarro do ABC do Clarimundo, ...do Cantador Clarimundo, o Newton Navarro de *Os Mortos São Estrangeiros*, n'ê?, e os outros dois

que você me deu de presente, que eu não tive tempo de ler ainda, nesta loucura desta semana, que é o *Beira Rio* e o outro que eu não me lembro o nome...

(N.N.) - O *Beira Rio* e *Do Outro Lado do Rio, entre os Morros*.

(J.S.W.) - Isto, mas eu queria ouvir um pouco de você, por exemplo, como é assim a sua vida, como é que surge essa poesia, essa Arte tão bela que você sabe fazer?

(N.N.) - Não tome, é, não tome assim como uma vaidade, nem como um auto-elogio, mas como uma premissa de onde eu poderia partir para dar, emprestar a razão porque eu aliei sempre o problema artístico *pintura* ao problema artístico *criatividade literária*. Por exemplo, eu tenho a honra de ter, tenho uma carta do, autógrafa do Carlos Drummond de Andrade, em que ele, recebendo *Os Mortos São Estrangeiros*, ele faz, é, demorado estudo, apreciação sobre um dos contos, onde ele, sem saber, me descobre um desenhista. Quer dizer que, então, através dessa declaração do Drummond, que é altamente válida e honrosa para mim, eu pude avaliar que sempre em mim, a, o, a criatividade artística sempre esteve emaranhada, ou sempre esteve junta, ou teve vinculada ao processo também artístico literário, tanto que por exemplo, os temas são quase que temas muito parecidos, os da pintura, com os da temática literária. O descritivo dos vaqueiros, o descritivo do pictórico também na Arte plástica, o descritivo das rendeiras, das praieiras, das vaquejadas, o descritivo das frutas nordestinas, a presença das frutas também nos meus álbuns, nos meus desenhos, o descritivo das rendas, nos trabalhos da, de, de Literatura como também nos desenhos. Assim, o nordeste está presente. Então, eu junto muito e não separo. Tempos que eu não paro de pintar e desenhar, então eu entro no meu trabalho literário, mas sempre desponta essa raiz, essa vertente.

(R.A.S.) - Agora, com a palavra, o Rafael Elia.

Rafael Elia (R.E.) - Navarro, eu gostaria inicialmente de conhecer, que você falasse um pouco sobre seus estudos, sua formação com relação à Arte, e as suas principais influências, quais os artistas que mais influenciaram na sua formação.

(N.N.) - De princípio, respondendo, devo também remontar à minha, ao começo da minha juventude. O meu pai queria muito que eu fosse advogado, porque achava que doutor era advogado

com anel de... é, como é que chamam?, um rubi rodeado de brilhantes, n'ê?, então, achava isso, para ele, uma glória. Infelizmente, eu não, não sentia a vocação mas, num esforço dele, todos os primeiros anos de estudo, natural, primário e ginásianos em Natal, depois para Recife, n'ê?, fazer o final, porque naquele tempo era o científico e o clássico, conforme o segmento da carreira, n'ê? E lá, então, eu passei a freqüentar ateliers, que em Natal não havia, não é? E freqüentei, me lembro bem de dois nomes, três nomes que eu aqui gostaria de citar, e que marcaram de maneira muito formal, muito categórica, a minha determinação: o atelier do Reinaldo Fonseca, que hoje é um dos nomes maiores da pintura brasileira, hoje reside em, em, no Rio, e um, que eu registro agora com muita emoção, porque o perdemos há uns quatro, cinco dias, há uma semana atrás, aliás, o Aluísio Magalhães, cujo atelier eu freqüentei porque, antes de ele ser um *designer*, ele foi um pintor, e muito bom, e com exposições internacionais e tudo. Então, eu devo muito à influência desses dois artistas e do meu mestre primeiro, que foi realmente um mestre. quero dizer, em aula, em técnica, em tudo, foi o Lula Cardoso Aires, isso num curso livre de pintura, no Recife, tanto que eu, a partir daí, passo a ser um autodidata, porque o curso livre, ainda hoje, não é reconhecido como, como oficializado, como título, n'ê?... E abandonei então, a, a, deixei. Preparei-me para o Direito, para o vestibular, mas deixei tudo. E então, entrei a freqüentar atelier, a, a ir para as aulas do Lula Cardoso Aires, que também, por uma curiosidade, já havia começado um curso e eu não tinha condições de me matricular, porque já havia dado, começado, na Escola de Belas Artes do Recife e, como eu tinha muita amizade com amigos daquela época, que eram ligados ao mestre Gilberto Freire, eu fui com eles até Apipucos e o Gilberto era Deputado Federal de, de, foi constituinte, era Deputado Federal. Então, na própria, no timbre até de papel oficial da Câmara dos Deputados, ele fez o bilhete para o Lula Cardoso, que eu tenho esse bilhete entre os meus papéis, me apresentando e pedindo que eu ficasse pelo menos como assistente, mas o Lula me deixou assistir todas as aulas. Foi aí o primeiro passo assim oficializado do meu desenho. Mas você perguntava, então, ainda as...

(R.E.) - Quais foram os artistas que mais te influenciaram?

(N.N.) - Bom... Vou, eu fico indo do Rio para o Recife, Recife/Rio/Natal. Com estada, eu ficava com, de família, mas eu tinha família também no Recife. Por essa época, Cícero Dias, o grande pintor pernambucano, brasileiro também, hoje residência fixada em Paris, que, naquela época, tinha fama de ter, o único, talvez um dos únicos brasileiros que tinha o telefone do Picasso, e de quem era realmente amigo e provava isso. O Cícero fez uma exposição que abalou o Recife, a primeira abstrata que o Recife realmente assistiu. Ele vinha com... Mas não deixou de, ao mesmo tempo que expunha os trabalhos de Arte, trabalhados em Paris, sob a influência dos modernos, aquela escola quase de vanguarda, de vanguarda mesmo, ele pôs também em confronto com trabalhos antigos, o pitoresco dele, que é aquela pintura dos canaviais, pinturas de engenho, as casas grandes, senzala, aquela fase que servia até para ilustrar *Casa Grande & Senzala*, do Gilberto Freire, na primeira edição, que é uma beleza, é uma riqueza. Então, essa parada do Cícero Dias, presente no Recife, isso deslumbrou os artistas novos. Se nós já tínhamos uma certa intuição, assim, uma certa vocação para o extraordinário, assim, que estava em nós despontando através do traço livre, do desenho livre, da cor livre, da criatividade enfim não vinculada a certas escolas, a certas coisas, então, a pintura do Cícero assombrou o Recife, mas também deslumbrou-nos primeiro, n'ê? Vínhamos então, já antes do Cícero, tomando conhecimento, através de Lula e de outros pintores, desses mesmos colegas que eu falei, o Reinaldo e o Aluísio, do Movimento de 22, quer dizer, que na minha cidade, nunca se ouviu falar, praticamente, em Arte Moderna. Eu me lembro que depois dessa exposição do Cícero Dias, eu fui para Natal e levei uma série de desenhos e, ah!, causou escândalo. Lembro bem que uma figura de alta importância no Governo, quando fui inaugurar a exposição, que eu os convidei, antes, a senhora dele e a família foram ver uma amostra, antes da, da solenidade oficial, e a senhora dele, eu não estava presente, n'ê?, mas pessoas minhas e outras pessoas... ela perguntava se aquilo, se ela não estava, se ela não estava enganada no local que a levaram... porque... se não era aquilo anúncio do Circo Nerino que ia chegar, sabe?, na cidade, se aquilo não era uma exposição assim para

despertar o anúncio de circo que ia chegar. Quer dizer aquela, eu me lembro que eram todas aquarelas e bicos de pena, mas todas dentro, assim, de uma movimentação onde eu nunca fugia realmente, isso vale acentuar, eu nunca fugia desde as influências que eu tive desses artistas pernambucanos, do Cícero Dias mesmo, e depois da vivência aqui do Rio de Janeiro e depois de conhecimento dos artistas plásticos da Semana de 22, em telas autênticas mesmo, mesmo depois de minha primeira viagem para fora do país, para Buenos Aires, onde eu tive o primeiro encontro com os impressionistas, que eu adorava as gravuras, e não tinha oportunidade de ver. Eu fiquei um dia todinho quase, eu me lembro assim, sem alimento, para ficar deslumbrado diante duma tela de Gauguin, uma autêntica tela, já do final da fase de Taiti. Então, aquilo, foi aquilo tudo me preparando para resultar no que hoje eu posso dar como mensagem.

(R.A.S.) - Agora o coordenador, também entrevistador, Raul de Andrada e Silva,...

(N.N.) - Naturalmente, com muita honra...

(R.A.S.) - E..., sem sair do lado artístico, eu voltarei um pouco ao futebol, a propósito do seu álbum. A minha pergunta é a seguinte: eu gostaria de saber como você sentiu o lado artístico do futebol, das atitudes do futebolista. Você mesmo diz... e a mim me disse, repetiu, como o Mário de Andrade e você vê, e nós também vemos, o futebol como um balé. Certas atitudes dos jogadores, os saltos, as paradas, é um verdadeiro balé aquilo. Sem a disciplina do balé, bem mais natural, bem mais uma improvisação. Então, você captou isto até que ponto? Até que ponto você captou isto diretamente do espetáculo futebolístico? E até que ponto a sua criação subjetiva também influenciou nos seus desenhos, que, aliás, são magníficos ?

(N.N.) - A minha infância foi um pouco doentia, assim, foi um pouco maltratada pelo processo de, de saúde. Quero dizer, eu não fui um menino muito assim, a princípio, solto. Me lembro bem que depois desses 14 anos de vivência na casa da minha avó, a minha mãe teve que se transferir para a periferia da cidade, ela era professora pública, e tinha uma escola pública que ela, onde que ela lecionava, onde morava também na própria casa. E essa escola que minha mãe dirigia, a recreação, dava num pátio do lado da casa ou então no calçadão na frente da escola. E eu

via os meninos jogarem as peladas de bola-de-meia mas eu era sempre muito fechado, muito proibido, um pouco pelo estado de saúde. Eu tinha muita inveja de não ter aquela liberdade, quer dizer, eu vim brincar isso já nas praias, depois dos meus 17 anos, não é?, jogava uma besteirinha de praia, mas sem aquela marcação, como o senhor há pouco lembrava. Eu não sei se eu era ponta, ou se eu era artilheiro, ou se às vezes era goleiro, conforme a improvisação. Então, em jogo de beira de praia não tem marcação nenhuma... Mas então, creio que esse processo até de ter ficado retidas aquelas imagens de infância, a, o proibitivo que ficou em mim, de eu ter participado, ativou talvez um sentido de criatividade em fixar as movimentações que, mais tarde, foram eclodindo maiores nos campos de futebol, n'ê? Por exemplo, nos primeiros jogos do Brasil, me lembro bem, nas Copas, não se tinha televisão, ouvia-se em rádio. Minha avó não tinha rádio, nem minha mãe, mas o meu tio, que era um homem de posses, tinha rádio e então nós íamos ouvir. E aquela, aquela, aquele descritivo do jogo, dado pelo *Speaker*, naquela época, me lembro bem que dava, nos dava, nos deixava um processo assim de a gente imaginar. E eu podia bem imaginar aquelas jogadas, e aquilo parece que procurava, como um anzol procura assim dentro d'água o peixe, aquilo procurava a infância, e eu trazia aqueles movimentos dos meus amigos de infância e mesmo de alguns jogadores de beira de praia, jogadores de ponta de rua. Bom, quando eu vejo o jogo depois, quando eu assisto, jogos mesmo famosos, de times de fora, de times ,grandes times do Sul que vinham a Natal, em Recife, mesmo aqui no Maracanã, aquilo então... Eu não posso discutir com nenhum dos senhores futebol, porque, tecnicamente, negação..., mas a movimentação, lhe garanto que a mim, talvez tenha atingido a muitos que..., 'tão interessando mais o *Score* , a posição, a atuação daquele ponteiro, a atuação ou a ausência daquele outro que devia estar naquele lugar, como estão reclamando hoje. A mim, ficou mais a movimentação. Então, é isso que eu acho para mim, que valeu assim, quase que, culturalmente, uma espécie de balé, eu via. E parecia que aquela torcida, parecia que o eco, que, continuado, daqueles torcedores gritando seus times, às vezes nomes feios, às vezes aplausos espetaculares, às vezes até nervosismos exacerbados, e as movimentações, assim, quase espasmódicas,

tudo aquilo parecia o acompanhamento sinfônico que dava razão àquela, àquela movimentação lá no campo. Perguntei muitas vezes a jogadores famosos da minha cidade, como perguntei a outros de outras cidades, e eles não negam e hoje é comum em todo o Brasil, em toda parte que se interessa por futebol, em todo o mundo, que uma torcida incentiva. Um futebol sem torcida seria um futebol morto. Eles, enfim, não 'tão jogando hoje nem somente para as câmeras de televisão, não é?, eles estão jogando para o público...

(R.A.S.) - Para o povão...

(N.N.) - Para o povão, exato! E daí, então, que eu acho que eles 'tão ali também representando, eles são uns verdadeiros artistas, e que artistas...

(R.A.S.) - E que artistas... Agora, para sua nova pergunta, o professor José Sebastião Witter:

(J.S.W.) - Não sei se foi o nosso encontro natalense de 74, ou se o que eu li depois de você, mas eu fico, enquanto os outros ficam na Arte, eu fico no escritor. Acho que a nossa madrugada de Natal...

(N.N.) - Ah, muito boa!

(J.S.W.) - ... daquele Natal que só quem viveu lá, como eu vivi, e continuo extasiado pela sua cidade, depois que eu trouxe os teus livros para cá e li, reli, eu sempre fui fazendo do Newton Navarro aquela figura assim meio mítica, até, n'ê? E depois, a vontade, você tinha uma vontade de criança, de poder jogar. Eu não, eu tinha uma vontade de trazer você...

(N.N.) - Obrigado...

(J.S.W.) - E o que aconteceu foi que eu consegui trazer o Navarro para cá e então, eu continuo a perguntar: os teus escritos são, como você disse, um pouco de... de Arte...

(N.N.) - Do meu trabalho de pintura...

(J.S.W.) - Tem, na parte de, como escritor, você tem alguma influência, assim, de algum outro escritor nordestino, tem alguma influência maior ?

(N.N.) - É, eu me lembro que há quinze dias atrás, a nossa televisão universitária tem um programa, Memória Viva, e graças a esta tua viagem, a este teu convite, eu fui o entrevistado, n'ê? Eles queriam guardar, me fizeram... e houve esta pergunta, de influência literária. Primeiro, eu quero te dizer que o primeiro livro

assim, que me deu lembrança, que eu tenho como lembrança, que marcou, e daí uma seqüência desse mesmo Autor, foi o velho e querido e sempre presente em nós Monteiro Lobato, n'ê? A leitura do Monteiro Lobato, para mim, está a fase infantil, pois eu peguei o Lobato já o escritor da ficção, do conto, n'ê?, do conto, da quase novela, e também o publicitário, o homem de jornal também... o, o, e o pesquisador dos problemas sociais nossos, como o do petróleo, n'ê? Quero dizer, toda essa coisa me fez muito admirar o Lobato mas isso é uma coisa de infância, mas que foi marcante. Mas vem, depois, a fase minha, que é mais assinalável para mim, que é nordestina, que não poderia deixar de ser, n'ê?... e que marcam realmente os meus contos. É o, o, a fase da... é o ciclo da cana-de-açúcar, com o José Lins do Rego, n'ê?, uma obra-prima, realmente, da Literatura brasileira.

(J.S.W.) - José Lins do Rego tá merecendo já ser revisto...

(N.N.) - Uma revisada, exatamente. Há quem diga que já está em tempo de fazer uma revisão de estudo, mesmo, nas universidades, sobre a obra do José Lins, que é altamente marcante. Porque se o livro do José Américo de Almeida, *A Bagaceira*, abre realmente o Ciclo do Nordeste, mas é um livro só. Ele teve o momento, ele abriu a cortina, mas desfilam neste palco, depois dele, desfilam nomes como José Lins, que é um estudioso que vai do canavial ao sertão. E vai, é curioso, vai até o futebol, um dos primeiros.

(J.S.W.) - É, exatamente.

(N.N.) - É talvez um dos poucos livros de romance brasileiro, aparece. *Água Mãe* é um dos poucos romances e que se ele fora prematuramente de nós, do nosso convívio, ele teria escrito muito, pela paixão que ele tinha pelo futebol, era um homem que acompanhou até um dos nossos, das nossas representações, se não me engano, na Europa, quando nós fomos campeões na Suécia, n'ê? Se não me engano, parece, acho que ele era vivo ainda. Numa dessas viagens, ele acompanhou o time, parece que ele era louco pelo Flamengo...

(J.S.W.) - Ele era um flamenguista roxo...

(N.N.) - Flamenguista louco... então, eu ouvi falar, que ele tinha em mente, preparava uns estudos, assim, sobre o futebol, embora ele já tivesse revelado isso no romance dele, do ciclo Nordestino. Bom, depois, ninguém pode negar a presença de

Jorge Amado, de quem eu tenho o prazer enorme de ser amigo, dele e da senhora dele; eu, quando estou na Bahia, tenho merecido a melhor, o melhor carinho, e ele quando vai a Natal, e todas as vezes que foi, também eu, o que eu posso fazer, carinhosamente, para ele, eu faço. E eu tenho até uma espécie de correspondência, porque hoje é um homem que tá vivendo muito n'ê?, fora do Brasil e quando chega no Brasil, tem que se refugiar numas fazendas. Ele agora 'tá refugiado no Maranhão, porque não pode escrever, n'ê?. A rua de Alagoinhas, lá em Salvador, a secretária dele me mostrou, aqui, não passa, não pára de parar carro nunca, ônibus... Quer dizer, então, um homem desse não pode escrever, n'ê? Então, o Jorge é que tem, inclusive, quase todos os meus catálogos de pintura, eu tenho uns cinco ou seis, quando eu faço fora, tem sempre uma palavra dele, do Jorge. Outra figura, que eu não posso deixar também, de esquecer, se não teve uma muito marcante influência, é porque eu não li todo, quando eu despertei para o Érico Veríssimo, eu já estava com outros problemas de ler o internacional, mas não vou esquecer o ciclo do, a fase, aquela saga do *O Tempo e o Vento*, que é uma beleza do levantamento histórico do Rio Grande do Sul, e os modismos, e os regionalismos, e a beleza, enfim, que o Érico Veríssimo, dizia Jorge Amado, e tenho provas disso, porque quando o Érico morreu, ele mandou da Bahia, impossível de chegar a tempo ao enterramento, mandou, autorizou depor uma coroa de flores com a seguinte inscrição: "*A Érico, o maior escritor brasileiro*". E assim, as influências de tantos escritores que eu conheci, n'ê?, tão grandes escritores. Por exemplo, um que é marcante na minha vida, embora não seja muito, porque é mais Ciência, e eu não liguei tanto a esse processo, mas é o meu mestre, da minha cidade, Luis da Câmara Cascudo, n'ê?, o folclore dele, a presença, o dia-a-dia, quase, com ele, com quem eu vivo, n'ê? Ele é meu padrinho, o Câmara Cascudo. Então, a descoberta, o *Dicionário do Folclore Brasileiro*, que o Gilberto Amado dizia o seguinte: "*É impossível que um homem em Natal, numa cidade que uma universidade, àquela época, não tinha, biblioteca, não tinha nem universidade, pudesse escrever o Dicionário do Folclore Brasileiro, que hoje é uma pesquisa internacional*". Quem fizer qualquer coisa sobre folclore, tem que consultar o *Dicionário do Folclore de Cascudo*, e o Gilberto Amado dizia que, como era

possível que dentro da cidade de Natal, sem pesquisadores que pudessem fazer a equipe, e sem biblioteca, pudesse Cascudo ter escrito uma obra daquela, magnífica? Então, quer dizer, o meu desenho, muita coisa influenciada por todo o folclore. As danças populares, tudo, tudo, os folguedos, tudo, tudo, baseado no que eu estudei do Cascudo, e que, mostro a ele, e que vou mostrar, já tenho ilustrado até trabalhos dele já, livros publicados. (R.A.S.) - A nova pergunta, Rafael Elia.

(R.E.) - Eu gostaria ainda, dentro da parte de Arte, da sua visão de Artes Plásticas, que você falasse um pouquinho sobre as suas principais exposições, assim, que você desse uma visão, um retrospecto de sua vida artística. Quais os principais momentos, que eu sei que você já viajou pela Europa, teve várias vezes aqui no sul, queria que você falasse um pouquinho, 'tá?

(N.N.) - Falar de exposição, não é? A primeira exposição foi uma..., eu tenho uma..., eu tenho uma, que o Witter até pediu, um currículo, Witter... Mas que ainda era... não dá para... Eu só vou assim, evidenciar, n'é? A primeira mesmo foi uma coletiva, que nós fizemos, desse grupo do Recife, n'é? Uma coletiva dos artistas novos, depois da mostra do Cícero Dias. Depois, uma na minha cidade, foi essa que causou muito escândalo; depois, uma seqüência de exposições no Recife, onde eu voltei a estudar, n'é?, a morar. Uma que eu já lembrei a você, até, já contei, lá no Teatro Santa Isabel, com o patrocínio da saudosa Cacilda Becker, que passava por Recife naquela época. Depois, coletivas, n'é?, assim, Salvador, Fortaleza, coletivas, também, no Rio, coletivas. Depois, uma individual, no Rio. Agora, quero flagrar um caso que, a gente vai contando a história e pára, como você disse, de repente porque, memorizar assim, escalonado não dá, vai assim no improviso, não é, mestre?

(R.A.S.) - Mas assim, mas assim é que fica mais saboroso...

(N.N.) - Fica mais humano, n'é?... Eu quero lembrar é a presença na minha vida, a presença marcante de um mês apenas, do Goeldi, o maior gravador que este país já teve, talvez, naquela época, talvez das Américas, o Goeldi. Eu tive um mês com ele, mas parecia um ano ou mais do que eu aprendi com a vivência dos outros. Era somente o vivencial, ele 'tava trabalhando ali, no atelier, e eu ficava com a prancha de madeira também tentando, que eu tentei a gravura em metal, e também a xilogravura. Pois

bem, o Goeldi eu quero..., é marcante. Eu fiz uma exposição, quero dizer, eu tentava uma exposição na época, mas o Goeldi adoeceu, e eu fiz a exposição no Rio, mas o Goeldi não pôde. Quando eu cheguei lá, de volta ao Norte, o Goeldi tinha falecido. E outra marcante, depois da do Goeldi, muito tempo depois, não vou negar que houve uma fase da minha vida, de exposição, que eu fiz por exemplo, muito marcante, no Recife, e se não me engano, também outra no Rio, apresentando o Aldemir Martins, n'ê?, porque é um nordestino como eu. O desenho dele é muito, puramente, é muito nordestino. E é aquelas figuras..., eu sei que cangaceiro não é privilégio do Aldemir, como a rendeira também, cada um pode pintar a rendeira da maneira..., mas eu me influenciei muito com o Aldemir, certo? Então, eu até desviei um pouco, e enquanto eu desviava um pouco do Aldemir, eu notei que o Aldemir desviava também do desenho que ele já estava, p'ra se caracterizar mais, chegou até perto da abstração. Mas ele tem sempre uma presença de influência, eu sinto ele, parece que ele até já declarou isso... Aquela pintura japonesa, o grafismo japonês, impressionava muito o Aldemir, e impressionava a qualquer um pintor, a qualquer um gravurista, a qualquer um desenhista, o japonês influi demais, n'ê?, por aquele preto e branco, o nanquim mesmo é o próprio traço, a tinta própria deles, n'ê?

(R.A.S.) - Eu vi no Museu Van Gogh, em Amsterdã, justamente uma coleção, imagine, o Van Gogh!, uma coleção, aliás, admirável, de gravuras e pinturas japonesas...

(N.N.) - É, e que o senhor deve lembrar que uma fase foi tão marcante nele, que em alguns trabalhos que retratavam figuras da época dele, ele bota como fundo gravuras chinesas e japonesas, sobretudo japonesas, desenhos de gueixas, figuras, assim, alfabetos, letras, que são desenhos verdadeiros, n'ê?, aquelas palavras japonesas. Muita coisa do Van Gogh ficou na própria pintura dele.

(J.S.W.) - Eu vou pedir p'ra você continuar, que você falou assim, nesse nosso papo humano, nós começamos a sonhar; então, você começou falando das exposições e acabou parando num ponto e não continuou por causa do entusiasmo do Goeldi, mas teve mais exposições, a sua vida não parou aí...

(N.N.) - Não!

(J.S.W.) - Então, eu quero que você repita algumas mais...

(N.N.) - Bom... As mais demoradas, assim, foram no Rio, no Recife, n'ê?, e coletivas que eu mandava participar, n'ê? Salvador, Recife, Fortaleza, Bahia. São Paulo, eu não mandei nenhuma vez, não participei. Assim, uma muito boa, que eu fiz, muito bem montada, e foi também bem trabalhada, em Porto Alegre, num bom hotel, fiz... Agora aí, veio..., me radico mais ou menos no Rio, aí faço a primeira viagem à Europa. Eu consegui uma bolsa da Aliança Francesa, para expor num dos salões da Aliança Francesa, lá. Mas eu cheguei e a época era fria, fim de outono, já, já ia, já começava o inverno, a gente lembrava bem mesmo aquele descritivo do Verlaine: "*Os longos soluços dos violinos do outono*", não é?, "*Enchem meu coração de um langor monótono...*"

(R.A.S.) - Muito bem!

(N.N.) - Aquilo 'tava tão vívo na paisagem parisiense! Mas, não sei porque, me deu uma saudade de Natal enorme. Eu olhei o Sena, eu vi tudo, eu demorei no Louvre, eu demorei no Petit e no Grand Palais...

(R.A.S.) - Do Natal nativo...

(N.N.) - Do Natal nativo meu e a demora da Aliança Francesa me obrigava a um problema ainda de muitos dias para a montagem, mas eu me radiquei lá com um grupo de sul-americanos e eles haviam conseguido uma montagem numa galeria de gravuristas e desenhistas sul-americanos. Eram argentinos, uruguaios, paraguaios, chilenos; brasileiro, o único, eu. E nós, então, vendemos os nossos trabalhos a esse, eu chamo judeu, eu não me lembro o nome dele, não. O cara comprava, e depois nós soubemos que se revendia por três ou quatro vezes mais do que o preço que havia comprado. Mas, de qualquer maneira, me confortou ver, era uma série de salõezinhos, ali na rua Bonaparte, se não me engano, ali perto mesmo de, do Deux Magots, da célebre Praça dos Existencialistas, n'ê?, St. Germain Des Prés. E a mim, ficou, envaideceu muito, eu ver, eu participei com cinco ou seis desenhos de vaqueiros, em trajes típicos e em vaquejadas. E aquilo tudo despertou muita curiosidade: os tipos. Os sul-americanos tinham, mesmo os argentinos usam um tipo de poncho, com aquela coisa, muito bom. Mas eu me lembro que

umas duas ou três vezes depois, eu visito a galeria e o cara me mostrou que tinham sido adquiridos três desenhos meus, dos vaqueiros. Eles disseram que os americanos gostaram muito dos cowboys. Eu, eu, essa foi a primeira exposição. Mas, aí, eu corri logo, não passei dois meses. A minha casa, quando a minha mãe me recebeu, pensou que 'tava doente, era para passar dois ou três meses, parece que vinte dias ou vinte e cinco, eu 'tô voltando.

(J.S.W.) - Nessa linha, assim, de, nesse jeito humano, assim, que vai ganhando a nossa conversa, me diga uma coisa: qual é das tuas vivências em exposição, em exposições, a tua parte mesmo, profissional, a que te deu mais alegria ?

(N.N.) - Não deixa de ser muito perigoso arriscar, n'ê?, porque são 30 anos de, de exposições, são quase 30 de exposições, entre nacionais e internacionais, mas eu acredito que, sem favor nenhum, foi uma exposição que eu fiz em Natal. Nossa... isso, eu já muito maduro, isso já faz uns... 20 anos..., 18 anos, já estava bem, já tinha feito a segunda viagem à Europa. E eu fiz isso para um movimento de beneficência, para as damas lá, principais do Estado, que faziam um movimento p'r'o câncer, um auxílio. E meu pai, eu já havia perdido meu pai de câncer, n'ê? Então, eu já tinha, não sei se você já tinha notado nos meus livros, porque na minha pintura, você só viu o futebol e os desenhos do bumba-meu-boi, mas eu não posso fugir é de um misticismo terrível, terrível, eu digo, num sentido assim, e, vamos dizer, até franciscano mesmo, no que tange, no que tange à Terra, à Natureza, essa coisa telúrica, essa coisa de raiz. Então, eu fiz uma exposição minha, só minha, de quinze motivações de São Francisco, porque dizem que um dos momentos maiores dele foi quando ele tinha horror da lepra, n'ê?, e ele, parece, para mostrar, para demonstrar o desapego às coisas terrenas e ao medo, ou ao nojo que qualquer coisa pudesse provocar a ele, no humano, ele tentou se aproximar de um leproso e beija a mão e os pés, n'ê? Isso foi quando ele sentiu, então, que estava despregado de tudo de mundano nele, n'ê? Então, eu me lembro que um quadro, eu fiz bem do beijo do leproso, onde eu evocava a presença do meu pai. Essa exposição, é, na mesma noite, ela foi adquirida toda, e inclusive por um detalhe: passava um navio americano em Natal, fazia uma estada um navio americano chamado *Hope*,

que era um, um, um convênio do Governo brasileiro com o Governo do Maine, era um navio-hospital. Então, os médicos desse navio compraram, não, quero dizer, não compraram todos porque as senhoras ficaram, cada uma, com um ou outro. Mas, quer dizer, não foi a compra porque, felizmente, eu tenho tido um poder bem, assim, de ser adquirido, ser adquirido, mas foi a emoção do tema e parece que, então, aquilo me fez mais chegado, assim, à Terra, não sei se à natureza, ao povo, à minha gente, à coisa. Nunca mais, eu deixei de pintar, numa exposição - esta não, porque a daqui, de hoje, a daqui, de anteontem, foi uma mostra quase que do álbum, a mostragem, também, dos desenhos do álbum -, mas em quase todas elas, depois disso, eu caracterizo com a presença de um São Francisco. E curioso que, se não é o primeiro, é o segundo quadro a sair da mostra.

(B.K.) - Agora, o coordenador e entrevistador Raul de Andrada e Silva.

(A. S.) - Eu perguntava duas coisas, em termos de influências também: se literariamente, um escritor como o Graciliano Ramos, que é sobretudo o lado trágico do Nordeste, sofrido, do Nordeste, por um lado, como influência literária; e a outra, já faço também: se a Arte popular, digamos o Mestre Vitalino, que também é profundamente Nordeste, foi a sua lembrança de uma vaquejada que me fez lembrar do Vitalino, eu tinha uma vaquejada dele que, infelizmente, se partiu, pela fragilidade... Mas eu gostaria de saber se, de algum modo, essas duas influências atuaram. Aliás, nós estamos falando muito em influências, sobre você...

(N.N.) - Mas existem, n'ê?

(R.A.S.) - Existem, é interessante saber, mas você tem personalidade bastante para influir, também...

(N.N.) - Certo..., o que eu concordo. Primeiro, eu quero dizer uma coisa. Vê como o senhor tem razão: no começo, quando eu falava da coordenação das coisas, mas, o senhor achando que o improvisado, o imprevisto era o que dava mais humanidade, talvez, ao próprio desempenho do depoimento. Eu me demorei tanto na fase, na faixa do José Lins, e lembrando do Jorge Amado, e tocando no romance do, primeiro e único da faixa que abria o Ciclo, o romance *A Bagaceira*, do José Américo, que já não, não ia falar do Graciliano e que não era possível... Talvez,

de toda essa faixa do romance nordestino - falo nordestino mesmo, sertão, n'ê?, porque Jorge tem mas Jorge tem é muito da Bahia, a Bahia tá mais presente, n'ê?, a Bahia eclode mais no seu povo, o livro de Jorge cheira a dendê, não é?, nos livros de Jorge parece que a gente ouve o berimbau, os atabaques baianos, tudo aquilo. É a Bahia em si, tem um feitiço da Bahia, aquela coisa langorosa, uma melomolente assim, não é? Mas o Jorge vai ao sertão, realmente, vai. Ele pega o tal do, do ciclo do cacau, se adentra, o *Jubiabá* se adentra o sertão. Mas o Graciliano é autêntico no sertão. Então, *Vidas Secas*, que o cinema brasileiro revelou extraordinariamente e que o Nelson ganhou até, se não me engano, uma Palma, um prêmio em Veneza, eu acho que, o festival, o *Vidas Secas* ganhou. Quer dizer, que extraordinário aquela, aquele livro. Acho que é a coisa das mais lindas que eu já posso... Então, o drama da cachorra Baleia, quem é que pode esquecer?, os dois, os dois, o casal de vaqueiros e a morte da cachorra Baleia é uma das coisas mais impressionantes. Duas, dois momentos assim, na Literatura brasileira, eu não poderia esquecer nunca. Um, inclusive, veja o senhor como a grandeza, mesmo distanciada, elas não deixam de ter mesmo, não têm vinculação nenhuma. A exemplo, pessoas mais diferentes mas, a mim prenderam profundamente. Eu não posso deixar de, vez por outra, de reler "A Missa do Galo", do Machado de Assis. porque ninguém pôde chegar, com tanta beleza, no descritivo do sensual, sem uma palavra, sem uma afetação, é, que quebrasse a riqueza do sensual, na pureza do sensual do que nessa "A Missa do Galo", onde só se vai notar por conotações, troca de olhares, movimentações na frase para descobrir os meandros do sexo. Eu acho a coisa um negócio fabuloso. E ainda não posso me esquecer também da cachorra Baleia, de Graciliano, e depois, como ele era a própria terra, ele era a imagem da terra, como foi um homem sofrido, cheguei a vê-lo ainda na velha, na velha Ouvidor, na Zé Olímpio, na antiga Zé Olímpio, cheguei a vê-lo, assim de longe, ele, à tardinha, às vezes, ele tomava uma, uma branquinha lá no escritório do Zé Olímpio e um amigo meu, Odilon Ribeiro Coutinho, me levou à livraria e me mostrou de longe. Ele era muito, muito seco, muito difícil de uma aproximação, mas eu fiquei feliz de vê-lo, de longe, porque eu já sabia, já conhecia

toda a obra dele. Para mim, foi uma das maiores figuras, humanas e literárias, desse país. A segunda pergunta que o senhor fazia era a respeito do, do folclore...

(R.A.S.) - *De influência da, da Arte popular, genuinamente popular, e exemplifiquei com o Vitalino...*

(N.N.) - Vitalino, uma das melhores exemplificações, não podia deixar de ser, a melhor, a mais pura porque o Vitalino foi um artista por Deus e conservado por ele mesmo, não é? Quando o Vitalino veio para o Rio, fazer a exposição, com o patrocínio de ricos e milionários, quer dizer, deixou de ser um pouco Vitalino, porque ficou, deram preços violentos à pintura... Ele não sabia nem o que era aquilo, ele não sabia o que era *high society*, ele não sabia nem quem era, o que era colecionador, o que era *marchand de tableaux*, o que era preço de quadro, n'é? Fazia os boizinhos dele em Caruaru e botava na feira, n'é? E a riqueza dele era aquela pureza, n'é? Ali, ele era um artista feito por Deus, um autodidata perfeito e profundo, n'é? Então, eu acho que o folclore é, na minha... a riqueza do povo é uma coisa extraordinária. Perguntaram uma vez: mas olha, eles dançam aquele bumba-meu-boi, Boi Calemba, que eu vi desde menino na praia, lá perto das casas de pescadores do meu avô. O boi é uma chita ordinária, quase não tem essas fitas todas, os espelhos não tem assim essas pedrarias todas com que você procura ornar o bumba-meu-boi... Ah, mas meu amigo, isso, aquilo é a riqueza deles, ali, os enfeites são deles, a criatividade é deles, o *décor* é deles, a, a, todo o trabalho, os figurinos são deles, a riqueza deles, no que está neles, o que eles têm de melhor, eles botam. Botam papel de chocolate quando não têm espelho, botam flandres e fundo de lata, botam fios de roupas velhas, outra coisa, o Alberico e o Mateus, os dois vaqueiros, dançam com roupas velhas de vaqueiros arrumadas, às vezes, que não prestam mais. Ora, eu, que admiro aquilo, eu, então, que já tenho uma certa cultura artística daquele trabalho, eu, que já tenho o processo já depurado, ah!, eu quero então homenageá-los. Aí, eu valorizo com a cor que eu tiver de melhor, com o desenho que eu tiver de melhor, com a manifestação da minha emoção a melhor, porque eu não

'tô homenageando a mim, eu 'tô homenageando a eles, que me deram a riqueza original daquele motivo.

(R.A.S.) - Eu diria que nesse plano da Arte Popular, quanto mais pobre, mais rica. Agora...

(N.N.) - Quanto mais pobre, realmente, mais rica. Um bumba-meu-boi dançado numa beira de praia, ou no interior, um, um coco de roda dançado numa beira de praia, embaixo de coqueiros, uma, uma dança que a gente tem lá no Norte, chamada Araruna, uma dança dos Congos, a luta dos cristãos contra os mouros, o Fandango, que é a Nau Catarineta perdida nos sete mares, do Gajeiro Curió, que me deu motivo para uma última novelazinha que eu escrevi e eu não trouxe p'r'o Witter, porque tinha se esgotado... e eles estão tirando agora uma edição, *De como se Perdeu o Gajeiro Curió ...*

(R.A.S.) - Ah..., manda p' ra cá depois...

(N.N.) - É uma parte do Fandango que eu aproveito, que o Curió, por uma inveja, é tirado do Fandango para que outro cante a toada mais bonita, que é quando ele é invadido pelo Diabo, o Diabo toma conta dele e desarvora a nau, ele sobe e canta a cantiga dele, que fazia chorar todo o bairro pela vozinha dele. O outro, por inveja, toma o lugar e o Curió vai, abandona o Fandango, n'é?, e ele era, ele trabalhava com o mestre de veleiro, que na Bahia é saveiro, o nosso é bote de pesca, n'é?, e ele vai neste dia para o, o, o, na véspera de Natal, ele vai ao mar mas no alto mar, lá perto da nossa cidade, dá um temporal tremendo, os barcos mais afoitos voltaram, o dele continuou e ele se perde nas águas, com o mestre do navio. Mas acontece que à noite, à meia noite quando o outro gajeiro sobe ao topo da nau, todo enfeitado de bandeirinhas e coisa, e que começou a cantar a toada do Gajeiro, não arrepiou o povo nem nada, a voz não era bonita, não tinha aquela sonância, parecia que não se misturava mais com a água cantante do rio Potengi, que passava bem perto, mas, pelo contrário, logo que o falso gajeiro sobe a escada da nau, vê-se, ele, o falso gajeiro vê surgir da água do rio, bem perto, o Gajeiro Curió todo vestido de estrelas e de água. Era um mal-assombro, não. Era um bem-assombrado Gajeiro. Então, ele cai do topo da nau, que é o que encerra a minha pequena novela do Gajeiro Curió.

(Voz Não-Identificada) - É de arrepiar, de arrepiar.

(R.A.S.) - Então, agora, para mais uma pergunta, o professor José Sebastião Witter.

(J.S.W.) - Vamos lá! Já que você anunciou, deixa eu fazer uma pergunta, uma pergunta bem, assim, do, aquilo que 'tá faltando aqui, quero dizer, o Newton Navarro, eu conheci numa situação especial...

(N.N.) - É, uma brincadeira em Natal, muita lembrança, não é?

(J.S.W.) - E você, como é esse Newton Navarro, esse homem assim, fora do, do artista, fora do festejado escritor, aquele homem que gosta da mulher que passa na rua, que não gosta, sei lá...

(N.N.) - Eu fui muito, muito, 'viu, professor?, eu fui muito boêmio, mas muito mesmo, eu me orgulho muito dessa faixa.

(R.A.S.) - Mas por que "fui", ainda não é ?

(N.N.) - Sou, não sou tanto porque minha mulher, hoje, ela brecou grande parte, n'ê? E, em parte, eu agradeço muito a ela porque se eu tivesse me soltado mais, talvez eu não tivesse produzido tanto, entendido? Porque às vezes, eu me aventurava por esses bairros que circundam Natal, por exemplo, onde eu sou amigo pessoal dos pescadores, esse Gajeiro Curió foi todo ele ouvido de histórias. Então, a gente conversava na branquinha, ou na cerveja, coisa, e o peixinho frito, trazido pela, aquelas minhas comadres, a quem eu chamo todas de comadres, não é? Então, a gente continuava aquilo a noite toda, entrava por um coco de roda, tal e coisa, passava. Quando chegava de manhã, oito, dez horas da manhã, em casa, arrasado. Minha mãe então, coitada, sofreu muito. Minha mulher quando casou, brecou. Mas eu também, a fase que eu já podia ganhar, ganhei... Não...

(R.A.S.) - Ai é que está, isso é um estimulante também. E depois, a boêmia é um estado de espírito...

(N.N.) - E outra, outra coisa, não houve em mim, nesse pendularismo, eu não noto hoje nenhuma, nenhuma, nenhum saldo negativo. Pelo contrário, os personagens, a riqueza popular, a que o senhor se referia há pouco, os modismos, o falar do povo, a comida, a carinhosa alegria com que eles têm o senhor na casa deles, um, um, um convite para ser padrinho, testemunha, depois compadre, e ele lhe traz, na Semana Santa, depois, o

peixe de presente, ou no Natal também, um agrado. Tudo, essa vivência, que tem, o vivencial com esse povo, é uma riqueza prodigiosa, não se perde, não, mesmo com ressacas terríveis, como eu tive, de terminar em hospital, mas assim mesmo, eu guardei um tesouro muito grande que eles me deram, me doaram.

(R.A.S.) - Agora, o entrevistador Rafael Elia, para uma nova pergunta.

(R.E.) - Antes, eu gostaria de esclarecer, n'é?, que São Paulo está tendo a oportunidade de conhecer a sua obra, através do álbum chamado *Futebol*, que são desenhos feitos pelo Newton Navarro, editado pelo Arquivo do Estado e a Imprensa Oficial, e por uma exposição de desenhos originais do Newton, ali no Arquivo do Estado, que o tema é, é futebol e folclore. Então, primeiramente, eu gostaria que você contasse um pouco a história desse álbum, porque ele tem uma história bonita, que a gente conhece, que você falasse sobre esse álbum, como ele surgiu, como ele se modificou, até hoje.

(N.N.) - Sua resposta predisse um pouco a do professor e coordenador dessa entrevista, quando ele me falava de como é que havia nascido a razão, a razão não!, o ponto inicial, o ponto de partida para a descoberta daquela motivação. Então, o seguinte: eu havia falado que depois daquelas primeiras imagens de infância, peladas, e coisas mais, certo?, jogos infantis e coisas ainda lúdicas de infância, o futebol apareceu p'ra mim como uma coisa extraordinária, uma movimentação, um ritmo, aquela presença rítmica fabulosa. O que me incentivou, aquilo – ah!, tem que se gravar, aquilo, é muito fácil de gravar a máquina de fotografia. Embora, hoje, a fotografia seja uma Arte, porque não é somente, o fotógrafo não copia, hoje, o fotógrafo tem, hoje, tem, tem, tem estilo. Há que se dizer que essa fotografia é de Fulano porque ele imprime estilo à fotografia. A fotografia, hoje, é uma Arte, também. Pois bem, mas eu queria então que tivesse uma, um toque meu, natural, ao vivo. E eu então procurei ir, como lhe contei, aos campos das minhas cidades, nas tardes de treinos, que eles passam, por aquela fase que eles não 'tão nos jogos principais, que estão jogando, treinando, permanentemente. E daí, eu copiava em *crayon*, em papéis, assim, em traços rápidos, a possibilidade de gravar aqueles movimentos mais bonitos que eu podia captar. Resultaram mais ou menos nuns 150 trabalhos.

E um dia, n'ê?, a presença de jogadores famosos em Natal, a presença resultou para mim numa descoberta . Eu digo: eu vou passar esses desenhos a limpo. Então, comecei o trabalho. Ele requer como técnica, eu vou revelar p' ra vocês, p' ra você que indagou: o desenho no original, feito em campo, e assim quase rápido, assim, atômico, não sei como é aquilo, n'ê?. Eu então, em casa, depurava o desenho. Selecionei os melhores. E a técnica primeira é a seguinte, eu uso muito, parece que o Caribé, na Bahia, que é um grande desenhista brasileiro, que a gente não pode esquecer também, n'ê?, ele... A gente usa tipo, a gente usa muito hoje, é muito comum, nas escolas, nas escolinhas de Arte, eles, a gente usa muito, para surpresa do aluno, não é? Os originais, que vocês reproduziram, faz o desenho, eu depurei o original, o traço ao vivo, passo, revelo, então, o motivo já completo, aquilo eu chanto depois num vidro, o desenho em nanquim bem fresco, chanto num vidro, aquilo passa p'ra outro papel, aqueles borrões, eu vou aproveitá-los, e aquilo dá uma movimentação curiosa, aquilo, vocês viram lá, n'ê? Não tem um traço somente, não, é, delineando, delineando a figura, os traços interiores também, eu sei que também há borrões ali que são aproveitáveis, todos eles. Uma ou duas vezes a gente perde mas depois de uma certa técnica, a gente consegue dar efeitos, consegue-se efeitos extraordinários. Pois bem, aí, então, eu editei o álbum. O Brasil, por coincidência, foi em 70, n'ê?, o campeonato, o que o Brasil foi campeão, o tricampeonato, n'ê? Ai, eu assinalei isso, até foi o que eu disse lá na festa que o Witter promoveu. E esse agora, quem sabe?, também não poderá assinalar, também, a nossa outra vitória, n'ê?, o começo da nossa outra vitória. Mas você perguntava ainda... Ah!, bom, há uns quatro anos, não foi Witter?, você de passagem por Natal, ...

(J.S.W.) - Oito anos...

(N.N.) - ...oito anos, de passagem por Natal, o Witter teve a oportunidade de me encontrar e, no outro dia, ele foi visitar a Fundação José Augusto, que é onde estavam os álbuns, embora não tenham sido editados pela Fundação, que tem uma gráfica. Os álbuns foram editados pelo Governo do Estado, que me deu de presente a edição. Era, foi um grande amigo meu, já desaparecido, muito moço, monsenhor Walfredo Gurgel. Era um padre, mas um padre à moderna, assim, que compreendia bem

os problemas do mundo atual, não é? Um homem assim, voltado para o processo moderno, da vida, da vida atual. E o Witter, então, ficou com o álbum, e me surpreendeu, depois de tantos anos, um telefonema de uma amiga nossa comum em Natal, da Universidade, Neide Varela Santiago, que ela dava o seu telefone, ou que eu aguardasse uma telefonema seu de São Paulo, que você tinha uma surpresa para mim. E foi uma surpresa estrondosa. O álbum já tinha sido esgotado em Natal, eu 'tô com esse único exemplar, que foi autografado, como eu disse a você, pelo Pelé, quando passou por Natal, o Santos passou por Natal, e eu, eu, como era para oferecer lá uma festa ao Pelé, e pediam uns álbuns para distribuir, eu dei ao Pelé e pedi: *Mas eu quero um autografado por você, também...* E ele me fez uma dedicatória muito simpática. É o único que eu tenho dessa edição, na minha, na minha casa. E você tem aí. Então, dessa edição, o Witter fez aquela belíssima edição, agora, que eu recebi em Natal, eu tive um susto, eu não vou negar que eu tomei umas e outras bem fortes com os amigos, comemorando a beleza do álbum, que foi, realmente, elogiada por todos - e gente do melhor bom gosto, que elogiou. O próprio Cascudo, que é assim, um pouco avesso - se me via ouvir, dizer isso, dizia que é mentira, mas como eu estou falando aqui, e ele hoje tá surdo... -, ele não gosta muito de futebol. Quero dizer, ele não, embora seja uma coisa popular, mas não, não, ele não vai muito, ele não vai a campo. Ele ficou deslumbrado com o álbum, n'ê? Eu dei p' ra ele. E todas essas pessoas de bom gosto a quem eu dei. A amostragem do Recife, mesmo, já tenho recebido elogios. Não falo dos desenhos, mas o grafismo, a maneira, a forma gráfica, a presença gráfica do álbum, aliás, está uma beleza, realmente. Não podia receber melhor presente. Depois, eu quero acrescentar logo isso, porque a gente vai falando e, às vezes, esquece, que se é uma das promoções que também poderão ficar no meu currículo, com grande presença, uma presença marcante mesmo, pela afetividade, pela presença dos presentes, pela beleza com que foi preparada, a começar da impressão, da concepção do álbum, logo depois da minha concepção, a impressão aqui no São Paulo, e os contatos que continuamos a manter, para culminar com a exposição e com a tarde de autógrafos, é um marco, a exposição, aqui, em São Paulo, p'ra mim, extraordinária. Quero dizer, eu que conhecia São Paulo

assim, com um certo temor, embora me deslumbrasse muito o velho Mário de Andrade e que eu já não ia falando se não tivesse o senhor também lembrado antes, a riqueza, a beleza da prosa, da poesia de Mário, a *Paulicéia Desvairada*, *Os Contos de Belazarte*, os romances de Mário, o teatro, o crítico de Arte, o *Baile das Quatro Artes* – hoje, uma obra quase desaparecida, que precisa ser renovada, que é uma beleza, um estudo que ele tem sobre o Portinari. E agora, chegou a vez da entrada, também não tínhamos falado, também, de Portinari. Mas você já teve a justificativa do álbum, e eu aproveitei para evidenciar a grandeza humana, assim, tão fraterna, de uma pessoa de São Paulo, com contato de um dia e meio comigo, se transformar numa amizade das mais fortes, agora, que foi a do Witter. Não posso deixar de dar a esse, emprestar a essa presença, uma presença de Rafael, de uma ajudante do Witter, Ana Maria, que tem sido obsequiosa comigo e com a minha senhora de uma maneira quase também fraterna, n'ê? E do nosso professor Raul, a sua presença aqui, não só dirigindo a conversa, o informalismo dessa tarde, mas, assim, a sua ternura, a sua grandeza humana, tão habilmente revelada. Não pela habilidade de ser mas pelo espontâneo que tinha que se nascer assim, a cada gesto seu, a cada riso, de uma maneira que parece que é São Paulo aqui, da sua mocidade, a um pouquinho amadurecida já, do Witter, a minha, os meus cabelos brancos, e o meu, que são muito mais que os seus, parece que aqui, na, na, na, depois, você vai ver, na fotografia, que o mais velho era o entrevistado e não o entrevistador.

(R.A.S.) - Creio que o entrevistado e o entrevistador ainda são dois velhinhos jovens, não é?

(N.N) - Acredito, tenho piamente que acredito.

(R.A.S.) - Agora, para mais uma nova pergunta, o entrevistador professor José Sebastião Witter.

(J.S.W.) - *Eu queria interferir antes de fazer a pergunta. Eu tenho absoluta certeza que são muito mais novos do que muitos jovens que estão por aqui. Porque eu faço questão, já que você registrou o carinho, eu vou registrar o afeto. O Raul, o Raul é, é meu irmão, não é?*

*Porque ele me trata assim. Quer dizer, nós saímos juntos, ele é mais novo do que eu, agüenta mais a parada do que eu, e você também já mostrou que agüenta muito mais do que eu. De*

*modo que, se tem aqui, vamos dizer, três gerações ou quatro, e acho que os mais novos aqui são vocês dois. Eu e o Rafael 'tamos ficando mais velhos, mais rápido. Acho que é produto da época.*

(N.N.) - Professor Raul, eu não quero interferir na direção do debate, mas eu quero um corte aqui, para o Witter, porque eu realmente não troco os meus 52 anos bem vividos, e lúcida e, e valentemente vividas, vividos, em boas tertúlias, em bons combates, um poeta da minha terra que Mário de Andrade gostava muito, e que dizia e que proclamava pioneiro do Modernismo no Norte, antes do próprio Ascenso Ferreira, que ele achava, o Jorge Fernandes, ele, nas cartas a Manuel Bandeira, pergunta, insistentemente, pelo Mário de Andrade, onde anda, como é que se consegue livros, "*mande-me urgentemente*". Então, naquelas edições da revista que fazia o movimento literário em São Paulo, *Pau-Brasil*, parece que era a revista, ele chegou a publicar muitos poemas do Jorge Fernandes. E dizia então o seguinte, que a geração dele era uma geração tão heróica na boêmia, tão heróica, assim, nos bares, nos adentrados da noite, eram, eram, eram guerras onde até os violões lutavam... Dele, por exemplo, eu me lembro uma, que o Mário de Andrade parece que cita para o Manuel Bandeira, ele falando quando inauguraram a luz elétrica na minha cidade. Então, ele dizia assim: "*A luz elétrica do meu tempo vinha com a lua cheia, cantavam todos os violões em serenatas Hoje, a minha cidade, toda apagada com a luz elétrica...*".

(R.A.S.) - Agora, o professor Witter, para uma nova pergunta:

(J.S.W.) - *Eu sou muito intrometido. Então, não é?, vou fazer muitas perguntas. Uma coisa muito importante, você disse, dos seus 52 anos, eu não fico já tão longe, eu tenho meio século, portanto, eu 'tou mais próximo de você...*

(R.A.S.) - 'Tá perdendo...

(J.S.W.) - Mas 'tou perdendo pouco... E, e, na verdade, a gente... Acho que se, me identificou muito, você em Natal e eu em São Paulo, porque eu sempre dizia a umas amigas que eu tinha, e que sempre falavam em ir para Ipanema, e eu tinha uma frase que eu dizia: *Ipanema é estar na Alameda Santos ou no Ibirapuera, dependendo do seu estado de espírito*. Eu acho que São Paulo realmente é isso. Nós temos muita coisa aqui, que a

gente sente e agora vê mais, porque você viu um outro São Paulo, e fico feliz de você ter descoberto, e vai descobrir, se ficar aqui muito tempo, um São Paulo que pouca gente sabe realmente reconhecer...

(N.N.) - Eu já pude avaliar por esse pequeno espaço, e agora eu trazendo uma exposição, como eu lhe prometi, que a próxima será feita aqui em São Paulo; aí, eu me ambientarei muito mais, se Deus quiser.

(J.S.W.) - É e com um tempo maior, nós vamos promover com mais calma, porque esta sua exposição teve um problema básico, que, é, que são, a coisa da organização dela, pelas mudanças havidas na própria cidade, no próprio sistema de...

(N.N.) - Certo, mas foi tão perfeita que ninguém sente isso...

(J.S.W.) - Mas acontece que ela impediu que gente pudesse ficar mais tempo, talvez, uma exposição mais longa. Quer dizer, você mais tempo convivendo conosco. E nós vamos tentar fazer isso, certamente, você já está se comprometendo...

(N.N.) - Sim, sim, eu falei aqui.

(J.S.W.) - ... e vamos fazer uma coisa realmente, não mais do futebol só, porque nós quisemos aproveitar inclusive o momento, ...

(N.N.) - É, que foi oportuno, não é?

(J.S.W.) - ... que foi muito oportuno, num momento muito feliz, inclusive, não é? E que nós, então, pretendemos fazer, vamos tocar porque...

(R.A.S.) - Para uma nova pergunta sua, o entrevistador Rafael Elia.

(R.E.) - Navarro, voltando um pouco, sobre o aspecto desta exposição, eu gostaria, que você registrasse. Você não trabalha só com nanquim, e você tem um jeito de trabalhar com a aquarela muito especial. Eu gostaria que você falasse um pouquinho sobre a tua técnica, o trabalho com a aquarela, que 'tá registrado com as obras "Bumba-Meu-Boi", aqui no Arquivo.

(N.N.) - Por mais que não se... tecnicamente, assim, quem não entende bem da matéria... Se dá, só pelo Norte, lá na minha região, não sabem bem diferenciar o que seja uma aquarela, ou o que seja guache; o que seja uma aguada, essas técnicas, n'ê? Aquarela é uma, é uma, é uma técnica difícilíssima, é uma revelação de sutileza extraordinária, porque o óleo, você pode reformá-lo.

Hoje, através do raio-X, se vê em Michelangelo, em outros, em Rafael, em outros grandes do Clássico, do Oitocentos, da Renascença, daquela coisa toda, se vê através, pinturas por cima de pinturas, n'ê?. Não gostou, passa uma cor branca ou parda e outra pintura por cima, n'ê?. Ou mesmo retoca. O célebre quadro do filho de Picasso, o Pablo, que tá numa cadeira de veludo, assim, segurando o braço da cadeira, a gente nota perfeitamente que o pé não é o inicial. Também ele fazia bem em não mostrar muito requinte na deformação. Mas ainda não é a fase deformada, antes da Fase Azul, quando ele 'tava no, ainda era um neo-, um para-, um fim de clássico, não é? O retrato, a gente nota o pezinho do Pablo, a mancha, o esboço inicial, para o lado, quando o pézinho pintado, verdadeiro,... quer dizer... Mas na aquarela, a aquarela é definitivo, é como o aguado, você passou a mancha do aguado, você não pode reformar, então, que rasgue! Mas o caso, então, é só isso. É que esse meu amigo, que morreu há pouco, o Magalhães, o Aluísio, o conhecimento dele, técnico e tudo mais, uma vez ele me disse, e agora poucos dias antes dele morrer, antes dele ir para a Itália, quinze dias, ele foi homenageado pela Universidade do Rio Grande do Norte, com o título de Doutor *Honoris Causa*. Eu não tive o contato de vê-lo, infelizmente, porque demorou um dia e meio e teve muita coisa, o reitor homenageou-o, muita coisa. Mas ele foi que me disse uma vez: Navarro, eu queria lhe dizer uma coisa, que você não tenha raiva, você domina esplendidamente o desenho, o seu traço é extraordinário; não tente, não vá muito na cor. Então, aí, eu quero lhe explicar, note que nas minhas aquarelas, o meu desenho é pintado, e não é a aquarela. Eu dou cor ao desenho meu, a aquarela é solta. Dufy, o mestre, que foi mestre da aquarela, ele usa muito raramente o nanquim, embora o nanquim que seja um adendo, assim, da técnica, à aquarela. Mas os bons aquarelistas não precisam de... às vezes, até um crayon, eles usam rápido, assim, por um detalhe, quando mais retrato, assim, mas paisagem, então, quando é natureza, quando é mar, ou rio, ou água... O Dufy, então, era um clássico nisso... Mas é por isso que eu digo, então, que a minha técnica, eu, como não..., vejo que não domino muito a cor, eu, então, cerco meu desenho do mais possível de, de, de fixação, a cobertura ou esboço. Embora aconteça, como tem acontecido, e isso vocês todos sabem, que há excelentes desenhistas e não

pintam bem, e há excelente pintor, que não desenha. Um exemplo, e eu conheci de perto, que marcou a minha pintura também, o José Panceti, um dos maiores marinhistas que o Brasil, e, talvez, naquela época, o mundo teve aqui por perto, nessas Américas. Eu o conheci na Bahia, na fase final. Ele pintava, já 'tava na fase mais bonita, que foi as marinhas de Amaralina, dali até Itapuã, que esse repositório, talvez um dos maiores, talvez esteja, me disse o Jorge Amado, estejam esse repositório, hoje, com o Banco da Bahia, que parece que o diretor era um, foi até deputado ou ministro, se eu não me engano, ...

(S.) - Clemente Mariano?

(N.N.) - ... talvez o Clemente Mariano. Eu sei que é o Banco da Bahia que tem, o Clemente Mariano, se não foi o diretor, é um dos grandes possuidores de obras do Panceti. O Jorge Amado tem, inclusive, um auto-retrato muito bom, um retrato dele feito pelo Panceti, e um auto-retrato também do Panceti, e tem, não dá muita coisa, mas o Odorico Tavares também tinha uma bela coleção, faleceu há anos, e eu tive a oportunidade de ver uma retrospectiva no Rio, logo depois que ele morreu, porque ele foi marinheiro, n'ê? E o Panceti, eu privei com ele, agora, eu tenho pena, na minha vida hoje, é que eu privei com o Panceti na Bahia, e não tenho nenhum desenho dele. Agora, é onde eu quero chegar, o desenho do Panceti, se ele não tem o domínio da cor, porque ele era um economista na cor. Eu digo economista no sentido de economizar cor, não do dinheiro. Tinha uma economia profunda. Bastava uma pincelada duns azuis, de um ultramarinho, de um verde, assim, de um azul-terra, quase, assim, com uma terra, com uma siena, ele dava a você uma profundidade marinha de horizonte, até a água rasa da maré, as praias. E que habilidade no domínio da cor! Mas eu vi os desenhos do Panceti, e se você vê os desenhos do Panceti, não tem essa grandeza toda, não. Ele não dominava bem... Agora, quando ele botava a cor, rimava naqueles traços, aí, aparecia o artista genial que ele foi...

(R.A.S.) - Agora, o...

(N.N.) - Agora, um instante, eu não quero atrapalhar, Dr. Raul, porque eu não quero perder...

(R.A.S.) - Pois não, pois não!

(N.N.) - Há o caso, então, que encontra de repente, não é porque é gênio, não, porque o Panceti o foi... Agora, aqui, no

nosso caso, brasileiro, que desenhista genial era Portinari e que pintor genial foi Portinari!, não é? O desenho de Portinari é uma beleza, e o pintor também foi extraordinário, ninguém pode negar. Aliam-se, às vezes, as duas coisas muito bem. Hoje, geralmente, todo artista desenha muito bem e pinta, ou pelo menos arranha alguma coisa bem, melhor do que os outro, não é?

(R.A.S.) - Agora, o coordenador, e também entrevistador, Raul de Andrada e Silva, quer lhe fazer uma pergunta sobre o Di Cavalcanti, como você há pouco falava no quadro do Picasso...

(N.N.) - Do garoto?

(R.A.S.) - Do garoto, do pé, etc., por curiosidade só, você teve a oportunidade de conhecer o Museu de Picasso em Barcelona?

(N.N.) - Não, não, não.

(R.A.S.) - *Então, se tiver essa oportunidade, não perca porque é toda a fase inicial dele, curiosíssima. Inclusive, uns poucos, três ou quatro, mas muito engraçados, desenhos fesceninos, sobre os quais, eu não posso falar com muita liberdade, mas depois eu lhe direi. Mas eu gostaria de, de, de, de nós, você falou de vários nossos grandes pintores: o Lula, o Cícero Dias, agora o Portinari... Eu gostaria de ouvir o que você pensa a respeito do Di Cavalcanti.*

(N.N.) - Professor Raul uma lembrança extraordinária sua, o que me provoca uma rememoração, memorização. Ah!, eu me lembro. O Rádio Jornal do Comércio tinha um programa, ao tempo que eu estudava no Recife, era uma espécie de encontro marcado, que parece que havia também numa estação do Rio ou de São Paulo. Não era televisão, era encontro marcado, era rádio, rádio. Depois, parece que também, televisão. Bem, o Di Cavalcanti foi um convidado, lá p' r' o Jornal do Comércio, para um programa desses. Então, eu me pego com o Ascenso Ferreira, por acaso no Bar Savoy, bem perto do *Jornal do Comércio*. Ele 'tava bebendo decerto um vinho do Porto e "P' ra onde vai?", ele gostava muito de mim, "P' ra onde vai, Navarro?" Eu digo: *Eu 'tou por aqui, bebendo*. Eu sabia que o Di Cavalcanti 'tava na cidade, n'é?. Eu digo: *Lula, você que se dá tão bem com todos os artistas do Brasil, eu sei tanto que você é querido por todos, que todos quase ilustram seu trabalho, Di Cavalcanti 'tá na terra*. Ele me disse - Ah! Eu 'tou fazendo aquele mundo que ele era n'é?, era

um mundo de carne e um mundo de alma n'ê? E a alma sobrava, passava da carne, n'ê? Um chapelão enorme, parecia um sombrero, n'ê? - E ele disse: "*Eu vou agora abraçar o Di Cavalcanti e tu vais comigo...*" Ora, que beleza! Então, eu fui! Chegamos antes do programa e bati um grande papo. Ele me deu o endereço dele da rua do Catete, que é onde ele tinha um atelier. Ele disse: "*Vai, mas não tem direito de ir na hora em que eu estou com as mulatas. Você avisa, elas vão se vestir, para você poder ir tomar um uísque comigo.*" Nessa fase, ele estava tomando um uísque pesadíssimo, que depois ele até parou. teve de parar. A segunda vez que eu volto ao Rio, ele tinha retornado à Europa, quando ele encontrôu um achado precioso, n'ê? No hotel que ele havia se hospedado, no hotel que ele havia se hospedado antes da Guerra, ele saiu às pressas com a invasão, com a proximidade da invasão de Paris, e ele deixou muita tela enrolada nesse porão desse hotel. E ele consegue recuperar essas telas.

(R.A.S.) - *Telas dele mesmo? De autoria dele?*

(N.N.) - Telas dele mesmo, quando pintava em Paris. E que no aperreio da viagem, muita coisa, cavalete, tinta, aquela coisa. Ele 'tava morando em Paris, mesmo, ele deixou, se não me engano, a *Veja*, não, a *Manchete* ou *O Cruzeiro*, daquela época, não sei se foi a *Manchete*, fez uma reportagem com ele, com essas reproduções. A gente vê que é uma pintura que já está começando aquela fase que ele revelaria mais no auge dele, que são as mulatas, n'ê?. As mulatas do Rio, aquela coisa linda. O que me lembrou também uma figura genial que eu conheci, não tanto. vou dizer, na grandeza do Di Cavalcanti, porque também morreu muito cedo, o Genaro, da Bahia. Ele pintou umas mulatas lindas, e os tapetes dele, então, são lindíssimos. Vão pedir muita licença a Luçart para aparecer na, na, na...

(R.A.S.) - Características muito próprias...

(N.N.) - Muito próprias, muito baianas, n'ê? professor? E, pois bem, a ternura do Di Cavalcanti, aquilo, eu achei aquele monte... também, aquele gordão, aquele bonachão, era uma pessoa admirável. E os que conviveram com ele diziam que era

excelente na farra, 'viu, Witter?... Diz-se que era um copo admirável... É...

(R.A.S.) - Papo também...

(N.N.) - Um papo, n'ê?

(R.A.S.) - Numa mesinha de bar, um papolino assim. Ele viveu muitos anos aqui em São Paulo, n'ê?, ele viveu muito tempo, a partir da Semana de 22, e ele dizia mesmo que não é São Paulo, é o meio em que ele viveu, escritores, artistas, etc. Bem, agora eu 'tou passando assim meio de, de entrevistador a entrevistado...

(N.N.) - Mas o senhor tem vivência para ser, também, entrevistado.

(R.A.S.) - Sabe o que é, o Di Cavalcanti, porque os dois são profundamente brasileiros, São os dois maiores, aliás.

(N.N.) - É e o senhor deve saber, não se davam bem, n'ê?... Houve uma fase em que não se davam bem...

(R.A.S.) - É esse charme de artista.

(N.N.) - De artista...

(R.A.S.) - Mas admiravam-se.

(N.N.) - Ah!, sim, faziam...

(R.A.S.) - E os dois faziam, é claro, apreenderam muito o Brasil, muito, eu sinto muito o Brasil nas telas do Di Cavalcanti, não é só o problema da mulata...

*(N.N.) - A paisagem, o urbano... Então, o urbano é muito denunciado no trabalho dele... Aquela, o Rio que ele gostou tanto, que chegou a... Tem até, ele começou, eu não sei se terminou, uma espécie de autobiografia. Pelo menos, eu tenho o primeiro volume. Eu tenho o primeiro volume. Ele acompanha muito bem a pintura, é o caso, que eu te falava, ele pode escrever muita coisa que, que pintou.*

*Muita coisa do Di Cavalcanti, embora sejam lembranças da juventude dele, é o primeiro volume que eu tenho.*

(R.A.S.) - Eu acho que o Vinícius de Moraes escreveu um poemeto delicioso, não sei se estou bem certo, por ocasião da morte do Di Cavalcanti, evocando o Rio. A sua observação sobre o apanhado dele sobre a atmosfera do Rio de Janeiro, eu me lembro que o Vinícius termina: "Do meu Rio de Janeiro..."; ia ser o último verso, ele acrescentou: "Perdão, pintor, nosso Rio de Janeiro". Agora, o professor Witter, para mais uma pergunta:

(J.S.W.) - Acho que nós estamos chegando ao fim do tempo, porque a vida continua lá fora, embora a gente quisesse, não que ela não continuasse, p' ra poder ficar com você aqui, anos e anos. Mas o mundo não permite que a gente faça isso, a sociedade 'tá aí, correndo. Agora, dizer da importância da sua presença aqui e ouvir um pouco assim, como umas coisas finais, porque ele também vai querer saber, mais uma rodadinha rápida aqui... Além de Natal, que é nosso amor, é meu também, como é que, qual é a outra cidade do Nordeste que você - vamos pensar Nordeste, Sergipe p' ra cima. Bahia, você já mostrou muita coisa - qual é a outra cidade que te encanta?

.....

(N.N.) - Eu tenho ouvido muito falar sobre Recife por terceiros, de terceiras opiniões. E geralmente não gostam, não sei, dão opiniões que não gostam do povo, o povo em si. Mas eu tenho visto, em trabalhos mesmo até de outros, eu tenho reafirmado que chamo o Recife, eu chamo o Recife a capital da minha infância. Natal é a minha cidade. Natal por nascimento e Natal por epifania também, no sentido bíblico e no sentido de fundação de cidade. Mas o Recife foi capital da minha infância porque o egresso de uma província, como eu te falei, que não sabia nem o que era, o que teria sido 1922 nas Artes brasileiras. Quer dizer, sabia do Grito do Ipiranga porque já estava nos livros escolares, dentro da cartilha do ABC. Quer dizer, mas o Recife que me deu aquele alubrimento de que falava o Manuel Bandeira quando se referiu que viu pela primeira vez uma moça nuinha no banho, na beira do Capibaribe. O Recife parece que, em matéria de Arte, é aquela mulher nua, assim, na beira de um rio e de um mar, que me deslumbrou, e que me fez cativar amizades e fui cativo, também de amizades. Eu gostaria muito do Recife, e gosto muito. Mas p' ra morar, somente a minha cidade. Para isso eu queria lembrar à você, encerrando esse meu depoimento sobre cidade a que eu gostaria, onde morar, um verso do Ledo Ivo. O Ledo tem um verso que abre assim, um poema que abre com esse seguinte verso: Amar mulheres muitas, cidade, só uma, e assim mesmo diante do mar.

(J.S.W.) - Acho que Recife tem assim aquela coisa, você disse que muita gente fala mal do Recife e acho que é como São Paulo.

(N.N.) - Não acredito!

(J.S.W.) - Falta aquela vivência que você tem assim...

(N.N.) - Mas o que eu te disse antes, que eu tinha medo da cidade de São Paulo, eu pensava que ela ia me agredir, era agressiva... E no entanto você veja, eu estou em menos de cinco dias dando um depoimento diante de professores, diante de um diretor de arquivo, diante de um funcionário e de um professor de Arte, n'ê?, num centro da maior altitude cultural e social do país, que é São Paulo hoje. E eu estou sentindo que já, tou apontando até o Rafael, que tinha sido meu cicerone, no lugar, isso aqui é aquilo, n'ê?, isso aqui é aquilo outro. E ele disse que já tou conhecendo bem São Paulo. Que tal, professor?

(R.A.S.) - Então, ótimo, os paulistas ficam p' ra lá de lisonjeados. Agora, o Rafael, se quiser dizer uma palavra...

(R.E.) - Eu gostaria mais assim, não seria tanto uma pergunta quanto deixar minha opinião, n'ê?, sobre o seu trabalho, que é... Eu acho que o Newton só deveria realmente trabalhar com o que ele trabalha e faz tão bem que é o folclore, n'ê? Pelo espontâneo e o simples que tá em toda entrevista dele. Pela humildade com que ele declarou, por exemplo, todas as suas influências. Acho que a grandeza dele está em reconhecer essas influências, o seu contato com o Aldemir Martins, com o Caribé e, com tudo isso, ter o traço, o desenho que é só dele. Nenhuma outra pessoa tem, n'ê? Então, para finalizar, eu gostaria de saber qual dos movimentos artísticos contemporâneos que você mais aprecia, se tem algum que te chama mais a atenção.

(N.N.) - Em termos de Artes?

(R.E.) - De Artes plásticas.

(N.N.) - Porque Arte mais contemporânea, você diga, brasileira por exemplo? Ninguém pode negar, o movimento de... Para mim, na minha fase da, do meu trabalho, na minha vivência, a partir do meu tempo de estudante. O Movimento de 22, ninguém pode começar, ninguém pode deixar de... O marco, nós tivemos uma libertação, foi um 7 de Setembro na Arte brasileira, n'ê?, o Movimento de 22. Não pode se negar, não pode se ofuscar também esse movimento assim, idos de, com a redemocratização,

todo o processo político, todo processo histórico, não deixa de influenciar os Artistas e, às vezes, os Artistas precipitam o movimento histórico, o movimento histórico não pode deixar de influir nos movimentos artísticos, no movimento artístico. A redemocratização brasileira influenciou nos poetas, influenciou nos artistas, não tenho a menor dúvida. Daí, por exemplo, nós temos aqui, São Paulo deu um passo enorme na... O Manabu Mabe abre uma perspectiva na pintura, quer dizer que se, não é do meu agrado, mas não vou negar a grandeza do Manabu Mabe. Quer dizer, mas o que eu gosto é um desenho p' ra mim, toda a vida foi, viu professor?, eu nunca fugi do figurativo. Se eu posso dar ao meu desenho uma qualidade minha, um traço meu, uma forma minha, porque eu acho que o principal não é o conteúdo, é a forma. A forma é que, através dela, eu dou o meu estilo. O conteúdo pode ser o deslumbramento do, do Grito da Independência, de Pedro Américo, n'ê? Enorme, monumental, mas as três maçãs numa mesa recoberta de veludo vermelho do Cézanne, quadrinho de 60 x 80, pode ter muito mais grandeza artística do que todo aquele tamanho do Grito do Ipiranga. Quer dizer, eu acho que aí então, é o que você perguntava? Então, o seguinte, as modificações, as vanguardas, essa depois da nossa redemocratização, esse contínuo fluxo que nós estamos sentindo, nós não estamos ainda numa estabilização. Como não estamos numa estabilização política, não estamos também numa estabilização em Arte, não. O mundo tá numa situação para frente, embora seja um mundo cão, como há pouco eu te falava e acho, que é, ainda, muito desumano, ainda, muito à procura de alguma coisa, ainda tateando, embora já tenhamos ido à Lua, embora já tenhamos a ciência no mais alto ponto, mas o homem ainda tem medo do câncer, não é?, ainda há o grito aí nas favelas. Há ainda a desagregação total, que os artistas 'tão revelando. E quando o artista sofre, e ele é mensageiro desse sofrimento, porque ele 'tá sendo mensageiro também do povo, da coisa que ele representa. Eu não vou pintar hoje aquarelazinhas bonitinhas para decoração de salas para coquetéis ou desfiles de moda. Eu devo dar um recado da minha época, eu devo dar um recado de meu povo, dar um recado da minha geração, alguma coisa que fique, boa ou má, mas que ela diga: Navarro 'teve presente á sua idade, a seu tempo, à sua época.

(R.A.S.) - Perfeito! Navarro, eu antes de ressaltar a importância dessa sua entrevista, a respeito da importância da forma numa obra de Arte, eu me lembrei o título de um dos 5 volumes da *História da Arte*, do Elie Faure, que é exatamente este: *O Espírito das Formas*. Mas eu queria aqui, em nome de todos os entrevistadores, e da direção deste Museu, agradecer, mas muito de coração mesmo, a sua presença. E testemunhar-lhe, sem nenhuma espécie de lisonja, que a sua entrevista, certamente, será uma das peças mais ricas deste acervo do Museu da História e do Som... da Imagem e do Som, de São Paulo, que está aqui criando e arquivando. Os pósteros terão muita coisa a aprender com a sua entrevista. Não só as coisas que você ensinou com essa carga de vivência humana, de calor humano, de inteligência humana, que você pôs na sua entrevista. Em nome de todos, muito obrigado.

# Ficção



# O AZUL DA MONTANHA

*Conto de ENÉAS ATHANÁZIO \**

“O sol é o poncho do pobre”

(Dito campeiro)

Em toda a região era conhecido apenas por Caleco. Nada mais. Era filho de Sinhá Vitoca, idosa e papuda, que se tornou célebre pela perfeição com que tecia baixeiros. O pai era desconhecido, não faltando murmurações de que fosse o taipeiro Moisés. Certeza, porém, não havia, pois que isso de paternidade é mera presunção. Somente os mais velhos sabiam disso; os jovens não lhe conheceram sequer a mãe. Como concessão à voz dos primeiros, poder-se-ia dizer que era o Caleco da Sinhá Vitoca.

Um corpo enxuto, a idade indefinível. Alto e simpático, usava bigodes e tinha uma tez morena que gerava a suspeita de sangue negro naquelas veias. O cabelo, no entanto, parecia afastar a hipótese: liso e brilhante.

Criou-se ao deus-dará. Não tinha registro ou sobrenome e não sabia escrever. Sua existência era um fato que nenhum papel podia comprovar. Mas isso não o incomodava e não o fazia mais ou menos feliz. Talvez ignorasse mesmo tais filigranas.

Nunca teve morada certa. Desde menino percorria aqueles campos, que conhecia como a palma das mãos. Não havia carreador, picada ou sanga que lhe fosse estranho. Nem mesmo o rio caudaloso impedia suas andanças, varando-o em qualquer época do ano, tanto nas secas fortes, que punham à mostra as pedras do leito, como nas enchentes tenebrosas em que as águas subiam pelas ribanceiras.

Não tinha defeitos, exceto o fato de que não gostava mesmo de trabalhar. Inútil procurar em sua biografia um só serviço que tenha executado. Acometia-o somente uma inclinação, manifestada como mania, em qualquer lugar ou ocasião, o hábito de varrer. Nessa atividade, a única que condescendia em realizar, era meticuloso e, munido de uma vassoura, limpava casas,

terreiros e até mesmo as estradas diante das propriedades. Por isso, quando aportava em algum sítio, eram comuns frases como esta:

“Ó Don’Ana! Aproveita o Caleco pra varrer o galpão!”

E lá ia o andarilho, assoviando entredentes, livrar das sujeiras o galpão necessitado.

Ninguém sabia por onde andava. Aceito como peça da paisagem, desaparecia e surgia nos lugares mais distantes e nos momentos mais inesperados sem causar surpresa. Silencioso e desinteressado, quando chegava numa fazenda, - e ele as conhecia todas, - ia entrando calmamente, como quem acabava de sair, mesmo após meses de ausência. Cumprimentava com naturalidade as pessoas, desde o chefe da casa até as crianças, tratando-as pelos nomes. Nas noites frias, tão logo chegava, os cães o festejavam. Não encontrava dificuldade para dormir, bastando-lhe um monte de milho, um pelego ou mesmo um assoalho, à falta de coisa melhor.

Sentava-se à beira do fogão, ou do fogo de chão, que ficava aos seus cuidados. Preparava e servia o chimarrão. Perguntava por este ou aquele, comentava o tempo, a qualidade das roças, o preço do gado. Nada dizia e seu próprio respeito. Por ali ficava alguns dias, até que, sem aviso ou despedida, se eclipsava em silêncio.

Não fazia pedidos. Recebendo o de comer, aceitava com alegria; não reclamava quando o esqueciam. Exultava ao lhe oferecerem uma velha roupa para substituir os seus molambos, que, de tão remendados, não tinham mais cor. Ou quando recebia velhas botas para aquecerem seus pés maltratados pelas geadas inclementes.

Quase não falava. Silencioso, sentava-se num degrau da escada, nas noites enluaradas, cercado pelos cães da fazenda, e ali permanecia por horas seguidas, ruminando misteriosas idéias.

Nas vilas era praticamente desconhecido. Evitava-as, dando voltas enormes para desviá-las nas suas incansáveis caminhadas. Seu natural, seu meio, era o campo verde onde os queros gritavam e o vento corria solto. Para ele não existiam cercas, divisas, separações. Toda a imensidão ondulada lhe

pertencia. Tudo varejava a passo rápido, como quem fiscaliza uma propriedade muito querida.

Por muitos anos palmilhou a região, de dia e de noite, debaixo de sol ou sobre a brancura da neve, na companhia das estrelas e com chuva pesada. Nunca praticou um ato maldoso. Jamais foi visto em companhia de uma mulher. Solitário como o campo onde vivia.

Livre e descompromissado como um animal, era um rebelado contra o trabalho. Quando excedia a permanência era fácil livrar-se dele. O patrão, na roda do mate, virava-se para um peão qualquer e dizia:

“João, amanhã você ponha o Caleco no roçado.”

Não protestava, nada dizia. Entendia que estava abusando da hospedagem. Num momento em que os outros se distraíam, desaparecia furtivamente.

Foi numa dessas ocasiões que o vi pela última vez. O sol banhava o verde dos campos, o céu anilado prenunciava geada, o ar era fino e frio. Recortado com nitidez contra o horizonte, galgava lépido uma colina, desenhado como figura solitária sobre o tapete verdejante. Mais ao fundo, longe, muito longe, avistavam-se as montanhas azuladas.

Os negros cabelos esvoaçando ao vento, o passo seguro e decidido, foi o único homem realmente livre que conheci. Sua liberdade só tinha limite no inatingível azul da montanha.

(Do livro **“O Azul da Montanha”**, S. Paulo, Editora do Escritor, 1976).

---

Sobre esse livro, **Luís da Câmara Cascudo** assim se manifestou:

“Muito gratas saudações pelo **“O Azul da Montanha”** guardando tantas vidas na legitimidade movimental dos hábitos e ações. Um pequeno livro que é um horizonte de verismo, emoção, colorido humano. E a simpatia pela motivação, explicando a ternura do pormenor, a precisão fisionômica, a nitidez psicológica. O derradeiro “conto” é uma perfeição sugestiva de figura sem história. Caleco ficou-me indelével. Viverá nos “gerais

catarinenses” como nas caatingas nordestinas. “O Espírito sopra onde quer.” A irresistível mania de velho (tereí em dezembro setenta e oito anos) é ser Profeta. Santa Catarina bata com a mão na tábua dos peitos. Ganhou um grande escritor brasileiro. Natal, 16 de agosto de 1976.”

\* Contista e ensaísta, o Autor tem 33 livros e 13 opúsculos publicados. É o atual presidente da União Brasileira de Escritores (**UBE-SC**) e reside na cidade balneária de Camboriú.

# O VELHO ZÉ BARROCA \*

*Mário Cavalcanti*

Encontrei, certa vez, o velho Zé Barroca, que era, então, uma figura popular do bairro das Rocas. Dei-lhe uma esmola, e batemos um papo.

– Como vai essa ingrata vida, Zé?

E ele, com aquela voz rouquenha de nonagenário, disse: - Seu môço,

Ô mundo véio enganoso

Cheio de mil retocesso

Pensei que o mundo era meu

Saiu-me o mundo asavêssô.

– Você é poeta, Zé? – Não, senhor, sou um pobe sofredor neste mundo de meu Deus.

– Onde mora, Zé? – Debaixo do céu e em cima da terra.

– Você não tem casa? – Minha casa é a rua. E saiu, apoiado a um velho bastão, cumprindo o seu cruel destino...

Aquele homem, curvado ao peso de muitos anos, era a imagem viva do sofrimento. Alquebrado, vagando ao léu, dormindo ao relento, tendo por teto o céu e por cama o duro chão, o velho Zé Barroca ia se arrastando pela vida afora, aos trancos e barrancos.

Quando moço, fora estivador e marinheiro de Marinha Mercante. Viajou muito, e um dia, o navio em que trabalhava naufragou em conseqüência de uma medonha e horrorosa tempestade. Bom nadador, esteve vogando sem rumo durante três dias e três noites, até que, quase morto, foi salvo por outro navio que o recolheu. Reembarcou e, depois de muitos anos de duro labor, doente e já sem força para continuar naquela faina diuturna, deixou o emprego e veio para Natal. Os seus familiares haviam morrido, e ele ficou só no mundo. Aí começa outra fase da sua vida triste e atribulada. Tentou embarcar novamente. Ninguém, porém, atendeu os seus rogos. Era um traste imprestável, um farrapo humano, um pária... Então, para não morrer de fome, viu-se obrigado a recorrer à caridade pública.

Em outra ocasião, nas minhas andanças pelas Rocas, encontrei o nosso amigo Zé Barroca sentado no chão, em baixo de uma marquise, fumando um cachimbo imemorial.

– Bom dia, amigo, que vida é essa? Conte-me mais alguma coisa da sua longa vida. – Seu moço, este véio tem muita coisa que contar. Esta vida, seu moço, é como uma muié bonita. Quando é moça é querida e adulada. Todos a desejam. Os anos vão passando, ela vai ficando véia, chegam as rugas, os cabelos vão ficando brancos, e ela vai sendo abandonada e desprezada. Assim é a vida. Enquanto a gente é moço, trabaia, trabaia, goza nas horas vagas, e nunca se alembra que um dia chega a veíce. Este seu amigo véio já gozou muito e também sofreu demais. Estraguei a vida em cabarés, com bebidas e muiés bonitas que tomavam o dinheiro da gente. Andei pelos sete mares do mundo. Quando chegava a um porto, desembarcava, e fazia grandes farras, percurando, assim, matar a tristeza das grandes travessias, mas o que é certo é que eu tava matando a mim mesmo.

Seu moço, este traste que o senhor tá vendo, sem lar, sem abrigo e sem amigo, não se lamenta e nem maldiz a sua sorte, praque tá pagando pelos seus pecados, que foram muitos e graves. Hoje, só peço a Deus que me dê corage para carregar a minha cruz até o fim. Seu moço, ninguém paga sem dever. Eu tou satisfeito com a minha sorte, praque sei que tou pagando pelos meus erros. (...)

\* Cognominado “mestre de gerações”, o Prof. Mário Cavalcanti (1900 - 1977) deixou – afora o livro “A Tragédia do Mestre-Escola” (Natal, 1952) – vários escritos inéditos, guardados, carinhosamente, pela sua filha, a socióloga Sônia Cavalcanti, secretária executiva da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Dentre esses papéis, a novela “Duas Vidas, Dois Destinos”, da qual transcrevemos o capítulo inicial – “O Velho Zé Barroca” – e parte do segundo.

# Poesia



# O NÁUFRAGO

*Aricy Curvello \**

Os planos que malogram,  
a fortuna que se rende,  
o fado que tem olhos  
de acaso e relógio,  
pelo pesadelo a grande Barca abalroada,  
três mil passageiros se paralisaram no terror da hora,  
em plena noite, ao mar, na baía da Guanabara.  
Alguns, das águas  
recuperados. Um, não dos mais belos, porém dos mais  
jovens,  
fortes ventos e correntes o impeliram para fora  
da barra, para as altas águas, o alto mar,  
roído de peixes,  
que humano já não era, incorporado  
a medusas, a algas, ao  
plenilúnio, às vagas, aos eflúvios do sal.  
Agora, sua respiração percorre o litoral.

(Mais que os Nomes do Nada. São Paulo: Ed. do Escritor, 1996.)

\* Poeta e escritor mineiro, radicado no Estado do Espírito Santo.

# OS CIGANOS

*Gilberto Avelino \**

À margem das estradas,  
as tendas armam os ciganos.  
Apegando-se à terra nua vão.  
E sentem que a vida se renova  
com o sol  
que resplandece em suas mãos.

Exemplo melhor nos dão de solidarismo:  
do chão, da relva, dos frutos,  
dos céus iluminados,  
tornando-se irmãos.

Livremente fazem o que desejam.  
E vendem ilusões com extrema graça,  
decifrando os riscos de outras mãos.

Se sustentam o equilíbrio  
entre o real e o sonho,  
se tredas estórias entoam,  
é por que isso faz parte  
do seu universo de aventuras.  
– Ah, enganam os sabidos que lesaram os tolos.

E os vendo, afinal, em danças de guizos,  
com panos vermelhos às cabeças presos,  
experimenta-se logo a distinção que existe:

vós, senhores, permaneceis tristes,  
e alegres e felizes os ciganos vivem.

\* Poeta, escritor e advogado, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

# TRÊS POEMAS DE NILSON PATRIOTA \*

## EPITÁFIO

(In memoriam do poeta Luís Carlos Guimarães)

A noite espreita, e em mim a Morte já demora.  
A inquietude de um sonho, o travo de uma queixa  
Infundem em meu espírito um júbilo e um martírio:  
A certeza de ser (mas já não sendo)  
O homem que julgava em si conter  
A rota que só ao Destino assinalar coubera.

Tecido de luz (como compete ser o poeta)  
Por que então me alcança o odor dos jazigos?  
O curso irrevogável da sorte criva-me de receio  
A alma e o peito  
E a Eternidade pesa  
Sobre a ventura humana de meus dias.

O ocaso é chegado.  
Amanhã um novo alvorecer vai declarar louvores à vida  
Embora à Morte não enterneçam riso e canto.  
Talvez por isso mesmo esteja calma a tarde  
O dia melancólico, de bares vazios  
Povoados de sonhos e de estéril tristeza.

Só ao capitoso vinho, nas taças que transbordam  
Cabe trazer de volta a graça e o sorriso  
De quem se extraviou no xadrez desta vida.  
"Bebamos à saúde de quem parte!" – alguém  
Conclama, ao tilintar dos copos.  
O Poeta se ergue e declama.  
(Seu verso é um epitáfio)  
E ele o diz severo  
Como se em bronze seu nome ali gravasse.

## MEU PAI

Pela verde paisagem segue o inverno  
E na tarde molhada cuido pressentir –  
Como a lembrança que o dia dissipa  
Ao término do ocaso – os passos de meu pai.

Inútil o anseio humano:  
Se tudo há de ter fim, por quê perseverar  
Quando a escolha é sempre a inglória lida  
E a última alternativa (e árdua certeza)  
O viver e morrer e ao caos voltar ?...

A uns (com digno aprendizado brinda a sorte)  
Aos menos afortunado, nem tanto.  
Mais que todas as escolas a que fui conduzido  
Educou-me a cumplicidade dos livros  
Da biblioteca de meu pai.

Ainda menino, lia-os conrito  
Neles querendo ver a essência das coisas que buscava  
Sob o alpendre da casa silente e antiga  
Meu pai fitava os tons calmos da tarde  
Um ar de solidão a arquear-lhe a boca.

Ante a avareza do tempo e a secura da terra  
(Elementos que fiaram arduamente sua sina)  
O desânimo limava-lhe a seca vida  
Enquanto exausto ele meditava.  
Na tarde que morria seus olhos repousavam

Sobre a árida paisagem em que a lua  
Em breve espalharia sua luz de prata.  
O rosto pensativo (as mãos cansadas)  
Parecia ensejar a venturosa graça de em breve partir  
Despojado de bens e de memória.

Sua tênue presença foge e se desfaz.

## MEUS ANCESTRAIS

Tudo que sei de meus ancestrais  
É que foram vassallos de príncipes e reis.  
As inquestionáveis circunstâncias da vida  
Fê-los tomar o rumo da América.  
Aqui (onde o *Eldorado* prometia algo mais  
Que a postulação da liberdade  
E a fortuita intemperança com as índias)  
Estabeleceram seu campo de trabalho  
E, quiçá, de aventuras.

Compreensível ao senso comum  
E a toda a razão  
Formaram legiões em guerras e campanhas  
De cega obediência ao sadio heroísmo.  
Como Cruzados,  
Na reconquista do Sacro Sepulcro;  
Cavaleiros Templários,  
Na incomutável busca de ouro e do Graal.  
Julgo vê-los batendo-se em cruciais batalhas  
Nas quais desposaram o horror e a glória  
Avançando contra o lampejo da lâmina adversa  
Ou se entregando ao errante fulgor do violento sabre  
Ao impacto casual do gládio inimigo.

Oh, cavalgatas ! Oh, temerárias guerras  
Em que intemoratos ancestrais morreram  
No fragor das batalhas pela glória de Deus  
E a magnificação de um rei comensurável!  
Um mítico avoengo –até hoje me dizem –  
Nas hostes de D. Sebastião –o Encoberto –  
Em África combateu.  
Ao perecer, levava em sua mão –oh ironia ! –um épico poema  
Cujo instigante teor é dado a conhecer  
Ao inexorável mar de areia em que naufraga.

\* Escritor e poeta, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras



# Casa da Metáfora

*Paulo de Tarso Correia de Melo\**

\* Professor da UFRN, autor de *Talhe Rupestre*, Natal: *Secreta Biografia* e *Folhetim Cordial da Guerra em Natal* e *Cordial Folhetim da Guerra em Pamamirim*.



Uma das aberrações mais frias que as histórias literárias registram são as menções enigmáticas ou kenningar da poesia da Islândia. Propagaram-se até o ano 100, época em que os thulir ou rapsodos repetidores anônimos foram destituídos pelos skald, poetas de intenção pessoal. [...] foram o primeiro prazer verbal deliberado de uma literatura instintiva.

*Jorge Luis Borges*

O orvalho é a lágrima das flores  
a flor é o sorriso da criança  
a criança é o bálsamo das dores  
e a mulher é a nossa esperança.

*Anônimo cantador popular nordestino*

Para Ana

## OSLO

Os olhos de Eric, o Ruivo  
e os cabelos de Olaf, louros,  
restos de idades de ouro,  
ainda andam pelo mundo.

Eles navegaram sob os astros.  
Sabiam caminhos de ir e voltar.  
Mudaram árvores em mastros  
e plantaram florestas no mar.

Inverno e distância despojaram  
sua forma de ornato. Inventaram  
sagas de aventura e conquista.

Guerreiros do cotidiano continuam  
a ser e mercadores de sonho:  
conduzem barcos para turistas.

## Rapsodo viking I

Ferreiro das canções - o bardo  
tange  
madeira de júbilo - a harpa

### Consulta

o caminho da lua  
o prado da gaivota  
a viagem do vento

Saindo da boca - forja do canto  
por entre os penhascos das palavras - os dentes  
o que era maçã do peito  
coração  
torna-se dura pedra de pensamento

## Rapsodo viking II

Sobre as montanhas do peito  
- casa do alento  
nave do coração -

a cabeça  
- castelo do corpo  
forja da canção -

dirige o poema que tange

- força do arco  
país dos anéis -  
a mão

## Casa da metáfora

A língua  
    espada  
na bainha  
    do silêncio

A língua  
    esbarra  
no penhasco  
    da palavra

## Tempo

O tempo  
    rei  
Senhor dos anéis

O tempo  
    rio  
terra das redes  
país de enredos  
orvalho do morto

# Aventura

Enche do  
sangue dos penhascos  
a  
taça dos ventos

Sorve  
a beleza  
e terror  
do momento

## Mar

Caminho das velas  
Prado das gaivotas  
Prisão das ilhas:  
o mar  
Espelha o céu  
Caminho da lua  
Taça dos ventos  
e o sol  
Fogo do ar

## Guerra

Encontro de homens  
jogo de escudos  
vôo de lanças  
trato de espadas

chuva de ferro - a batalha

Depois  
a delícia dos corvos  
a alegria dos lobos  
a festa das águias

## Paz

No corpo - morada dos ossos -  
no coração - maçã do peito -  
a paz - repouso das lanças

Tanjo

a harpa - madeira de júbilo

vejo

a flor - mãe do perfume

ergo

ao céu a taça dos ventos

## Duelo

Um chamou-lhe Irmã da lua  
falou de rosas no rosto

- Mãe do perfume,  
luas na frente - disse outro

Segue-se jogo de espadas  
bronze das discórdias

Espada é vara da ira - disse um  
Provarás remo do sangue - disse outro

Filha do acaso - a sorte  
Tecido da espada - a morte

## Amor

Bosque do ventre  
assembléia de espadas  
encontro de fontes

terra de estrelas  
piso das tormentas  
leito da serpente

## Lembrança

Tecelã da paz  
tece em prata  
neve da mão  
a cota  
vela da  
nave do coração

## Soneto viking

Meu peito é arado pela espada - terra  
onde cresce a semente coração,  
represa o alento e o suor da guerra  
e anseia tuas mãos de tecelã

capaz de desatar a paz e a lã  
e a água que nos penhascos se encerra  
e de fazer retornar a manhã  
quando ela em outras terras se desterra.

Só sei é que ao final de tanta guerra,  
se não me escapa a vida temporã,  
se em lugar ignorado não me enterra

trato de lança ou olhar de castelã  
- desde que o olhar deseja e a carne erra -  
distinguirás verdade e jura vã.

## Imagem

Espada envolvida em seda  
entre colunas pendida.  
Alva chama no silêncio  
do tempo desembainhada.

Rosa de fogo perfeita,  
é arma e também ferida  
e bálsamo competente  
para o orgulho na batalha

que antiga, põe frente a frente,  
dois a dois gladiadores  
medindo causas perdidas,

derrotas antecipadas,  
em colinas escondidas  
e campos de ferro e flores.

## Soneto celta

*- Como não tem nada a ver?  
[...] e os soldados do rei Arthur pendurados no  
cordel?  
e a magia de Merlin nas histórias do sertão?*

Gilberto Mendonça Teles

Cai um loar bretão por estas landes,  
navega o ar mor capitânea do céu,  
magia de Merlin no sertão grande,  
soldados de Arthur pendurados no cordel:

as estrelas, enganchadas na fronde  
do juazeiro sagrado, mastaréu,  
e ventos vindos de não sei de onde  
batem folhas e folhas de papel.

Emigração da lenda se expande  
entre dólmens de lajedos e serrotes  
de uma transfigurada Florilande,

onde vaqueiros perdidos, lancelotes,  
procuram o caminho de Avalon  
nos espinheiros de Broceliande.

---

---

*IMPRESSÃO E ACABAMENTO*  
Oficinas Gráficas da EDUFRN  
Editora da UFRN, em dezembro de 2002.



ISSN 0567-5995



9 770567 599002